



**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - PMPEDU**

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA SANTANENSE A PARTIR
DA ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO MUSEU DE PALEONTOLOGIA (1985-
2016)**

EDILÂNIO RODRIGUES MACÁRIO

**CRATO-CE
2019**

EDILÂNIO RODRIGUES MACÁRIO

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA SANTANENSE A PARTIR
DA ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO MUSEU DE PALEONTOLOGIA (1985-
2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação-PMPEU da Universidade Regional do Cariri-URCA, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração da Linha 1, Práticas Educativas, Culturas e Diversidades.

Orientador: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva

**CRATO-CE
2019**

Ficha Catalográfica Elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva CRB 3/1000

Macário, Edilânio Rodrigues.

M115c A construção da memória histórica santanense a partir da
atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985- 2016) /
Edilânio Rodrigues Macário. – Crato-CE, 2019
156p.; il.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional
em Educação PMPEDU da Universidade Regional do Cariri – URCA
Orientador: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva

1. Museu de Paleontologia, 2. Narrativas, 3. Identidades,
4. Educação Patrimonial; I. Título.

CDD: 363.69

EDILÂNIO RODRIGUES MACÁRIO

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA SANTANENSE A PARTIR DA
ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO MUSEU DE PALEONTOLOGIA (1985-2016)**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Educação – MPEDU do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Práticas educativas, culturas e diversidades.

Orientador: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva.

Aprovada em: 04 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva (Orientador)
(URCA)

Profa. Dra. Cícera Nunes (Membro Interno)
(URCA)

Profa. Dra. Iara Maria de Araújo (Membro Interno)
(URCA)

Profa. Dra. Francisca Pereira dos Santos (Membro Externo)
(UFCA)

*Dedico este trabalho à minha esposa e ao meu filho Álvaro, que está a caminho, os quais
contribuíram diretamente enquanto motivadores para que eu continuasse;
Aos que acreditam na educação como forma de transformação da sociedade.*

AGRADECIMENTOS

À minha família, pai, mãe e aos demais que acreditaram em minha capacidade de lutar pelos meus anseios, em especial, às duas avós (materna e paterna), as quais se fazem sempre presentes, sempre acreditando se prestando a torcer pela efetivação deste momento, por confiarem em minha capacidade de seguir em frente desde quando entrei na URCA.

À Maria Aldejane Lopes Silva, esposa que me seguiu e acompanhou desde o início desta jornada, representando um alicerce neste processo de formação, sempre me motivando e sempre sendo motivo que imperou e significou para continuar as minhas lutas diárias, representando as bases amorosas que precisava para continuar. Pela cumplicidade e afetividade nos nossos projetos e objetivos, sempre me dando palavras de incentivo, dialogando e sendo compreensiva, que a todo momento esteve comigo dividindo os momentos que vivi nesta etapa de formação. Por conceder nesse interstício uma das maiores felicidades que alguém pode ter em sua vida: nosso filho.

Ao Tiago Rodrigues, amigo, sempre compartilhando as angústias da vida acadêmica e que sempre me acompanha na minha trajetória desde a graduação. Agradeço pela acolhida em sua casa no período de disciplinas cursadas e por toda a prontidão nesses momentos, pela torcida que sempre demonstrou nessa longa jornada.

Aos professores da rede básica de ensino, os quais tenho muito apreço e reconhecimento por cada contribuição que puderam difundir em minha história de vida. Pelos ensinamentos, pelas indicações, pelo incentivo e por acreditarem em mim até hoje. Estes profissionais que puderam contribuir de maneira eficaz e produtiva para este trabalho e que continuam enfrentando inúmeros desafios em suas labutas diárias. Que este trabalho possa significar algo positivo, que possa dar alento a estes e fazê-los acreditar que suas lutas não foi e não continuam a ser em vão.

Aos Professores do Programa de Mestrado Profissional em Educação (PMPEU) da Universidade Regional do Cariri (URCA), seus funcionários por terem possibilitado minha formação *strictu sensu*, especialmente à Cícera Nunes, Ariza, Dulcinéia, Zuleide, Josier e Iara, os quais tive a oportunidade de ampliar os conhecimentos nas disciplinas que ministraram, um contato mais profícuo e maior proximidade.

Aos narradores desta pesquisa, os quais puderam sedimentar todas as falas e permitiram que fossem usadas para construção do trabalho. Tenho que reconhecer todo o esforço que tiveram ao se permitirem serem gravados e alguns que tiveram bastante dificuldade, mas que se mantiveram de pé.

Ao Josier Ferreira da Silva, orientador, não só pela formação e pela aprendizagem acadêmica nestes dois anos de orientação, mas por ser um profissional humilde, humano, sem vaidades e que pensa no outro. Pela confiança e pelo apoio incondicional, ao incentivo a seguir em frente, pela abertura em deixar o trabalho fluir e por me fazer superar novos desafios e ir em busca do novo. Espero poder retribuir todas as ajudas que me forneceu.

Aos membros da banca de defesa, **Francisca Pereira dos Santos (Fanka), Cícera Nunes e Iara Maria de Araújo**, pelas contribuições tecidas nos seus comentários e pela dimensão de afeto que demonstraram pelo trabalho. Isso ratifica o quão importante é enxergar um dado trabalho por diversos pontos de vista, sempre buscando o seu aprimoramento e afinação.

Aos representantes do Museu de Paleontologia, pelo espaço fornecido para entrevistas e discussões sobre o Museu, sobretudo direção, coordenação e guias.

Aos Gestores das escolas e aos alunos participantes das oficinas, pela acolhida e estima com o trabalho, especialmente nas pessoas de Brígida Rodrigues, Jucilene Alencar, Cícero Ferreira Alves, Cynara, dentre outros que se dispuseram a contribuir e que estiveram na linha de frente para realização das oficinas. Os discentes puderam interagir e fornecer dados preciosos para tal trabalho, foram peças fundamentais para tecer toda esta pesquisa e ajudar a pensar em algo que pudesse ficar na escola como marca deste trabalho.

MUITO OBRIGADO!

“A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.

Paulo Freire, 1996, p. 15.

RESUMO

O presente trabalho representa o esforço de um estudo no qual buscamos analisar como ocorre a construção da memória histórica de Santana do Cariri, região do extremo sul do Ceará, a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia no recorte temporal de 1985 a 2016. Com isso, entendemos que se fez necessário o empreendimento e utilização de entrevistas orais com determinados sujeitos selecionados, a saber: estudantes, gestores, guias, professores, munícipes, os quais trazem à baila discursos importantes para se analisar os objetivos desse estudo. Para tanto, levaremos em consideração a grande dimensão e importância desta matriz institucional para o referido município no tempo presente no que tange à proteção dos artefatos fossilíferos, bem como as ações educacionais realizadas nas escolas da região. Dentro de uma proposta visada pelo mestrado profissional, destacamos as intervenções, através de oficinas, nas escolas municipais com vistas a estabelecer um trabalho na cidade em torno desse Patrimônio, e, conseqüentemente, otimizar ações que trabalhem com esta temática nas escolas. Assim posto, buscamos com isso, considerar as mudanças e permanências dadas nesse espaço temporal, no que diz respeito aos discursos levantados acerca da atuação do Museu frente às escolas presentes na região e que detém uma história da Terra em seu acervo. Com isso, nitidamente enxergamos que o espaço aludido é reconhecido veemente e permite a construção de uma identidade aos moradores locais, uma vez que resguarda, protege e lança luzes para um passado fossilizado, trazido à tona no presente através destes artefatos. Para tanto, nessa análise buscamos amparo nas contribuições e reflexões teóricas sustentadas pela história oral, a memória e história, bem como autores que comunguem com a atuação educativa como categorias de análise teórica e metodológica que embasem a efetivação desse trabalho, com o intuito de se compreender os discursos, os depoimentos e as entrevistas que têm ajudado a construir a memória histórica santanense ao longo do recorte temporal aludido. Assim, procura-se salientar nesse estudo, um esforço categórico no sentido de apresentar a importância deste monumento por meio de pesquisas e intervenções nas escolas, a fim de deixar clara a importância de se pensar na preservação deste na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Museu de Paleontologia. Narrativas. Identidades. Educação Patrimonial.

ABSTRACT

The present work represents an investigation effort that seeks to analyze the formation of historical memory of Santana do Cariri, southernmost region in Ceará, based on a pedagogical intervention of the Museum of Paleontology ranging from 1985 to 2016. Hence, we understand that oral interviews with certain subjects were required, namely students, managers, guides, teachers, citizens, who bring up important discourses stemming to this study objectives. We take into consideration the large dimension and importance of such an institutional reference for the aforementioned town regarding the conservation of fossiliferous artifacts, as well as educational initiatives carried out by schools in the area. Under the perspective of a Master's Degree, we highlight the interventions, through workshops, in municipal schools so as to establish actions concerning such heritage, and, eventually maximize actions tackling the topic in schools. Thus, we sought to consider changes and remains seen in the space-time regarding discourses related to museum approaches to schools in the area, which have an archive on Earth. We believe that the space is recognized and allows to form identity among local individuals, since such space safeguards, protects and sheds light on a fossilized past, brought to life now thanks to the artifacts. We rely on contributions and theoretical support coming from Oral History, Memory and History, including authors who support educational actions as theoretical and methodological analysis, so as to make this research viable, aiming at understanding discourses, narratives and interviews that have been helping to form a local historical memory through time. In this study, we seek to highlight the importance of the monument through researches and interventions in the schools in order to clarify the importance of the monument in town.

KEYWORDS: Museum of Paleontology. Narratives. Identities. Heritage Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Localização dos Geossítios do Geopark Araripe.....	29
Figura 02: O chamado "Bar cidade", na década de 1950.....	41
Figura 03: Museu em 1985 por ocasião aniversário do município.....	42
Figura 04: Museu de Paleontologia da URCA, 1985.....	43
Figura 05: Museu de Paleontologia em 1991.....	45
Figura 06: Fotografia do prédio do Museu de Paleontologia após a reforma em 1997.....	46
Figura 07: Fotografia do prédio do Museu de Paleontologia após a reforma em 2008.....	46
Figura 08: Libélula <i>Chordulagomphus araripensis</i> , símbolo do Museu de Paleontologia.....	65
Figura 09: O sentimento de pertença à Santana demonstrado por uma moradora.....	69
Figura 10: Visitas ao Museu de Paleontologia.....	107
Figura 11: Visitas ao Museu de Paleontologia.....	108
Figura 12: Projeto Museu na comunidade.....	114
Figura 13: Projeto Museu na comunidade.....	115
Figura 14: Representações dos alunos sobre o Museu.....	126
Figura 15: Representações dos alunos sobre o Museu.....	126
Figura 16: Retratos do Museu.....	127
Figura 17: Alunos construindo suas visões sobre o Museu de Paleontologia.....	128
Figura 18: Alunos construindo suas visões sobre o Museu de Paleontologia.....	128
Figura 19: Representações iconográficas do Museu pelos alunos.....	129
Figura 20: Representações do Museu.....	130
Figura 21: Alunos apresentam painéis.....	130

LISTA DE MAPAS E GRÁFICOS

Mapa 01: Cariri Cearense.....	27
Mapa 02: Localização do município de Santana do Cariri na RMC.....	39
Gráfico 1: Número de visitantes em 2016 ao Museu de Paleontologia.....	106
Gráfico 2: Número de visitantes em 2017 ao Museu de Paleontologia.....	106

LISTA DE SIGLAS

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOM- Conselho Internacional de Museus

IPECE-Instituto de Pesquisas e Estratégia Econômica do Ceará

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB- Leis de Diretrizes e Bases

MPPCN- Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens

RMC-Região Metropolitana do Cariri

UNESCO- Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas

URCA- Universidade Regional do Cariri.

FUNCEME – Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1	
A EMERGÊNCIA DO MUSEU DE PALEONTOLOGIA EM SANTANA DO CARIRI: NA AURA DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA.....	24
1.1 Sobre a localização do recorte espacial da pesquisa no Cariri cearense.....	25
1.2 Reflexões sobre o conceito de Museu no tempo.....	31
1.3 A História do Museu de Paleontologia: o discurso de surgimento do espaço museal em Santana do Cariri.....	37
1.4 Reminiscências de um autor participante.....	48
1.5 Memória, história e educação patrimonial: um panorama teórico-metodológico do tema pesquisado.....	52
CAPÍTULO 2	
MUSEU, NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES: A DIMENSÃO DOS DISCURSOS ORAIS SOBRE O MUSEU DE PALEONTOLOGIA NA PERSPECTIVA DOS MORADORES DE SANTANA.....	63
2.1 Caracterização e impressões da experiência diante das entrevistas: as marcas da pesquisa.....	65
2.2 A identidade e a memória em foco: importância, desafios e prospecções sobre o Museu a partir dos saberes populares locais e as relações de pertencimento com o objeto.....	68
2.3 No epicentro dos discursos: desafios apontados pelos narradores ao falarem do Museu.....	77
2.4 Na teia das narrativas, os apontamentos: a (im) possibilidade de ações a serem implementadas.....	87
2.5 Lugar de memória: o Museu e as escolas, relações possíveis, projetos e a educação patrimonial em xeque.....	95
CAPÍTULO 3	
O REFLEXO DAS AÇÕES EDUCATIVAS DO/SOBRE O MUSEU DE PALEONTOLOGIA E SEUS IMPACTOS NO ÂMBITO EDUCACIONAL.....	101
3.1 As ações pedagógicas no plano educacional: possíveis reflexões acerca do patrimônio.....	102
3.2 A relação entre Museu e a educação patrimonial nas escolas de Santana: relatos de uma intervenção pedagógica.....	111
3.3 Apontamentos para se trabalhar a educação patrimonial envolvendo o Museu de Paleontologia.....	115
3.4 A escola como lugar de educação patrimonial: intervenções realizadas e seus reflexos.....	122

CONCLUSÃO.....	133
REFERÊNCIAS.....	138
APÊNDICE A.....	148
APÊNDICE B.....	149

INTRODUÇÃO

Entender como se constrói uma memória histórica a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia de Santana do Cariri no recorte 1985-2016 constitui objeto de pesquisa desta dissertação.

Entre outras razões, importou investigar, pesquisar e analisar tais questões: como se constrói uma memória histórica no município a partir das representações formuladas ao longo do tempo sobre o Museu de Paleontologia no âmbito educacional? Como funciona o Museu de Paleontologia na visão dos moradores do município, essencialmente aqueles que estão no campo da educação? Que ações têm sido realizadas nas escolas do município para potencializar o trabalho com o patrimônio Histórico ali presente ao longo do recorte 1985-2016?

Tais problematizações são peças-norteadoras que impulsionaram todo o andamento do trabalho, que teve como mote pesquisar com sujeitos históricos e suas relações com determinado patrimônio histórico para a região.

Os contornos que este objeto de pesquisa ganha é muito maior do que se imagina, tal que ao colocá-lo em evidência, vários foram os discursos que emergiram tocando na sua importância e nos pontos desafiantes ao tratar da temática. Alguns dos narradores, ao serem colocados como falantes, viram suas palavras ganharem ar de manifestação ou de apreço ao objeto, dotadas de tamanho valor que seria transposto para o documento escrito.

Com isso, cabe enfatizar os objetivos empreendidos nas seguintes ações que conjecturamos: Interpretar as narrativas dos moradores do município acerca do referido espaço de memória, procurando analisar como este é concebido na região pelos sujeitos históricos nele inseridos; Analisar a importância da atuação de tal patrimônio no espaço escolar, uma vez que é criador e legitimador de memórias no local; Refletir acerca desse espaço de memória no campo da educação local e regional, levando em consideração as visões apresentadas sobre esse patrimônio no tempo presente; Compreender o caráter atribuído a tais riquezas por alguns escolares das escolas do município, tomando por base a ideia de como esta Instituição vem atuando nas escolas da cidade e arredores.

Ora, a afetividade construída por alguns depoentes em relação com o Museu ficou clara em determinadas narrações. Porém, outros foram em linha assimétrica e puderam falar, demonstrar suas angústias e fazer apontamentos, pois viram naquela oportunidade o carro-chefe para serem ouvidos. E, nessa direção, por vezes a escrita nos coloca em posição de

soberanos, pois aqui são desenhadas as palavras que desejamos repassar. Mas o questionamento perante algumas narrações é inevitável.

Nessa proposta de estudo apresentei o desejo de realizar a efetivação do trabalho com a educação patrimonial, cuja proposta se adequa ao espaço destacado na Linha de pesquisa 1, qual seja, “*Práticas educativas, culturas e diversidades*”, e o que pressupõe a sublinha 2, qual seja “*Patrimônio, Práticas Culturais e Etnias*”; pois compreendi que a oportunidade de executar tal estudo é de fundamental relevância para o aprofundamento dos conhecimentos sobre patrimônio e ensino, não somente em Santana do Cariri-CE, mas no âmbito regional, dado o pioneirismo do trabalho em tela até então nesta região caririense.

Uma das motivações a que me propus a desenvolver nesta pesquisa foi, sem dúvida, abrir espaço para a temática patrimonial. Sabemos que o Cariri é um caleidoscópio riquíssimo em patrimônio de suas mais diversas naturezas: histórico, social, cultural, ambiental. Isso me convocou a colocar no Museu de Paleontologia de Santana um lugar de memórias que pode eclodir diversas roupagens diante de uma formatação de trabalho que envolve diversos sujeitos.

Dentro dessa perspectiva, o relacionamento que se ganha com o objeto de pesquisa nos coloca em uma posição, muitas vezes de deslumbramento, de vangloriação, de retidão ao tamanho e aos estatutos que este prédio detém no tempo presente. Mas não fugi à regra e me mantive posto à escuta de diversificadas narrativas, sempre “desconfiando”, questionando as falas e o lugar de onde seus sujeitos estavam falando. O Museu é, inegavelmente, importante para o município, mas é necessário problematizar alguns discursos que se manifestam e propagam seus ideários a partir de um lugar de fala no tempo.

Nesse sentido, o encontro com a pesquisa foi o mais importante durante todo o processo, pois foi isso que me instigou a escrever e buscar acertar, sempre trazendo para o campo científico e demonstrando uma identificação muito forte com o tema. O resultado já se imagina: mesmo que errasse em alguns pontos, que fosse por uma causa e uma tentativa de implementação de ideias que me propus a desenvolver, já estaria no caminho correto, pois essa experiência trouxe consigo um sentimento sem-par.

Assim, as palavras aqui construídas e tecidas à luz de várias vozes são carregadas de sentidos e significados vários: autor, narradores e suas subjetividades foram imprescindíveis para tomar conhecimento de assuntos que não se tocava tanto, levados a efeito pelo narrador dessa dissertação.

A partir disso, posso combinar o exercício da escritura do trabalho como algo que trouxe aprendizado, pois me impus a necessidade de rever conceitos e trabalhar outros,

enxergar novas ideias e desconstruir outras postas, sem deixar de lado a seriedade a que me propus durante todo o curso do trabalho. Isso tudo foi levado ao campo educacional através de intervenções importantes, nas quais os alunos puderam interagir e construir o conhecimento conjuntamente.

O mais importante nesse andamento é relatar as experiências com o Museu, o vivido ou conhecido e o que tem por se conhecer e produzir ainda. Essa nervura que pulsa na construção da memória histórica é demasiadamente relevante, pois é ponto de encontro e desencontros de várias narrativas, assentadas no teor dos discursos e nas posições de fala.

A euforia e emoção de dar contornos a tal trabalho me fez pensar que precisava levar algo às escolas, à comunidade que cresci. E passando por vários narradores, aprendi que devemos ouvir mais e tentar ajudar, retribuir pelos papéis que foram conquistados. Basta considerar que estamos devolvendo às escolas aquilo que as mesmas se propõem a repassar: conhecimento.

Na posição de escrita, vemos as variações que poderemos sentir no tempo, nos espaços e nos diversos sujeitos, cada um com sua pertinência e suas convicções. Os discursos ecoam como vozes que buscam no registro histórico uma maneira de enaltecimento ou protesto contra o objeto em estudo, e, por tabela, cravam suas marcas na escrita do documento que se produz nesse momento.

Em que pese a esta vitrine de ideias, que ressoa saberes múltiplos, precisam ser compreendidos na sua dimensão afetiva, na autoestima, no escutar o outro. E mais: essa foi uma atividade importante para dar sentido ao trabalho que nos propusemos a executar, imprimindo a arte da escuta que permitiu aprender com o que é falado, aplicando lições diversas a partir do exercício da escuta.

Em contrapartida, as dores da escrita são muito visíveis nessa etapa em que temos que repassar para o texto aquilo que quis ser transmitido e ainda se provocar a analisar os vários campos formais e não formais presentes nas falas. Aliás, o processo de construção desse objeto se faz à luz de rupturas, continuidades, ressignificações e reconstruções. A recepção da fala nos convoca a processar suas intencionalidades e filtrar seus desejos face aos nossos interesses, daí resultando a escrita.

Nos desdobramentos desse trabalho circundam esferas diferenciadas que perpassam pelo crivo de saberes populares e formais. E isso nos faz constatar que os saberes permeiam os vários lugares sociais e precisam ser valorizados. Prova disso é visto quando o narrador apresenta um apreço tal que nos permite entender o impacto dessa matriz em sua trajetória de

vida, o que ratifica as raízes que este carrega com o patrimônio e favorece a implementação de ações que conjuguem a esfera popular e educativa.

Para Átila Tolentino:

Outro fator importante para o sucesso das ações educativas de preservação e valorização do patrimônio cultural é o estabelecimento de vínculos entre políticas públicas de patrimônio às de cultura, turismo cultural, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano e outras áreas correlatas, favorecendo, então, o intercâmbio de ferramentas educativas de modo a enriquecer o processo pedagógico inerente a elas. Dessa forma é possível a otimização de recursos na efetivação das políticas públicas e a prática de abordagens mais abrangentes e intersetoriais, compreendendo a realidade como lugar de múltiplas dimensões da vida (2012, p. 28).

É válido reiterar que o curso desse trabalho é oriundo de um anteprojeto de mestrado iniciado em 2017 na seleção de Mestrado da Universidade Regional do Cariri-URCA. Uma seleção muito disputada e que culminou em sua primeira turma de mestrado profissional em educação da região, bastante almejado.

A experiência foi marcante, pois as dores do processo me consumiam a cada etapa, que, necessariamente, nos colocava em mais um desafio a ser vencido. Eis que a aprovação veio e com ela a responsabilidade de desenvolver este trabalho de cunho relevante para a região.

O exercício de compromisso nos permitiu amadurecer em vários aspectos e isso nos colocou um desafio de ir a campo para a efetivação dessa proposta. Refletir sobre a educação patrimonial se tornou algo extremamente urgente no campo educativo na contemporaneidade, pois os sujeitos deste campo são responsáveis pelo compromisso social enquanto cidadãos.

É com esse pensamento que pretendemos focar na importância de se trabalhar a Educação Patrimonial nas escolas, tendo em vista a possível atuação e parceria do Museu de Paleontologia, objetivando oferecer maiores conhecimentos sobre tal espaço para os alunos do referido Município, além de permitir uma aproximação maior com a temática do Patrimônio Histórico, bem como apresentar o mesmo para que possam conhecer e preservar.

É preciso compreender que:

A Educação Patrimonial, assim, deve levar em consideração que os processos educativos devem ser de base democrática, primando pela construção coletiva do conhecimento e pela participação efetiva dos diferentes atores sociais detentores e produtores das referências culturais (LIMA, 2012, p. 53).

Esse papel incumbe aos professores a necessidade de aperfeiçoamento, de lucidez e implementação de estratégias que vão ao encontro do conhecimento e de experiências satisfatórias que possam abarcar o referencial refletido pelo Museu.

A originalidade desse trabalho gera expectativas, pois até então não se tinha trabalhado o Museu num âmbito tão ousado e reunindo tantas categorias: história oral, narrativas, memória e patrimônio. Santana do Cariri tem em seu espaço uma riquíssima fonte de estudos que precisa ser valorizada e explorada no seu currículo escolar. Daí as tessituras que sustentam o mesmo, pois visa exatamente deixar algo de cunho educacional na cidade.

Nessa linha, percebemos que os tons a que este trabalho se propôs nos convidam a pensar sobre os usos que podem ser feitos deste Museu para que possa continuar com os objetivos a que se propôs desde a sua criação. Como também implementar discussões que embasem esse trabalho nas escolas e em outros espaços, a fim de incitar outros debates e suscitar outras ideias.

No que toca ao que tem sido escrito e falado sobre o Museu, encontramos muitos trabalhos envolvendo o viés paleontológico e pesquisas nesse rol, com classificações diversas quanto aos fósseis do equipamento, mas bem opostas ao que propomos nesse estudo, já que trabalhamos aqui no âmbito cultural, da afetividade e da memória sobre o Museu, com intervenções diretas no âmbito escolar.

Esse desafio nos alça à ideia de que se deva desconstruir algo que antes era visto como fixo e cristalizado e buscar entender e enxergar tais elementos com outros olhos e por outros ângulos. A pesquisa em tela nos fez perceber isto: é necessário escutar e dialogar com várias impressões sobre determinado assunto.

Em verdade, posso afirmar que este trabalho me proporcionou um crescimento bastante significativo, pois foi fruto de meu caminhar, de uma maturidade educacional que sempre está em construção, bem como afetiva, já que elegi tal objeto para ser tema a pesquisar. Tal trabalho também me levou a entender o quanto é preciso caminhar para desfrutar da maturidade acadêmica, pois ela é adquirida passo a passo, dia a dia.

Essa pesquisa também me fez partilhar o que temos e o sentimento de afetividade que deve ser registrado na escrita desse trabalho. É significativo perceber os contornos da pesquisa, as representações que são atribuídas ao Museu e outras perspectivas que se desconstroem. “E, com efeito, a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão” (PESAVENTO, 2004, p. 21).

Apesar disso, não posso negar que cada fase da pesquisa teve suas belezas e seus desconfortos, sua parte ácida e árida. Essa contextura não foi diferente comigo. Por momentos

nos privamos de atividades que dantes eram correntes, mas em prol da pesquisa, acabamos colocando um pouco de lado e priorizando o tema. Isso promoveu um crescimento gigantesco, pois é a certeza de que estamos caminhando para contribuir com a educação.

O acesso aos discursos tecidos pelos narradores nos convida a enxergar outros pontos de vista, e que devem ser considerados. Enxergar também o não-dito dos discursos e seu aparato de importância. Não tratar com desdém e dar sentido aos lapsos, aos silêncios, aos risos e também às carências, que por vezes, iam dominando os narradores, apavorando alguns quando se debruçavam com algumas questões. Essa é a forma de enxergar seu lugar no mundo e sobre as coisas que rodeiam, como avalia Pesavento no trecho:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (2004, p. 21).

Assim, isso me fez pensar que a vida ganha sentido quando nos propomos a desenvolver um trabalho dessa natureza, que possa influenciar a outros e tocar de modo positivo o interlocutor, no tempo ou no espaço.

É válido dizer também que o sentimento de orgulho em ter crescido na cidade e poder dar esse retorno dentro dessa experiência acadêmica é muito gratificante. Nesse trabalho não me propus a falar sozinho, mas são várias vozes que ajudaram, notadamente, a tecer esse caminho. Afora estes, bem como outras que não quiseram falar, mas que ajudaram também, pois a negação de fala também foi tida como relevante para a urgência desta pesquisa, da implementação do tema e do trabalho em algumas escolas.

Essa fase foi grandiosa: poder voltar a algumas escolas que exerci a docência, rever alunos, rever colegas e antigos professores, a fim de trabalhar juntos, em comunhão. Isso foi tão significativo que me encheu de satisfação em trabalhar o tema, engendrando um processo de memória individual, em que pude selecionar momentos que vivi na passagem pelos espaços escolares que adentrava mais uma vez, agora na condição de pesquisador. Com isso, Portelli avalia que:

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas (1997, p. 16).

Em vista disso, para endossar esse trabalho dividimos em três capítulos para melhor entender e situar nosso objeto de pesquisa. A sequência tem uma congruência, pois é necessário apresentar o lugar em que está situado o Museu e sua história, dados que são de extrema necessidade para compreender sua atuação enquanto órgão na cidade. Em sequência, acreditamos na importância de situar um pouco de referencial teórico que nos deu chancela para escrever e organizar tal pesquisa.

No primeiro capítulo tratamos de apresentar a contextura da pesquisa e de seu objeto, a história do prédio, os motivos que idealizara a sua criação em 1985 pelo então prefeito Plácido Cidade Nuvens (*in memoriam*). Intitulamos essa seção de “*A emergência do Museu de Paleontologia em Santana do Cariri: na aura da história e da memória*”, visando fazer uma abertura do tema e situando o raio espacial que abarca o Museu de Paleontologia. Essa sequência se consolida a partir dos subtópicos intitulados: “*Sobre a localização do recorte espacial da pesquisa no Cariri cearense*”; “*Reflexões sobre o conceito de Museu no tempo*”; “*A História do Museu de Paleontologia: o discurso de surgimento do espaço museal em Santana do Cariri*”; “*Reminiscências de um autor participante da pesquisa*”; e “*Memória, história e educação patrimonial: um panorama teórico-metodológico do tema pesquisado*”.

O referencial teórico escolhido esteve situado dentro de grandes áreas, pois envolveu referenciais ligados ao museu, à memória, à história oral, à educação patrimonial, às representações. O trabalho com a memória foi crucial nessa etapa, pois serviria para iluminar todos os discursos que colheríamos e endossava sua contextura geral. Nessa direção, concordamos com Oliveira, ao dizer que:

Trabalhar com a memória é, sem dúvidas, um grande desafio que deve ser encarado com bastante atenção às peripécias do ato de lembrar, recordar, evocar a memória. E esse evocar é importante e interessante para se observar e conhecer a visão de segmentos populares sobre o trabalho, a sociedade, enfim o mundo a sua volta (OLIVEIRA, 2013, p. 59).

No segundo capítulo buscamos apresentar as narrativas colhidas, as vozes dos narradores que ajudaram a tecer este trabalho. Essa parte é o centro da nossa pesquisa, pois aparecem aqui os relatos dos diversos narradores escolhidos e que puderam contribuir, a partir de seu lugar de fala, para este trabalho.

Esse tópico foi intitulado de “*Museu, narrativas e representações: a dimensão dos discursos orais sobre o Museu de Paleontologia na perspectiva dos moradores de Santana*”. Sua sequência se dá com os subtópicos: “*Caracterização e impressões da experiência diante das entrevistas: as marcas da pesquisa*”; “*A identidade e a memória em foco: importância,*

desafios e prospecções sobre o Museu a partir dos saberes populares locais e as relações de pertencimento com o objeto”; “No epicentro dos discursos: desafios apontados pelos narradores ao falarem do Museu”; “Na teia das narrativas, os apontamentos: a (im) possibilidade de ações a serem implementadas”; e “Lugar de memória: o Museu e as escolas, relações possíveis, projetos e a educação patrimonial em xeque”.

Ora, considero que são as lembranças, as experiências, os saberes construídos ao longo da convivência no campo educacional ou não com o Museu que fazem desta memória histórica algo plural e coletivo. “Lembranças que podem transparecer como foi sendo edificada e desenvolvida a identidade social” (OLIVEIRA, 2013, p. 61). São como impressões digitais, cada pessoa tem a sua. De forma igual, cada pessoa lança mão de uma memória diferenciada e que carrega consigo.

Essa identificação social que foi percebida ao longo da pesquisa não é alijada do sentimento de pertença com o equipamento, ou seja, uma representação social construída em torno do Museu de Paleontologia e que se arraiga como semblante de notório significado, senão vejamos:

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro (PESAVENTO, 2004, p. 54).

No terceiro capítulo consideramos importante tecer apontamentos que permitam o trabalho com o tema nas escolas municipais, bem como um relato das intervenções que foram realizadas ao longo da pesquisa. Para tanto, elaboramos e desenvolvemos um trabalho conjunto com professores, gestores e alunos a fim de refletir acerca desse campo em apreço: a educação patrimonial.

Isto posto, elegemos o título *“O reflexo das ações educativas do/sobre o Museu de Paleontologia e seus impactos no âmbito educacional”* para abrir esta seção do terceiro capítulo. Recortamos em quatro etapas a fim de endossar essa discussão sobre o patrimônio nas escolas, a saber: *“As ações pedagógicas no plano educacional: possíveis reflexões acerca do patrimônio”*; *“A relação entre Museu e a educação patrimonial nas escolas de Santana: relatos de uma intervenção pedagógica”*; *“Apontamentos para se trabalhar a educação*

patrimonial envolvendo o Museu de Paleontologia”; e “*A escola como lugar de educação patrimonial: intervenções realizadas e seus reflexos*”.

Neste terceiro capítulo pudemos nos debruçar sobre a parte prática nas escolas a que este trabalho se impôs, pois acreditamos que essa interferência e o contato com os sujeitos que estavam na cena escolar era importante para estruturar ações eficazes. Por sua vez, elaboramos oficinas que foram aplicadas em escolas do Município de Santana do Cariri e que sentiram a contribuição in loco do trabalho com o Museu.

Não menos importante, temos que falar ainda da produção de um Jornal digital, intitulado de “*MUSEU DE PALEONTOLOGIA EM FOCO: experiências de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Educação*”, o qual foi elaborado a partir da experiência adquirida durante a pesquisa. Este material teve o fito de ser distribuído às escolas do município para que o trabalho com o Museu pudesse adentrar no currículo escolar, bem como servir de acervo para consulta por parte dos alunos e da comunidade escolar.

Enfim, esta pesquisa serviu para trabalhar na dimensão do subjetivo, da valorização da autoestima e do afetivo com o Museu, pois quando se fala dessa matriz institucional, logo se desperta um sentimento de identificação, apesar dos discursos serem dissonantes em muitos dos casos. E, por fim, não posso deixar de dizer que ela deu voz a um pesquisador que, sempre dedicado aos seus estudos, buscou seu espaço, a duras custas, e por isso resultou neste trabalho que espero que seja um propulsor de diversos outros. Sem dúvidas, a educação deve ser o motor que pode mudar e mover os diversos sujeitos históricos.

CAPÍTULO 1

A EMERGÊNCIA DO MUSEU DE PALEONTOLOGIA EM SANTANA DO CARIRI: NA AURA DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA

O presente estudo tem como pretensão central refletir sobre a atuação do Museu de Paleontologia no município de Santana do Cariri a partir das representações acerca do mesmo, buscando um recorte de 1985, quando foi fundado, até o ano de 2016, levando em consideração a grande dimensão e importância desta matriz institucional para o aludido município no tempo presente. Com isso buscamos verificar como a memória histórica vem se inscrevendo ao longo dos anos, tomando por base a atuação desta Unidade nas escolas municipais.

Nesse sentido, pensamos que falar sobre este patrimônio no âmbito educacional requer que tenhamos em mente a relação deste com o tempo e com o espaço social dos indivíduos. Nessa pesquisa, procuramos compreender como os sujeitos históricos diversos naquele espaço se apropriam do Museu de Paleontologia para se construir uma memória histórica, dada a preocupação pela qual nos levou a desenvolver tal estudo. Nessa perspectiva, fundamentamos a relevância desta proposta buscando pensar a contribuição desse espaço museal para o desenvolvimento local, no que tange à pesquisa e divulgação de saberes educacionais e científicos. Comungamos com Pesavento, quando analisa que:

Não mais a posse dos documentos ou a busca de verdades definitivas. Não mais uma era de certezas normativas, de leis e modelos a regerem o social. Uma era da dúvida, talvez, da suspeita, por certo, na qual tudo é posto em interrogação, pondo em causa a coerência do mundo. Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas (2004, p. 09).

Para fins desta, importa investigar, pesquisar e analisar tais questões: como se constrói uma memória histórica no município a partir das representações formuladas ao longo do tempo sobre o Museu de Paleontologia no âmbito educacional? Como funciona o Museu de Paleontologia na visão dos moradores do município, essencialmente aqueles que estão no campo da educação? Que ações têm sido realizadas nas escolas do município para potencializar o trabalho com o patrimônio Histórico ali presente ao longo do recorte 1985-2016?

Em vista disso, cabe enfatizar os objetivos a serem empreendidos nas seguintes ações: Interpretar as narrativas dos moradores do município acerca do referido espaço de

memória, procurando analisar como este é concebido na região pelos sujeitos históricos nele inseridos; Analisar a importância da atuação de tal patrimônio no espaço escolar, uma vez que é criador e legitimador de memórias no local; Refletir acerca desse espaço de memória no campo da educação local e regional, levando em consideração as visões apresentadas sobre esse patrimônio no tempo presente; Compreender o caráter atribuído a tais riquezas por alguns discentes e gestores das escolas do município, tomando por base a ideia de como esta Instituição vem atuando nas escolas da cidade e arredores.

É com esse pensamento que pretendemos focar na importância de se trabalhar a Educação Patrimonial nas escolas, tendo em vista a possível atuação e parceria do Museu de Paleontologia, objetivando oferecer maiores conhecimentos sobre tal espaço para os alunos do referido Município, além de permitir uma aproximação maior com a temática do Patrimônio Histórico¹, bem como apresentar o mesmo para que possam conhecer e preservar².

1.1 Sobre a localização do recorte espacial da pesquisa no Cariri cearense

O nosso objeto de pesquisa está situado dentro de uma região extremamente revigorante e fértil de estudos em todos os campos da ciência. Detentor de uma vegetação exuberante, o Cariri cearense é consagrado pela Chapada do Araripe, que enaltece ainda mais o lugar.

Para satisfazer a uma caracterização deste território santanense, é lícito dizer que está inserido na microrregião do Cariri e mesorregião sul cearense, abarcando uma diversidade de culturas e saberes. Concordamos com a ideia defendida abaixo, em que:

O Cariri no sul do Ceará tem suas expressões culturais e condições geoambientais diferenciadas de outras partes do semiárido nordestino, que se expressam na paisagem a partir das tradições rurais, nos lugares da memória, na biodiversidade representativa da Floresta Nacional do Araripe, no potencial hídrico subterrâneo e nas suas jazidas fossilíferas (RIBEIRO e DA SILVA, 2018, p. 02)

De início percebemos a paisagem seca que é inventada sobre o nordeste ser desconstruída quando se pisa no Cariri, a qual desnuda o viés de que esta região é polo apenas

¹ O termo patrimônio refere-se, originalmente, à herança paterna, ou seja, aos bens materiais transmitidos de pai para filho. Daí o termo, ainda hoje, referir-se à herança familiar. A extensão do uso do termo como herança social aparece na França pós-revolucionária, quando o Estado decide tutelar e proteger as antiguidades nacionais às quais era atribuído significado para a história da nação (APOLINÁRIO, 2012, p. 59).

² En realidad, partimos de un concepto de patrimonio que abarca mucho más que bienes culturales; nos referimos a ese conjunto de formas de relación entre los bienes y las personas, entendidas en términos de propiedad, pertenencia, cuidado, disfrute, transmisión, etc. (MERILLAS, 2015, p. 34).

de agruras vividas pelo sertanejo. Destacado pela sua biodiversidade presente na região, o Cariri é marcado pela forte presença de uma formação denominada caatinga.

O Cariri cearense abrange toda uma concentração de elementos que incrementam e dão consistência às identidades aqui tecidas, perpassando por vários eixos: econômico, histórico/social, cultural, religioso, ambiental, os quais carregam o signo de representar a região.

No que toca a toda essa roupagem que embebe a região do Cariri cearense podemos notar que a sua constituição histórica passa pelo crivo da ocupação indígena, por uma efervescência política, enquanto território de lutas, bem como pela constituição de uma cultura própria e que resiste ao tempo. Nessa linha de pensamento, como nos confirma Queiroz:

O recorte territorial cearense, hoje conhecido como região do Cariri, originalmente ocupado pelos índios Cariús, constituiu-se a partir de meados do século XVIII objeto de interesse e contemplação de “colonizadores” e viajantes que para ou por aí se destinavam ou transitavam desde então. Adiantamos que o processo de ocupação e exploração econômica da região teve início na década de 40 do século XVIII, mais precisamente com a antiga Missão do Miranda, hoje cidade do Crato (2013, p. 77).

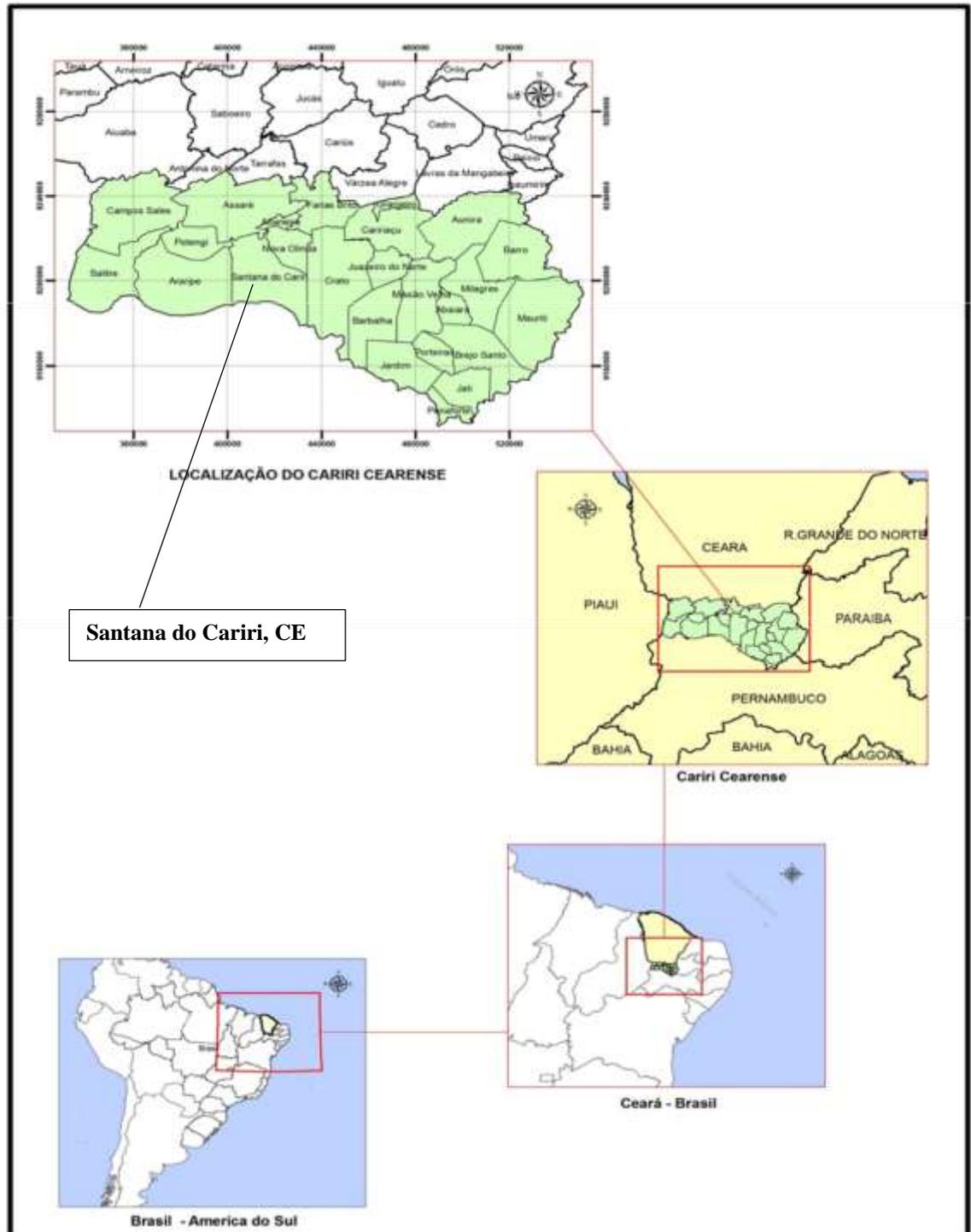
Nessa linha de raciocínio, é notório dizer que toda a formação do território do Cariri cearense é fermentada por essa pluralidade de sujeitos, povoada por populações indígenas dispersas por todo o território, o que incide em um espaço rico em diversos eixos. Concordamos com a passagem que segue, ao destacar a variada roupagem que o Cariri é revestido:

A pluralidade cultural do Cariri é resultado da miscigenação de diversos povos, que trouxeram consigo artesanato, música e gastronomia, e conservaram manifestações da cultura popular como: produção de cordéis, artesanato, principalmente em madeira, couro e argila, Festas do Pau da Bandeira e várias expressões das festas juninas, além de penitências religiosas (LIMA, 2012, p. 16).

Dentro deste emaranhado de relações, nos enxergamos como viventes destas experiências e dos vários símbolos que nos levam a se perceber como pertencentes ao Cariri cearense, frente a diversas adversidades históricas para com tal região. Todavia, diante também de suas riquezas que nos permitem a identidade social através de atributos pródigos que condições de sobrevivência, como as águas cristalinas, os solos férteis e seu caráter turístico, visível nas jazidas fossilíferas presentes nesse espaço.

Logo abaixo vemos o mapa do Cariri localizado dentro do mapa:

Mapa 01 – Mapa do Cariri cearense.



Fonte: REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no cariri cearense: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX**. Tese de doutoramento. Fortaleza, CE: 2014. (Localização de Santana do Cariri apresentada pelo autor no mapa consultado).

Nessas condições, é válido destacar que dentro do viés de possibilidade de vida na região, desbravou-se também a atividade pecuarista, com a criação de gado na região, chegando a ser chamada de “Civilização do Couro”.³ Nesse sentido, é lícito dizer que:

A expressão é do historiador Capistrano de Abreu (1963, p. 149), que assim destacou a importância do gado na ocupação do interior nordestino: “De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água; o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar roupa, mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz” (DIAS, 2014, p. 104).

Nessa linha, além desta atividade, o Cariri também se desenvolveu pela economia do açúcar, como um eixo promissor no desenvolvimento e reconhecido por tal. Além dessa linha econômica, o Cariri teve em seu histórico convulsões políticas que o levaram a participar de levantes importantes, principalmente com o Estado vizinho, Pernambuco. Durante todo seu histórico, ainda é visível um dinamismo nas artes, na religião, na produção acadêmica e na expansão de atividades diversas que compõem todo o cenário territorial.⁴

Nessa região, podemos enaltecer a presença do Geopark Araripe, como se percebe no trecho:

A Região do Cariri, em que está inserido o Geopark Araripe, apresenta distinções importantes na evolução da produção e gestão espacial cearense se apresentando como um arranjo urbano-regional de relevância na rede urbana do Nordeste. A conturbação composta pelos municípios de Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha capitaneiam uma dinâmica econômica relevante e se consolida como um polo importante (LIMA JUNIOR et al, 2017, p. 5).

Em se tratando de uma região rica e detentora da sede do Geopark Araripe, podemos afirmar que esta Sede é a primeira das Américas e também do Hemisfério Sul, reconhecido pela UNESCO.

³ A “Civilização do Couro” tem como principal símbolo o vaqueiro, geralmente resultado da miscigenação ocorrida entre as etnias branca, indígena e negra. Era um trabalhador livre, porém submetido à exploração do dono da fazenda. Conhecedor da fauna e da flora sertanejas, era quem de fato administrava a fazenda, visto que o proprietário geralmente também era dono de engenho localizado no litoral e estava sempre ausente (DIAS, 2014, p. 105).

⁴ Dentre as expressões de artistas populares, geralmente oriundas do campo, destacam-se bandas cabaçais, cantadores penitentes, emboladores, poetas, violeiros, sanfoneiros, rabequeiros, bacamarteiros, artesãos de madeira, couro, palha, corda e barro e danças, como Reisado, Bumba Meu Boi, Quadrilha Junina, Pau de Fita (Tracelim), Maneiro Pau, Coco e São Gonçalo (DIAS, 2014, p. 20).

Nessa linha de raciocínio, convém destacar que ele é formado por nove geossítios: Cachoeira de Missão Velha (Missão Velha), Batateiras (Crato), Ponte de Pedra (Nova Olinda), Pedras Cariri (Nova Olinda), Pontal da Santa Cruz (Santana do Cariri), Riacho do Meio (Barbalha), Colina do Horto (Juazeiro do Norte), Floresta Petrificada do Cariri (Missão Velha) e Parque dos Pterossauros (Santana do Cariri). Este espaço tem um grande acervo religioso, paleontológico, arqueológico e histórico, além de recursos naturais, fossilíferos e o geoturismo que desponta vigorosamente, dado que estão imbuídos na sua formação e destacam a tessitura e grandiosidade de sua composição.⁵

Logo abaixo vemos a localização dos Geossítios acima apontados:

Figura 1: Localização dos Geossítios do Geopark Araripe



Fonte: GEOPARK ARARIPE. Relatório de Gestão. Crato: Geopark Araripe/URCA, 2015 (Mimeo). Disponível em: <http://www.gr.unicamp.br/penses/wp-content/uploads/2016/04/GeoPark-Araripe.pdf>.

Dentro desse pensamento, no entendimento da UNESCO, Geoparque é:

Um território com limites definidos onde se conjuga a geoconservação com um desenvolvimento econômico sustentável das populações que o habitam, sem esquecer as ligações com o restante patrimônio natural (fauna e flora) e Cultural arqueológico, arquitetônico, etnográfico, gastronômico. Nestes territórios, procura-se estimular a criação de atividades econômicas suportadas na geodiversidade da região, em particular de caráter turístico,

⁵ Convém ressaltar, que essas condições naturais regionais, se constituem num fator que viabilizou a implantação do Geopark-Araripe, como projeto da Universidade vinculado à UNESCO (RIBEIRO e DA SILVA, 2018, p. 02).

com o desenvolvimento empenhado das comunidades locais (CAVALCANTI, 2012, p. 32).

Desta feita, sentimos que as imagens apresentadas são importantes para se interpretar a presença do Museu de Paleontologia na região, capturando a beleza regional no extraordinário Cariri cearense, o trabalho que se realiza e se dissemina na aludida região, a hospitalidade do seu povo, a simpatia quanto à divulgação da cultura aqui presente e a sinfonia de fraternidade destes peregrinos. A figura do aludido monumento histórico se mantém ativa e recorrentemente é vista em diversos pontos, oxigenada cada vez mais quando se evoca sua imagem nos aspectos locais e regionais. Esta Unidade está situada dentro deste território imenso que busca preservar seu acervo fóssilífero.

Quanto ao Geopark, é lícito considerar que:

A gerência do Geopark Araripe está sob responsabilidade da Universidade Regional do Cariri (URCA). Sua criação resultou também do apoio institucional das seguintes entidades: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Serviço Geológico do Brasil (CPRM), Centro de Tecnologia Mineral do Ministério da Ciência e Tecnologia (CETEM) e Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais não Renováveis (IBAMA), além de outras ONGs regionais e as municipalidades (LIMA JUNIOR et al, 2017, p. 05).

Ambientados nesses aspectos, isso nos permite enxergar de forma meticulosa cada episódio vivido neste laboratório caririense, marcado pelas injúrias vividas historicamente e o descontentamento social densamente ampliado pela situação desafiadora de se viver no sertão nordestino.

No Cariri cearense percebemos de forma taxativa e enfática os discursos que trazem temas cativantes sempre enaltecendo a Chapada do Araripe, quando dá respaldo as narrativas míticas indígenas quanto à fundação do Cariri, pois, estas se encontram presentes até hoje nas narrativas populares. São uníssonas as vozes dos atores aqui presentes que são dotados de História, sempre enaltecendo a Chapada do Araripe. Conforme se vê abaixo:

Celeiro, salvação dos sertões, atmosfera revigorante. Os adjetivos não cessam quando a referência é o Cariri cearense. O discurso da agricultura como principal atividade econômica estava presente também nos periódicos e a razão do “sucesso” de tal indústria seria a natureza em si, que ali se estabelecera (REIS JUNIOR, 2011, p. 02).⁶

⁶ REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no cariri cearense: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX**. Tese de doutoramento. Fortaleza, CE: 2014.

Nesse sentido, é automaticamente arraigado à memória coletiva deste povo, engendrando novas formas de se perceber o Cariri, como também a nova forma de entender como funciona a mente destes povos.

Nesse particular, o turismo se torna uma forma de consumo nas cidades caririenses, havendo uma forte relação entre visitante e o visitado, culminando no desenvolvimento social e possibilitando a geração de renda.⁷

Por fim, percebemos no Cariri uma região rica de cultura e manifestações populares, do qual nos orgulhamos de fazer parte deste território. A RMC (Região Metropolitana do Cariri) já ganha amplas dimensões, tanto pelo caráter da urbanização desenfreada que provocou quanto pela dinâmica econômica e progressiva que vem proporcionando ao nosso povo. Com efeito, é preciso salientar que:

A Região Metropolitana do Cariri, criada pela Lei Complementar Estadual nº 78, de 29 de junho de 2009, surgiu a partir da conurbação entre os municípios de Juazeiro, Crato e Barbalha, sendo a ela incluídos os municípios limítrofes, situadas na tradicional região do Cariri cearense: Caririaguá, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri (DIAS, 2014, p.107).

Portanto, essa região se configura como sendo um grandioso e magistral império de utopias e que pode ser analisada por diversas esferas, fortemente ancoradas aos vários stigmas construídos sob o signo de seus moradores. São amplas e variadas as representações e os semblantes que o Cariri cearense carrega, sendo que muitas das suas cidades crescem em Espaço e História, e a rigor, dentro de interpretações construídas a partir de acontecimentos ou personagens emblemáticos que pisaram em seu fertilíssimo território.

1.2 Reflexões sobre o conceito de Museu no tempo

A ideia de museu tem sido dinâmica, em tese, com novos olhares, novos ângulos e que imprimem novas marcas. Ele tenta fugir da ideia arcaica de museu, criado apenas para um determinado grupo, de um cunho positivista e buscando uma abertura para a incrementação social. Dessa maneira:

⁷ Descrito por viajantes, políticos, escritores e poetas, no século XIX, era apresentado como “oásis”, verdadeiro “celeiro” para seu povo. A representação da natureza privilegiada em comparação ao entorno era continuamente difundida (REIS JUNIOR, 2012, p. 33).

A função do museu passa a ser entendida para além da recolha e conservação de objetos, pois a instituição passa a ser vista como agente de desenvolvimento comunitário, exercendo um papel decisivo na educação da comunidade. Assume uma função social para o museu (PRIMO, 1999, p. 11).

Assim, ao nos debruçarmos sobre a referida realidade santanense, com o Museu de Paleontologia, consideramos que seu aparato informacional e ético está presente no espaço museal. Sobre o conceito de Museus, de acordo com o Icom⁸ (2004) entendem-se como:

As Instituições permanentes, sem fins lucrativos a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu ambiente.⁹

Nesse sentido, parece digno de nota estabelecer que a ideia de Museus venha sendo debatida desde a Grécia Antiga quando se fazia alusão à casa das Musas ou *Museion*. Tal referência acerca do termo vem sendo vista e posta em pauta desde períodos históricos de longa duração na História.

Com efeito, a princípio, é preciso ressaltar que:

O termo *Museion* foi utilizado pela primeira vez no século III a.C na cidade de Alexandria por Ptolomeu, influenciado por Demétrio – discípulo de Aristóteles. Demétrio convenceu Ptolomeu I a criar o *Museion*, isto é, a Casa das Musas – termo grego esculpido em homenagem às musas que eram as protetoras das artes e das ciências.¹⁰

Não obstante, tal instituição, consagrada à erudição e à pesquisa, abrangia salas de reuniões, laboratório, observatório e jardins botânico e zoológico, além da famosa biblioteca de Alexandria, constituindo-se em 191 locais de encontro de poetas, artistas e sábios. Com isso, sabe-se que:

⁸ Conselho Internacional de Museus. Trata-se de uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos, de museus e profissionais de museus a quem está confiada a conservação, a preservação e a difusão do patrimônio mundial para a sociedade – cultural e natural, presente e futuro, material e imaterial. O Icom mantém relações formais com a Unesco e possui status consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU. Conta atualmente com 21.000 membros, congregando instituições e pessoas físicas de 146 países. Esta instituição abrange 30 Comitês Internacionais dedicados ao estudo de tipos particulares de museus ou à disciplina específica relacionada a museus. Disponível em: < http://www.icom.org.br/?page_id=4>. Acesso em 10 de junho de 2019.

⁹ Institutos de preservação e galerias de exposição permanente de bibliotecas e centros de documentação; sítios e monumentos arqueológicos, etnográficos e naturais; sítios e monumentos históricos que tenham natureza de museus pelas atividades de aquisição, conservação e comunicação; instituições que mostrem espécies vivas, tais como zoológicos e jardins botânicos, aquários, viveiros etc; reservas naturais; centros de ciência e planetários (SILVA, 2006, p. 04 *apud* ICOM).

¹⁰ Histórico dos Museus no Brasil, disponível em: www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=7518. Acessado no dia 17 de maio de 2013.

Situado em Atenas, era um local evocativo à inspiração e ao saber, onde os eruditos do mundo helênico e egípcio reuniam-se para apreciar as artes, desenvolver estudos filosóficos e criar poesias, sob a inspiração das Musas (CASTRO, 2005, p. 3).

Tratava-se, sem dúvidas, de um centro de cultura com típico perfil acadêmico. Quanto sua origem, Castro (2005, p. 06) reforça que:

Nesse tecido ideológico, o museu firma-se inequivocamente, mas sua origem é mais remota, consolidada através de feições nucleares inseridas no campo material e simbólico da evolução humana. Em sua feição mitológica, remete-se a Templo das Musas, filhas de Zeus e Mnemosine, deusa da memória, do qual etimologicamente origina o vocábulo museu, ou seja, mouseion em grego e museum em latim.

Convém destacar neste quadro preliminar que, na contemporaneidade, é preciso pensar este espaço como sendo um constructo social de demasiada importância para os agentes sociais envolvidos ao mesmo, cujo papel se mostra bastante representativo para se resguardar a história no tempo presente, desempenhando o papel destacado por Ulpiano Bezerra de Meneses, ao assinalar que “o museu tenha algo a ver com o universo do conhecimento” (1994, p. 02). Podemos entender que:

O museu, como possibilidade cultural de variadas leituras, de descobertas interiorizadas que afloram desavisadamente, vem rompendo com o conceito impregnado de senso comum que penetra o imaginário social como local de velharias ou sem interesse (CASTRO, 2005, p. 02).

Desse modo, comungamos com o pensamento de que se a visita a Museus representa algo simbólico e importante, pois é a oportunidade de rememorar e ressignificar espaços e tempos de história, como também é espaço e momento para se tomar posse do passado a partir das memórias ali expostas pela sociedade. Neste sentido:

A sociedade é vista como um reservatório de memórias, cuja produção de informação social e, por força do seu significado político-informacional, inexoravelmente, alcança as chamadas instituições de memória, na medida em que a exigência de verdades imprime as marcas históricas das memórias naturalmente acumuladas (CASTRO, 2005, p. 02).

Como sustenta o autor abaixo:

A peculiaridade do museu se realiza plenamente em múltiplas interações: com tramas estéticas e cognitivas, em análises e deslumbramentos, na dimensão lúdica e onírica dos fundamentos historicamente engendrados que constituem o espaço expositivo (RAMOS, 2010, p. 07).

Ademais, faz-se necessário, na investida de tal trabalho, pensar acerca da importância desse espaço na elaboração e conhecimento de tal passado, bem como do presente, articulando suas possíveis ligações com a divulgação e produção do conhecimento histórico de um dado local. Nessa perspectiva, conforme o pensamento de Luís Gustavo Silva (2006, p. 06):

Até o século XVI, os museus funcionaram em velhos castelos ou prédios fechados. A primeira construção especial para museu seria a Galeria Uffizi, em Florença, que previa um andar térreo para os escritórios (uffizi) administrativos das cidades e um primeiro andar as obras de arte da família Médici.

Dentro dessa perspectiva, podemos recorrer à ideia de que o Museu vai, ao longo do tempo, desconstruindo sua roupagem antes vista como lugar apenas de exposição dos grandes heróis e grandes feitos, pois:

Na sua origem, o museu era comemorativo e praticava o reconhecimento das “obras de arte”, do lugar da sociedade ocidental, no mundo, e da vitória militar sobre o outro –glorificação do colonialismo. Hoje, o museu é do público. Convertendo-o em cliente, mostra-se mais ao serviço da comunidade. É também um museu dos vencidos e das vítimas, não apenas dos vencedores. Do museu para combater a taverna passamos a um museu-taverna, em função da necessidade de financiamento (PEREIRO, 2006, p. 03).

Notava-se, portanto, toda uma preocupação em resguardar os acontecimentos emblemáticos, com verdades inquestionáveis, oriundos do viés positivista em vigor, sendo derrubados ao longo do tempo, senão vejamos:

Por todo século XIX, os acervos reunidos destinam-se a formar os principais museus no mundo europeu e, por extensão, torna-se o modelo afirmativo da matriz europeia nos territórios das colônias, configurando-se como forte expressão social de poder da camada burguesa que ascendia e que buscava garantir sua afirmação social (CASTRO, 2005, p. 04).

Além disso, interessante ressaltar que o acervo presente nos Museus vai além do prédio, deslocando-se para os documentos e representações pessoais de cada pessoa para tal

monumento.¹¹ “Atualmente, coexistem museus de construção altamente sofisticada e cara, e museus que funcionam em barracões e outros que funcionam em prédios históricos (SILVA, 2006, p. 06). Comungamos também com a ideia de que:

O museu, como possibilidade cultural de variadas leituras, de descobertas interiorizadas que afloram desavisadamente, vem rompendo com o conceito impregnado de senso comum que penetra o imaginário social como local de velharias ou sem interesse (CASTRO, 2005, p. 02).

Assim, importa-nos pensar na construção da memória histórica a partir da atuação do Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, o qual requer uma análise e conscientização histórica que perpassa temporalidades, dentre as quais são formuladas e reformuladas variadas identidades que se delineiam nos ditames do tempo. Conforme o pensamento de Ramos (2010, p. 01):

Os museus, a meu ver, e não só os museus, mas as ciências humanas também, e não só as ciências humanas, a filosofia também, nós todos no dia-a-dia somos seres fundamentalmente argumentativos, persuasivos, o que é uma maneira de dizer que somos seres sedutores.

Difícil não se encaminhar com as considerações de que o Museu torna-se um objeto social que transmite saberes sociais para as várias camadas da população que a este têm acesso, posto que cumpre papel de extrema importância, qual seja a conservação do passado e suas reelaborações no tempo presente. Como ressalva Castro (2005, p. 07), há nos museus “uma dinâmica que projeta o objeto para o fundo do passado e desloca o sujeito do presente para o passado, reduzindo a uma única realidade o percebido, o vivenciado e o desconhecido”.

Para tal efeito, entrelaçando-se com os conceitos de memória no tempo presente, esta Instituição consagra-se como lugar de reflexão, debate, profusão de conhecimento histórico a partir das representações que alcança. Por outro lado, é também um local de seleção, com vistas à construção de um espaço de memória particular e de seus objetos, cuja presença em tal lugar muito representa para crescer nas suas identidades e sentimentos de pertencimento pelos moradores dali. “O museu firma-se inequivocamente, consolidado através de feições

¹¹ O museu converteu-se, no século XIX, num aparato simbólico-mítico das identidades nacionais em que os “outros” se apresentavam como uma alteridade exótica, distante e inferior ao “nós”. No contexto atual de intensa globalização, o museu é desafiado a criar um discurso identitário pós-colonialista e pós-nacionalista sobre a relação “nós/outros”. Neste desafio, a fronteira surge como uma boa oportunidade para redefinir e reinventar o museu (PEREIRO, 2006, p. 05).

nucleares inseridas no campo material e simbólico da evolução humana” (CASTRO, 2005, p. 06).

Dentre as mudanças ocorridas ao longo de todo final do século XX, consideramos relevante destacar que o museu, em sua modelagem coetânea, se estrutura como centro de informação e agente de comunicação, ao perceber as várias manifestações sociais e culturais que se encerram nos objetos. Mediante o pensamento defendido por Castro:

Por todo século XX, firma-se uma concepção de museu nacional que se estrutura à sombra de um Estado provedor, empenhado em demonstrar uma normalização organizada em princípios ordenadores, e impregnado por "sopros positivistas" que consagram a ordem, os grandes feitos, as figuras honoríficas, em "contraponto a possíveis desintegrações sociais" (2005, p. 07).

Deste modo, os artefatos fossilíferos de Santana do Cariri são de suma importância para constituição da identidade local e de sua memória histórica, essencialmente no campo educativo. Cumpre destacar que este acaba refletindo positivamente até mesmo para o desenvolvimento do turismo local, haja vista que seja de suma importância para os agentes sociais do Município. Nessa direção:

A ação educativa se coloca como ponte para consolidar a aproximação do museu com o turismo cultural. Se fatores sociais, econômicos e políticos contribuem para uma aproximação do museu ao campo do turismo, uma revisão de procedimentos requer algumas adaptações, ainda que não livres de tensão (CASTRO, 2005, p. 05).

O museu desponta como patrimônio material de relevância destacada para a construção da identidade do povo da cidade de Santana do Cariri, conferindo à mesma o título de Capital cearense da Paleontologia.

A visão que se tem acerca da Instituição “Museu” de História é a de um Banco de Dados de grande diversidade, tida como passada e atual, constituindo-se em ferramenta fundamental para a definição de políticas de uso e manejo de áreas naturais, visando a qualidade e manutenção da vida no planeta. Para entender a importância que os Museus de História desempenham nos dias de hoje, faz-se necessário reconhecer que sua evolução histórica, atividades e funções essenciais de sua competência, por assim dizer, respondem ao papel histórico que este carrega e coloca diante da sociedade. Desse modo:

O novo conceito de museu, passa por um território mais vasto, o qual em vez de se restringir a um edifício fechado, imponente, e por vezes, até mesmo assustador, revestido de uma estática incompatível com uma sociedade em

constante e acelerada mudança, alarga-se a toda uma comunidade que pode ser constituída por uma aldeia, um bairro de uma cidade, ou a zona histórica desta (MAGALHÃES, 2003, p. 218).

Nessa perspectiva, os Museus têm importância exitosa na construção da memória histórica de um povo, quando estes figuram como importantes lugares de memória e podem fornecer aos sujeitos históricos a possibilidade de terem acesso ao passado, conservado em fragmentos, e ressignificá-lo aos seus modos. Como também se destaca pela construção de um caráter identitário em um dado espaço, levando as pessoas se reconhecerem a partir de tal monumento, que aponta uma engrenagem modeladora na sociedade, no concernente à transmissão de informações e comunicação no tempo presente a partir das memórias que são seminais e orbitam no seu entorno.

1.3 A História do Museu de Paleontologia: o discurso de surgimento do espaço museal em Santana do Cariri-CE

Dentro desta perspectiva a ser estudada, percebemos um grande apreço pelo objeto de estudo pesquisado desde a minha infância, uma vez que nasci e cresci no município de Santana do Cariri, o que enseja esta rememoração afetiva a este lugar. Esse desejo em tomar posse do conhecimento resguardado pelo Museu provocou uma gritante necessidade de pesquisar algo até então não pensado dentro da ótica tratada aqui.

Sob este viés, o estudo do Museu numa visão voltada para os aspectos da memória, da valorização do patrimônio e do desenvolvimento da pesquisa no município converge para um objetivo central a que nos destinamos: instigar um reconhecimento do patrimônio histórico ali presente diante da dimensão que este tem ganhado no tempo enquanto instituição que resguarda, informa e detém uma parte do passado da Terra.

O Museu de Paleontologia ganha dimensões simbólicas na cidade de Santana do Cariri, a qual é agraciada com os vários turistas que vêm de todo o mundo para admirar suas belezas fossilíferas resguardadas. Ali se encontra presente vestígios de um importante recorte da história do Ceará e da Terra, o qual poderíamos denominar como a pré-história cearense, dadas as excelentes condições de preservação dos fósseis, nas popularmente conhecidas “pedras de peixes” encontradas em todo o sopé da Bacia Sedimentar do Araripe.

É a história marcada nestes artefatos e que carregam simbologia notável no tempo presente, como escreve Limaverde:

Os depósitos sedimentares preservam grande diversidade de rochas, como os calcários, argilitos, arenitos e espessos depósitos de gipsita, registro dos ambientes geológicos que existiram nessa região. Além disso, essa bacia preservou de forma excepcional abundantes registros fossilíferos da vida existente nesta época, como artrópodos, restos de pterossauros, tartarugas, crocodilomorfos, assim como folhas e outros fragmentos vegetais e troncos fossilizados. A preservação dessa vasta riqueza de fósseis da região foi propiciada por condições singulares durante a evolução geológica da Bacia do Araripe (2015, p. 98).

Para tanto, este monumento consegue permear memórias diversificadas na cidade, quando seus moradores lançam variadas percepções para o mesmo e isso acaba ajudando a tecer a sua memória histórica ao longo do tempo. Os elos que unem presente e passado estão permeados pelo sentimento de identidade e pertencimento ao lugar, e conseqüentemente, no Museu de Paleontologia presente na cidade. Nesse sentido, observamos que:

A memória de um grupo, a memória coletiva, é fundamental para compor a identidade e a historicidade de alguém. Falo, assim, das narrativas que conferem sentido às experiências vividas e por meio dos quais as pessoas elaboram significados sobre si e sobre o lugar em que habitam (LIMAVERDE, 2015, p. 147).

Deste modo, Santana do Cariri é uma cidade situada na região sul do Ceará, a 550 Km da Capital Fortaleza, abrangendo uma área de 856 km², com uma população de aproximadamente 17.181 pessoas¹². Relatos de moradores mais antigos da cidade comprovam a ideia de que muitas riquezas foram levadas para o exterior, tendo sido instrumentos de enriquecimento para muitos que chegavam ali e se apropriavam das riquezas fósseis do lugar. Tais riquezas são reconhecidas mundialmente pelo seu bom estado de conservação e preservação.

Sobre a cidade de Santana do Cariri é importante ressaltar que nos seus 133 anos de emancipação, adquire feição bastante emblemática no tempo presente:

Inicialmente chamada de Brejo Grande, a localidade era habitada pela tribo indígena denominada Buxixés. Suas origens remontam ao final do século XVIII, quando colonizadores precedentes da Casa da Torre, na Bahia, pediram e obtiveram terras nas margens do Riacho Brejo Grande, hoje o rio Cariús (LIMA, 2012, p. 24).

¹² IBGE 2010

Com base nisso, interessou-nos fazer uso de uma fotografia que demonstre a localização da cidade de Santana do Cariri, na qual o Museu de Paleontologia tem ambiência, como visualizamos abaixo:

Mapa 02: Localização do município de Santana do Cariri na RMC



FONTE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). Acesso em <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/139x.htm>>. Visitado em 29 de nov. 2018.

Santana do Cariri é notadamente reconhecida também pela simbologia de ter a sua primeira prefeita mulher, Generosa Amélia da Cruz¹³. Detém o Casarão do Coronel Felinto Cruz¹⁴, importante ponto turístico do Município pela notável posição social que carregava e

¹³ Nomeada prefeita de Santana do Cariri-CE, no dia 22 de junho de 1936, quatro meses após o rude golpe da morte do Coronel Felinto, Dona Generosa, como era chamada, assume os destinos do município e o compromisso em dar continuidade ao trabalho do esposo, fazendo muitos amigos em sua vida pública. Exerceu sua administração municipal com altivez, bom senso e sabedoria. Disponível em: <http://raimundosandro.blogspot.com/2018/05/benerosa-amelia-da-cruz-biografia.html>. Acesso em 05 de junho de 2019.

¹⁴ Conhecido como Casarão do Coronel Felinto, a construção, em estilo Neoclássico, foi o centro da vida social, cultural, econômica e Política de Santana do Cariri enquanto residência do coronel Felinto da Cruz Neves e de sua esposa, Generosa Amélia da Cruz, que se tornou segunda prefeita do País, em 1936, ao assumir a cidade no lugar do marido, recém-eleito e assassinado, numa época em que não havia vice-prefeito. Disponível em:

lugar de variadas memórias. Além de ser abrigo de um acervo paleontológico riquíssimo e contar com o turismo religioso presente na festa de sua padroeira, Senhora Sant'Ana, cuja Igreja preserva o famoso estilo neoclássico da arquitetura.

Em Santana do Cariri, as romarias ganharam fôlego com a busca dos fiéis pela Menina Benigna, que impulsionam também o cunho turístico e esteio religioso. As romarias de Benigna têm despontado como grandes propulsores da economia e da fé no sul caririense.¹⁵

Por meio desta pesquisa, visamos trabalhar com a memória e a história deste local, buscando perceber a conscientização histórica e espacial do lugar em meio às representações identitárias que ali se encontram. Assim, a elaboração das memórias se dá consoante ao exercício das representações em torno do patrimônio em tela, objeto desse trabalho.

Assim, a história do Museu de Paleontologia de Santana do Cariri teve início por volta de meados da década de 1950, cuja década em tela abrigava na cidade um estabelecimento comercial conhecido como Bar Cidade, de propriedade do Sr. Antônio Cidade.

Todavia, o edifício em si foi construído durante a década de 1920, sob o comando do Boticário Joaquim Ferreira Lima¹⁶. O prédio era uma farmácia do Sr. Quinto da Boutica, quando posteriormente o mesmo vendeu o prédio ao Sr. Antônio Cidade, avô de Plácido Cidade Nuvens.

Durante mais de cinquenta anos ficou sendo usado como centro polarizador da vida social da pequena cidade: era ponto comercial, sede do melhor botequim e dormitório dos visitantes e turistas. Anos depois passou para as mãos da prefeitura de Santana do Cariri, para

<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/casarao-revela-parte-da-historia-1.345240>>.

Acesso em 05 de junho de 2019.

¹⁵ “Benigna Cardoso da Silva, nascida no Sítio Oiti - Santana do Cariri-CE, no dia 15 de outubro de 1928, filha de José Cardoso da Silva e Thereza Maria da Silva, ficou órfã de pai e mãe muito cedo. Era uma jovem muito simples e cheia de humildade. De estatura média, Benigna era magra, de cabelos e olhos castanhos meio ondulados, morena clara, rosto arredondado e queixo afinado. Tinha um leve estrabismo em um dos olhos. Aos 12 anos de idade, já lendo e escrevendo, Benigna começou a ser assediada por um rapaz chamado Raul Alves com propostas de namoro, rejeitadas de forma categórica por ela, que nada queria com ele a esse respeito. Depois de várias tentativas sem sucesso, numa tarde fatídica de sexta-feira, dia 24 de outubro de 1941, sabendo que Benigna ia pegar água numa cacimba próxima à sua casa, ficou Raul à espreita atrás do mato, observando-a com o pote na cabeça, com seus recém completados 13 anos. Ao aproximar-se, abordou-a sexualmente. Ela recusou, ele insistiu tentando violentá-la. Ela disse “não” com veemência e lutou heroicamente para se defender do ato pecaminoso, que no seu entender cristão ofenderia seu corpo. Raul, ao perceber que Benigna nada aceitaria com o mesmo, foi tomado por um ódio feroz; sacou de um facão atroz e a golpeou cortando-lhe os dedos da mão. Ela relutou de forma sobre-humana contra seu algoz, preferindo morrer a pecar contra a castidade. Depois disso, foi atingida na testa, nas costas e por fim no pescoço, cujo golpe deixou-lhe a cabeça quase decepada. As rogativas feitas à “Santa de Inhumas”, assim como as promessas são geradoras de graças alcançadas por intercessão dessa memorável jovem, que é tida por todos como “santa” e “Heroína da Castidade”.” (CIDRÃO, 2017). Para saber mais, consultar: CIDRÃO, R. S. **Biografia da Menina Benigna**. Disponível em: <http://jovembenigna.blogspot.com/p/biografia-da-jovem-benigna.html>. Acesso em 05 de junho de 2019.

¹⁶ Era tido como um humanitário e farmacêutico prático de relevante folha de serviço à comunidade regional.

o Prefeito Mozard de Magalhães, passando a ser propriedade da administração municipal. Na década de 1980, quando Plácido se elegeu prefeito (em 1982) o prédio é pensado para ser o Museu de Paleontologia.¹⁷

Logo abaixo veremos uma representação do que era este prédio nesta época, a partir de uma fotografia retirada nos festejos alusivos ao dia da Independência do Brasil em Santana do Cariri:

Figura 02: O chamado "Bar cidade", na década de 1950, que se tornaria o Museu de Paleontologia de Santana do Cariri em 1985.



Fonte: Museu de Paleontologia de Santana do Cariri (URCA)

¹⁷ “Nasceu em Santana do Cariri, estado do Ceará, onde realizou seus primeiros estudos nas Escolas Reunidas, da rede estadual e no Externato Lazolite Queiroz, onde concluiu o Curso Primário. Em seguida, passou a estudar em Crato, no Seminário São José, sementeira de estudiosos que irradia cultura e dissemina o saber ainda hoje pelos quatro cantos do Nordeste. (...) Atuou em pesquisas sociais e nos seguintes temas: Bacia do Araripe, fóssil, Chapada do Araripe, paleontologia. Foi homenageado por paleontólogos com a inclusão de seu nome a descrição de fósseis. (...) De 1983 a 1988 foi Prefeito Municipal de Santana do Cariri, onde realizou uma administração aplaudida por todos pelo senso de organização, operosidade e transparência, concretizando o saneamento básico e racionalizando a urbanização da cidade e semeando escolas e qualificando professores. No setor cultural, apoiou o folclore e a cultura popular, criou a Banda de Música e o Museu de Paleontologia, que através de Contrato de Comodato, transferiu para a Urca, em 1988. Data de então o seu interesse pela Paleontologia, à qual tem dedicado sua atenção e suas pesquisas. Manteve contato com estudiosos da área, o que possibilitou o fortalecimento do Museu, a montagem da Biblioteca Guilherme Capanema, especializada em Geologia e Paleontologia e a articulação com os núcleos mais avançados da pesquisa e da produção científica. Pedras de Peixe de Santana são fruto deste esforço, visando à divulgação da ciência paleontológica e objetivando despertar o interesse por um tema tão vinculado à região e ainda tão pouco difundido entre nós. Teve também outras obras publicadas como: Evolução da Igreja no Brasil – abordagem sociológica; Sinopse Histórica de Santana do Cariri; Padre Cristiano Coelho – Perfil Pastoral de um Vigário Sertanejo; Patativa do Assaré, um Clássico; Patativa e o Universo Fascinante do Sertão.”

Disponível em: <https://www.museudepaleontologiaplacidocidadenuvens.com/placido-cidade-nuvens>. Acessado em 06 de junho de 2019.

A imagem nos apresenta, na parte de trás, o espaço em que se localizava o Museu com o prédio da década de 1950, ao tempo que possibilita o deslocamento do leitor para o campo de visualização iconográfica da espacialidade no tempo. Isso contribui para termos uma noção do que era o local anteriormente à criação do Museu, corroborando para a história do prédio museal. Como nos situa Pesavento, “a imagem possui uma função epistêmica, de dar a conhecer algo, uma função simbólica, de dar acesso a um significado, e uma estética, de produzir sensações e emoções no espectador (2004, p. 52).

A fotografia abaixo se deu por ocasião do aniversário do município em 1985, quando foi pensada a Lei de criação do Museu.

Figura 03: Museu em 1985 por ocasião aniversário do município



Fonte: Museu de Paleontologia de Santana do Cariri

Nesse particular, o estabelecimento foi reformado em 1980, passando a ser o Museu de Paleontologia da URCA, o qual foi criado formalmente em 1985, pelo projeto de Lei Nº 173/85, de 18 de Abril de 1985, do Sociólogo e prefeito do município na época, Dr. Plácido Cidade Nuvens¹⁸.

¹⁸ É válido referenciar que o mesmo atuou como pesquisador e foi professor da Universidade Regional do Cariri (URCA).

A estrutura nesse período tinha a seguinte imagem:

Figura 04: Museu de Paleontologia da URCA, 1985.

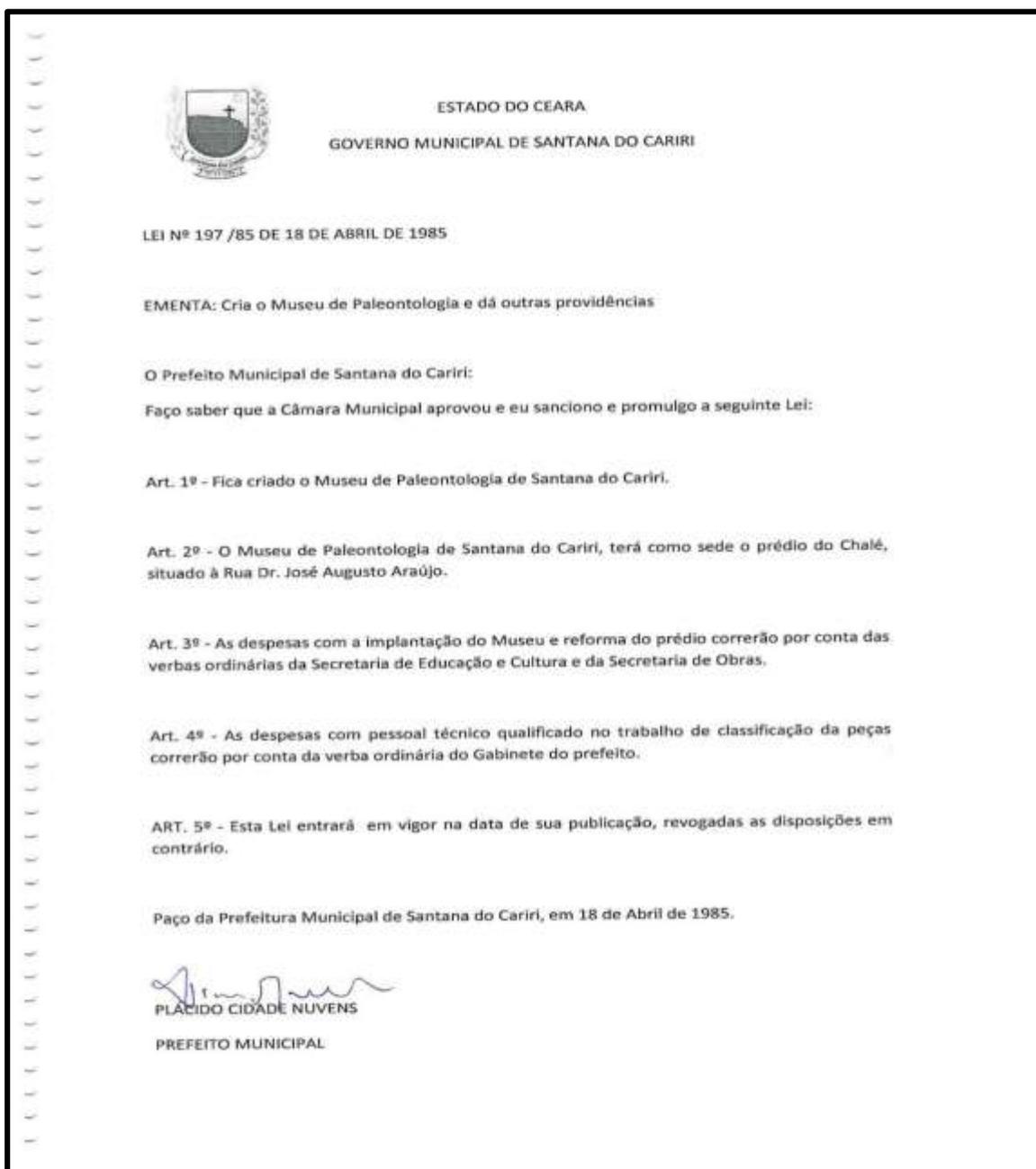


Fonte: Museu de Paleontologia de Santana do Cariri (URCA)

Tal projeto foi aprovado no mesmo dia em sessão da Câmara Municipal, virando Lei com o Nº 197/85, com o intuito de dar suporte aos pesquisadores que chegavam buscando entender um pouco mais sobre os fósseis da Bacia Sedimentar da Chapada do Araripe¹⁹. Conforme podemos visualizar abaixo:

¹⁹ Localizado no Sul do Ceará, a Bacia Sedimentar da Chapada do Araripe faz parte de uma peculiar região denominada de Cariri, em meio ao semiárido nordestino do Brasil. Seu território abrange os municípios de Crato, Nova Olinda, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha e Santana do Cariri, totalizando 3.441Km². O Geopark Araripe compreende uma região de inestimável valor científico, ambiental, histórico e cultural, cujo conhecimento e interpretação revelam a origem e evolução da vida na Terra.

Documento de criação do Museu de Paleontologia



Fonte: Câmara Municipal de Santana do Cariri-CE

Nesse sentido, tal fonte nos ampara como sendo documento histórico que corrobora para voltarmos ao passado e estudarmos as motivações que levaram à criação deste patrimônio histórico²⁰. Este que se consagra como sendo marcador de importância para o

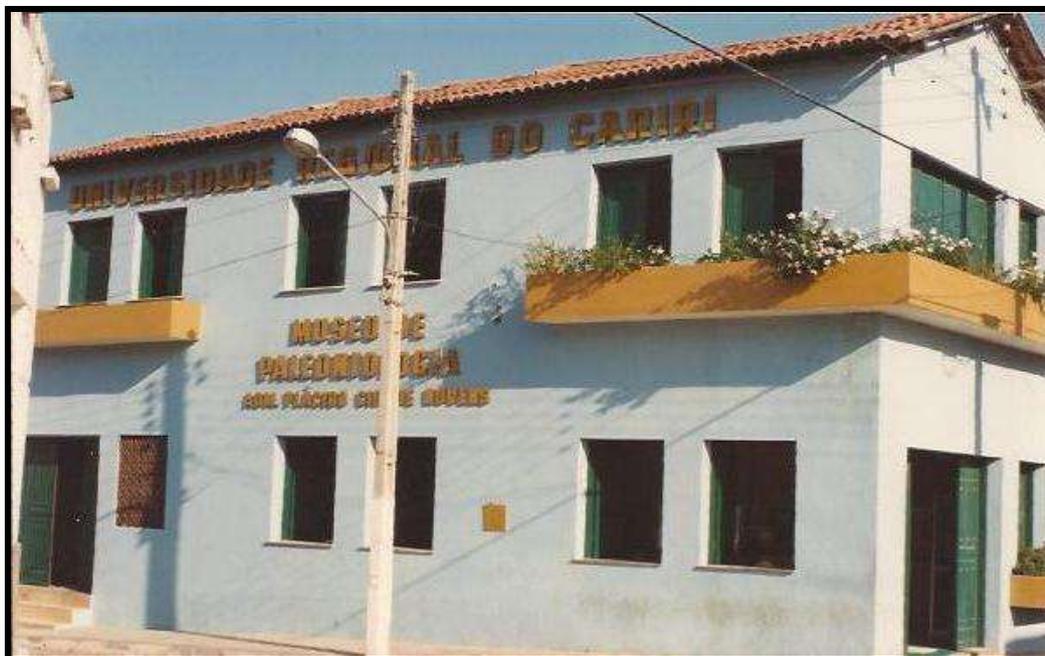
²⁰ Seu atual acervo abriga vários grupos de fósseis, sendo que seus maiores representantes são: troncos petrificados (por silicificação), impressões de samambaias, pinheiros e plantas com frutos; moluscos, artrópodes (crustáceos, aranhas, escorpiões e insetos); peixes (tubarões, raias e diversos peixes ósseos), anfíbios e répteis (tartarugas, lagartos, crocodilianos, pterossauros e dinossauros). Todo esse material fossilífero é proveniente, principalmente, das Formações Missão Velha e Santana (membros Crato, Ipubi e Romualdo) da Bacia do

desenvolvimento da ciência na região caririense, idealizado pelo prefeito da época, Plácido Cidade Nuvens. Concordamos com Oliveira ao sentenciar que:

Os chamados patrimônios históricos e artísticos, têm nas modernas sociedades ocidentais, a função de representar simbolicamente a identidade e a memória de uma nação. O pertencimento a uma comunidade nacional é produzido a partir da ideia de propriedade sobre um conjunto de bens: relíquias, monumentos, cidades históricas, entre outros. Daí o termo “Patrimônio” (2008, p. 114).

Nessa linha, o Museu foi inaugurado em 26 de julho de 1988, quando ocorreu a doação efetiva à URCA (Universidade Regional do Cariri), no ano de 1991, passando a integrar a estrutura da Universidade como núcleo de pesquisa e extensão. Com efeito, nota-se que “o museu oferece regularmente cursos, treinamentos, encontros, palestras e representa um ponto de apoio logístico para pesquisadores de todo o mundo” (LIMA, 2012, p. 46). A estrutura do Museu na época se encontrava como na figura abaixo e foi se modelando ao longo do tempo:

Figura 05: Museu de Paleontologia em 1991



Fonte: Museu de Paleontologia de Santana do Cariri (URCA)

Figura 06: Fotografia do prédio do Museu de Paleontologia após a reforma em 1997



Fonte: Museu de Paleontologia de Santana do Cariri (URCA)

Figura 07: Fotografia do prédio do Museu de Paleontologia após a reforma em 2008



Fonte: Museu de Paleontologia de Santana do Cariri (URCA)

Em relação ao trabalho desenvolvido, percebemos que o estudo com as narrativas orais é de suma importância para se notar a aura do Museu de Paleontologia para a cidade de Santana do Cariri, visto que cada personagem entende sua função no município aos seus

modos, e com isso acaba trazendo o seu passado à tona. Conforme se percebe na afirmação abaixo, vemos a dimensão que o mesmo vem demarcando:

A partir de 1997, através do projeto de implantação do Complexo Paleontológico da Chapada do Araripe, o Museu tornou-se propulsor da pesquisa paleontológica, na divulgação da ciência e no apoio à cultura do Cariri (LIMA, 2012, p. 46).

Afora estas questões, o que nos parece imperioso destacar é que os fósseis resguardados pelo Museu de Paleontologia já eram vistos por viajantes que passavam por Santana no século XIX, a saber, o pesquisador George Gardner²¹. Tal passagem pode ser autenticada na sua caminhada por Santana neste período, como vemos no relato: “Cerca de uma légua passamos por uma pequena povoação chamada Santana, com meia dúzia de casas e uma igrejinha” (GARDNER, 1975, p. 111).

Assim, conforme notamos, as expedições pelas terras caririenses já despertavam certo interesse daquele pesquisador pelas “pedras de peixes” preservadas pelo Museu de Paleontologia de Santana do Cariri. Sua visita àquelas terras tinha “o fim de procurar nas suas imediações um depósito de peixes fósseis, que me informaram existir” (GARDNER, 1975, p. 99). Consoante as palavras de Limaverde:

A expedição permaneceu no Ceará por dois anos e cinco meses e formou uma coleção zoológica, na sua quase totalidade caçada na Chapada do Araripe. Dessa coleção fizeram parte 12.000 insetos, 80 répteis, entre os quais cobras venenosas, diversos barris de peixes fluviais e, na parte referente à ornitologia, acima de 4.000 aves (2015, p. 108).

Sabe-se que os estudos envolvendo a arqueologia e paleontologia têm despertado interesses e olhares para as riquezas naturais de Santana do Cariri, a saber seus fósseis²², desde muito antes da Fundação do Museu de Paleontologia, cujo marco se assinalou em 1985.

Daí, denotamos a grandiosa importância do ato promovido pelo sociólogo Plácido Cidade Nuvens no sentido de buscar preservar os artefatos que ali se encontravam. Com isso, as riquezas paleontológicas situadas nessa região da Chapada do Araripe se constituem como artefatos de extrema importância para a construção da identidade regional e são responsáveis

²¹ Foi Gardner (1840) o pioneiro desses estudos ao trazer para o mundo científico as primeiras comunicações relativas à fauna da Chapada do Araripe, divulgando os peixes fósseis (LIMAVERDE, 2015, p. 108).

²² Fósseis são restos de seres vivos ou vestígios de atividades biológicas preservados naturalmente em sedimentos, rochas, gelos, cavernas, entre outros ambientes. Para ser um fóssil, este resto de ser vivo deve apresentar mais de 11 mil anos, período que corresponde ao final da última glaciação e início da idade geológica atual. A palavra fóssil deriva do termo latino “fossilis”, que significa “desenterrado” ou “extraído da terra”.

pelas diversas representações realizadas e atribuídas a tal espaço, referencial usado para aprimoramento e difusão de conhecimentos.

1.4 Reminiscências de um autor participante da pesquisa

O Museu de Paleontologia traz em sua imagem simbólica uma representação da minha infância, quando sempre desejei conhecer o local, pois era muito chamativo. O Museu de Paleontologia chamava a atenção de quem passava por perto. Grande parte os visitantes ficavam fascinados em estar frente a um dinossauro que ali viveu há milhões de anos e mesmo em frente a uma réplica com ares de real dava a impressão de que estávamos voltando ao passado.

Ao ser selecionado na primeira turma do Mestrado Profissional em Educação da URCA, acabei me detendo a uma suposição dentro do projeto de mestrado ao hipotetizar que poderíamos construir uma memória histórica santanense a partir da atuação do Museu de Paleontologia na cidade e também encontrar diversos discursos que pavimentassem essa memória tanto na educação formal quanto informal. O anseio pessoal em trabalhar com diversos sujeitos foi crucial e que pudessem destacar suas visões pessoais, a fim de se identificarem com esse patrimônio, dentre os quais se envolveriam educadores, estudantes, moradores e ex-moradores da cidade. Esse foi o veículo que me motivou a dar prosseguimento a tal estudo e aprofundá-lo pensando na contribuição que deixaria para a produção do conhecimento local.

Tal pesquisador sempre estudou em escolas públicas desde o início da sua trajetória escolar, a qual se faz necessário apresentar. Dentre elas, posso lembrar da EMEIEF Cleonísio Alves Rodrigues, onde tive a ajuda singular das professoras da Instituição. Em seguida passando pela EMEIEF Geraldo Rodrigues Dumont, à época, na qual tive as contribuições de muito professores daquela instituição, que certamente tiveram seu grau de importância na minha carreira acadêmica.

No Ensino médio frequentei a EEM Adrião do Vale Nuvens, celeiro de aprendizagens e grande propulsora de conhecimento. Ali conheci professores que futuramente se tornariam colegas de trabalho, os quais carrego com muita estima e admiração. Foram três anos muito bem aproveitados e cheios de desafios, mas satisfatórios para serem lembrados.

Eis que devemos nos curvar diante de tantas aprendizagens e conhecimentos que foram somados à nossa carreira durante toda esta trajetória de vida. Nesse sentido, viver requer que tenhamos humildade para aprender e olhar para trás e reconhecer todo o passo a

passo que trilhamos sempre creditando todas as fichas na educação. Acredito que esta força oculta que nos motivou a seguir, mesmo às cegas, impulsionou esta chegada até aqui. Com tantas lutas, residindo na Zona Rural, o ensino superior era um sonho.

Foram muitas batalhas para chegar a este espaço, mas consegui a duras custas. Quando ingressei na Universidade, algo palpável, a permanência seria o desafio, tão logo superado com os passos seguintes. Com base nisso, o ensino superior me proporcionou uma criticidade gigantesca, uma abertura de olhares sem igual. O Curso escolhido foi História, em 2011, por um afinco adquirido no ensino médio a partir da motivação da minha professora Maria Iva Peixoto, sempre instigando o gosto pela História em suas aulas. Após perder um dos vestibulares a que me propus fazer, restava tentar novamente no meio do ano, quando ingressei na Instituição. Na Universidade participei do PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, desde o ano de 2012 até 2015. Este programa foi fundamental para um maior preparo para a vida que se desdobraria nas escolas.

Outra grande aprendizagem se deu nas escolas de Educação básica, quando lecionei tal disciplina. Ali já se fazia presente a discussão patrimonial e essa sintonia com o Museu de Paleontologia.

A abordagem dentro do campo das subjetividades, buscando entender que autoestima os sujeitos locais detinham sobre o Museu foi algo que nos instigou a pesquisar. Uma busca pela sensibilidade oriunda dos discursos dos narradores nos permite enxergar a memória e a história que se encontra dentro desse interstício 1985-2016. As palavras desenhadas aqui externam dados produzidos com os mais diversos sujeitos, em seus territórios, seus lugares de fala e apropriação de saberes.

Face a tal, soma-se a este equipamento o conjunto de fósseis de milhares de espécies que lá viveram e que contribuem para tornar Santana um campo fértil para pesquisa e o desenvolvimento da ciência, dentro dos mais variados campos. É indiscutível que os narradores não falassem desses milhares de exemplares que o Museu protege.

Lugar extraordinário, o Museu me faz evocar uma visão muito voltada apenas para o embelezamento de ver os dinossauros que ali viveram há muito tempo. Mas por trás disso, emergia em mim, anos depois, o desejo em construir um trabalho que valorizasse a minha cidade, na qual cresci, estudei e projetei meu futuro.

Na academia, isso me levou a problematizar tais sentimentos em relação à História e tecer junto ao Museu no âmbito da memória das pessoas. Isso seria algo desafiador, mas desembocaria em um trabalho pioneiro na região, visto que até então não haviam trabalhos

relacionados à memória afetiva sobre o Museu. A produção de saberes também passa pelo não dito, pelas ausências, pelos lapsos e seleções de informações.

Este trabalho é interessante pelo grau de importância em focar esse Museu na perspectiva da educação, com vistas e dar notoriedade à educação patrimonial, qual deva ser trabalhada nas escolas da nossa região caririense. É sabido que essa temática é de suma importância para o conhecimento dos alunos em relação à sua história. No que toca à tal, sabemos que há muito tempo foi objeto de pertencimento de cunho positivista, como se realça abaixo:

Dessa forma, percebemos que durante muitos anos a discussão acerca do patrimônio a ser salvaguardado ficou restrita às relações com o positivismo histórico e, dessa forma era considerado como tal aquilo que estivesse atrelado à história dita oficial. A ampliação do conceito de patrimônio veio a partir da segunda metade do século XX onde outros elementos puderam ser intitulados enquanto patrimônio, estudados e preservados (OLIVEIRA, 2013, p. 64).

Frente a uma educação que não trabalhou tanto a questão patrimonial, isso despertou em mim uma incógnita: por que não fazer um trabalho voltado para tal tema, com vistas a despertar no currículo santanense algo voltado para este fim e pensar o tema dentro das escolas?

Situada no sopé da chapada do Araripe, Santana do Cariri é encantadora. A cidade que um dia já foi mar²³ desperta um sentimento muito emblemático na construção da identidade individual e coletiva, mesmo daqueles que não moram mais lá, mas que asseguram seus laços com o lugar. Essa leitura se complementa quando projetamos no Museu um objeto de proteção dessas riquezas.

Sem dúvidas, Santana do Cariri é privilegiada por ser a sede de um dos mais hegemônicos símbolos de proteção da História da Terra, detendo espécies muito consagradas no campo do ensino e da pesquisa.

Diante desse ponto de vista, notabiliza-se por atrair diversos turistas que vêm à cidade para conhecer a riquezas fossilíferas protegidas pelo Museu acabam impulsionando e aquecendo a economia local.

É por essas e por outras características bastante representativas e dignas de relevo que resolvi tomar como objeto de pesquisa o Museu de Paleontologia, a fim e promover essa

²³ O que se justifica pelos peixes de água salgada que foram encontrados aqui no sopé da Chapada do Araripe. Para Lima “A certeza que as águas marinhas estiveram no meio do nordeste do Brasil, mais precisamente na Bacia do Araripe, há cerca de 100 milhões de anos é atestada pela presença de equinoides (grupo da estrela do mar, serpente do mar e lírio do mar). Esse grupo ocorre apenas em ambiente cuja salinidade está acima de 20g de sal por litro de água, o que permite dizer, sem sombra de dúvidas, que o sertão já foi mar (2012, p. 45).

reflexão que perpassa a minha história de vida e de vários conhecidos, dentre amigos e pessoas que constroem suas memórias ao se problematizar tal matriz institucional.

Esse espaço se consagra como lugar de história e de memórias e me faz indagar e problematizar inúmeras questões: Como estas pessoas enxergam o Museu? Terá ele uma função de promover a autoestima e o sentimento de pertença à Santana? Como ele vem sendo usado para se tratar da temática patrimonial? E as escolas? Como têm tratado o Museu? Que desafios são apontados pelos sujeitos diversos que justificam um distanciamento ou trabalho com afinco a este equipamento?

A intenção é aproximar o campo de estudos presente nas escolas com a temática da educação patrimonial, buscando perceber como este tema é tratado dentro do currículo educacional das escolas do município e de que forma nossos professores procuram abordar este tema dentro de suas aulas.

O Museu se constitui como um patrimônio histórico bastante referenciado no Cariri cearense. Segundo a Lei 13.465, que dispõe sobre a proteção do Patrimônio Histórico e artístico estadual:

Art. 2º Constitui o patrimônio histórico e artístico do Ceará os bens móveis e imóveis, as obras de arte, as bibliotecas, os documentos públicos, os conjuntos urbanísticos, os monumentos naturais, as jazidas arqueológicas, as paisagens e locais cuja preservação seja do interesse público, quer por sua vinculação a fatos históricos memoráveis, quer por seu excepcional valor artístico, etnográfico, folclórico ou turístico, assim considerados pelo Departamento do Patrimônio Cultural da Secretaria da Cultura, ouvido o Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural – COEPA e decretado o tombamento por ato do Chefe do Poder Executivo, na forma do estabelecido no Capítulo II desta Lei (CEARÁ, 2018, p. 07).

Dentro desse viés, percebemos a grande notoriedade que o Museu de Paleontologia é dotado, pois é amparado por Lei Estadual e tem sua proteção assegurada. Essa importância dada ao patrimônio é muito significativa para se preservar sua história e memória, conseqüentemente. “É responsabilidade do Estado a elaboração de diretrizes para definição de uma política de patrimônio voltada para a educação, assim como, uma política de educação voltada para a preservação do patrimônio” (APOLINÁRIO, 2012, p. 58).

A importância deste olhar perspicaz para tal problematização deste trabalho se dá também para quebra e desconstrução de uma postura positivista que via apenas nos grandes feitos e grandes heróis os cabides da história. Ao buscar ouvir os diversos sujeitos, tanto no âmbito formal como informal, notamos que:

Rompe, mais uma vez, com a historiografia positivista, pautada na concepção tradicional de preservação da ação dos “heróis nacionais”, na perpetuação da história oficial baseada no culto à genealogia da nação em detrimento de outros sujeitos históricos (DE OLIVEIRA, 2007, p. 60).²⁴

É imperativo destacar algumas as metas presentes também no Plano Estadual de Cultura do Ceará e que podem se constituir como subsídio jurídico para que os professores disponham de recurso para o tratamento da temática patrimonial, quais sejam:

- V. reconhecer e valorizar o patrimônio cultural do Estado, englobando os bens materiais, imateriais e os naturais;
- VI. garantir o direito à memória e ao conhecimento do passado, com vistas ao exercício da cidadania; [...]
- XII. garantir a inclusão de manifestações culturais do Estado nos espaços de educação formal e informal, em consonância com as diretrizes do Plano Estadual de Educação e a Liberdade de Expressão (CEARÁ, 2018, p. 9-10).

Nesse sentido, é necessário verificar a dimensão e importância dessas metas para serem aperfeiçoadas e adequadas a cada realidade de ensino, dentro de cada realidade educacional. Isso serve como amparo na caminhada que traçamos na busca de aperfeiçoar caminhos que possibilitem a implantação do tema, um debate mais amplo e uma consistência maior frente ao debate patrimonial.²⁵

1.5 Memória, história e educação patrimonial: um panorama teórico-metodológico do tema pesquisado.

Em se tratando das discussões envolvendo o campo da História, educação e patrimônio, vê-se a importância de dialogarmos com autores desse eixo de pesquisas, os quais elegemos para sustentar nosso objeto de estudo. Para embasar os debates deste trabalho, faz-se necessário a incorporação de alguns aportes teóricos que forneçam amparo a partir de seus escritos para balizar as propostas aqui apresentadas, lançando luzes para questões que nos orientarão nesse mergulho sobre o tema proposto.

Acreditamos que o professor precisa refletir sobre sua atuação no cenário educacional alimentado pela teoria que fertiliza sua ação, como notamos no que atesta Pimenta:

²⁴ DE OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Temp (I) os de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX)**. Saeculum—Revista de História, n. 16, 2007. Visitado em 20 de dez. de 2018.

²⁵ Pensar a transformação de uma sociedade é, sem dúvida, eleger a educação como fundamental estratégia de ação, priorizando-a enquanto política pública nacional: universalizando o acesso e garantindo a qualidade (APOLINÁRIO, 2012, p. 54).

A teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais (2005, p. 24).

Para sustentar nossos objetivos teórico-metodológicos, buscaremos pensar dentro de um ambiente firmado na História Cultural, visando um estudo do objeto de pesquisa proposto à luz dos autores ligados a este campo.

No que concerne ao estudo com este novo objeto de pesquisa, Peter Burke, em sua abordagem na obra *“O que é história cultural?”*, trata em seu segundo capítulo sobre um amplo painel de desenvolvimento da História cultural. Para o autor, “os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir” (BURKE, 2008, p. 33). Desse modo, cabe aqui lançar um olhar para as fontes aqui indicadas no sentido de interpretar as várias visões lançadas para a matriz em tela, questionar os interesses por trás deste tentando perceber as relações desta com a cultura histórica e educacional presente no município. “Desconfiar” dos discursos ali disseminados é uma tarefa que nos parece cara, pois há diversos interesses postos nestes, cuja tessitura converge para um dado contexto e um determinado tempo.

Na mesma direção, tomamos por base as ideias de Sandra Jatahy Pesavento, em *“História e História cultural”*, a qual defende que “a História Cultural assinala uma reinvenção do passado, a qual se constrói na nossa contemporaneidade”, indo ao encontro da análise que traçamos nessa proposta de estudo. Desse modo, a partir das leituras destes teóricos é possível trabalhar com instrumentais de História cultural nesse trabalho no qual estamos dando enfoque.

A autora enfoca a relação das representações com o sentimento de pertencimento ao lugar a partir das sensibilidades que são manifestadas. Isso reproduz muito bem as percepções que buscamos reconhecer sobre o Museu. Conforme a autora:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2004, p. 21).

Nesse sentido, faz-se necessário o uso do trabalho com as fontes orais para analisar as narrativas e discursos em torno deste patrimônio histórico de relevância ímpar, posto ser

interessante interagir na cidade com os vários olhares que são lançados para esta Unidade e interpretá-los na construção de uma identidade local.

Nessa linha, destacamos a contribuição de Lucília de Almeida Neves Delgado a esta pesquisa, em sua obra “*História oral: memória, tempo, identidades*”, pois esta traz elementos cruciais no trato com as fontes orais. Para ela:

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica da vida pessoal em conexão pelo processo de recordação, que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente (DELGADO, 2010, p. 16).

Tal conceito se mostra um elemento preciso e favorável ao desenvolvimento desta pesquisa e, conseqüentemente, bastante eficaz para desenvolver um trabalho pautado na metodologia da História Oral, porquanto é necessário para se entender os discursos que permeiam a identidade local a partir da sensibilidade dos moradores.²⁶

Sob tal perspectiva, convém salientar que os trabalhos envolvendo Memória histórica se utilizam da História oral como meio para se chegar e configurar possíveis resultados. A tais fontes supracitadas compete o papel de atribuir um significado ao acontecimento que informa diante do que se reconta, um novo meio de se enxergar e problematizar tal objeto de pesquisa. Com efeito, Delgado (2006, p. 15) nos acrescenta que:

A História Oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas e consensuais.

Com base no exposto, Alessandro Portelli é contundente, em seu trabalho intitulado “*História Oral e poder*”, ao enaltecer também o uso do procedimento da História Oral, em que narrativa dá sentido a mesma a partir dos seus discursos. Conforme enfoca abaixo:

O discurso da História Oral, então, é um discurso contaminado, é um discurso multivocal, é um discurso que tem uma multidão de autores. Não só o que assina a capa ou que tem o nome no artigo, pois os autores são todos os que falaram e que estiveram no diálogo para que este livro, este artigo, existisse (PORTELLI, 2010, p. 08).

²⁶ Para Sales (2014, p. 22), “o trabalho com a história oral é identificado como um documento do presente, visto que as narrativas orais vão se modificando simultaneamente”.

Além disso, o trabalho com a História oral requer também a produção de entrevistas, que servirá de material a ser interpretado e analisado neste estudo, a fim de se tomar posse das narrativas a serem transcritas e examinadas posteriormente, visto que nas palavras de Verena Alberti “a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado” (2000, p. 02).

Conforme se percebe, as entrevistas são elementos compositores da história oral, pois trabalham juntamente com o grau de subjetividade ali presente, com a qual se pode interpretar de maneiras variadas o posicionamento de cada narrador sobre o Museu de Paleontologia. Com essa proposição, compreendemos que “no museu, a dimensão cognitiva sempre se imbrica, profundamente, na afetiva” (MENESES, 1994, p. 14). Ora, a grande questão em tela seria a interação entre interlocutor e narrador dentro dessa dimensão afetiva e sensível que se instaura nas entrevistas orais.

Com vistas a entender essa produção do conhecimento a partir do olhar lançado para o Museu, percebe-se que os elementos materiais do espaço em tela se sustentam em abstrações, lembranças e significados dados àquele lugar. O espaço vivido pelos narradores está incorporado à vida, às suas ações e dimensão subjetiva.

Podemos encontrar sustentação do enfoque abordado na afirmação de Minayo (2004) *apud* Kahn & Cannell (1962), a qual diz que a entrevista pode ser concebida como:

Conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo (2004, p. 108).

Dessa forma, o pensamento da autora mostra-se congruente com nosso propósito quando pontua que “a discussão do campo conceitual da entrevista como técnica de coleta de informações é amplo e contempla uma série de questões que vão desde a fidedignidade do informante ao lugar social do pesquisador” (2004, p. 109).

Nessa linha de raciocínio, as contribuições mostradas são edificantes para este trabalho pragmático com a produção de entrevistas, as quais merecem bastante atenção e cautela, pois:

Entrevista não é apenas um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma situação de interação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador (MINAYO, 2004, p. 114, grifos nossos).

Ao nos debruçarmos sobre tal estudo, julgamos como necessários os pontos destacados acima, uma vez que nas entrevistas orais estaremos em um processo de interação com nosso narrador, atentando para o estado emocional em que este se encontra. Além disso, buscar entender o uso correspondente ao trato com as fontes orais e sua posterior análise. Estas compreendem uma grande dimensão de relevância, pois são peças cruciais, as quais permitem aos narradores discorrerem de maneira ampla sobre as temáticas que serão tratadas.

Diante disso, segue algumas das principais abordagens a serem enfocadas na fase de entrevistas aos narradores, a fim de acionar as suas memórias para que destacassem suas apropriações quanto ao Museu de Paleontologia de Santana do Cariri. Qual a importância do Museu de Paleontologia para Santana do Cariri?; Como você percebe a função do Museu dentro do Município?; Você conhece os fósseis presentes no Museu de Paleontologia?; Em sua opinião, o que eles representam?; Qual a relação do Museu de Paleontologia e o turismo?; Descreva seu ponto de vista sobre o contrabando das “pedras de peixe”; Há uma relação entre as escolas do município e o Museu de Paleontologia? Qual?

O exercício de escrita desse trabalho ganhou força com o artigo “*O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*”, do autor Roberto Cardoso de Oliveira, qual tenha permitido uma leitura diferenciada para estas três etapas no processo de construção de um texto. Nesse, o referido autor enfoca em um dos elementos mais áridos na pesquisa, a escrita, o que nos pareceu interessante pelo grau de sutileza. Necessariamente, quando enfatiza a escrita em primeira pessoa, a qual focamos em algumas partes deste texto. Conforme o mesmo:

O fato de se escrever na primeira pessoa do singular, não significa necessariamente que o texto deva ser intimista. Deve significar simplesmente - e nisso creio que todos os pesquisadores podem estar de acordo- que o autor não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: "nós" (DE OLIVEIRA, 1996, p. 17).

Nesse sentido, com vistas a analisar essa costura dentro do texto que o mesmo sinaliza para tal relevância na postura do pesquisador, atenta também para outros elementos de suma importância: o olhar e ou ouvir, quais foram largamente utilizados nas entrevistas realizadas na construção desse trabalho.

Nessa linha, pensamos em trazer à baila as ideias de José D’Assunção Barros, em sua obra “*O campo da História: especialidades e abordagens*”, o qual se reporta à História

cultural em suas múltiplas facetas. O autor trata desta dimensão da História Cultural, emprestando seu viés voltado à História do Imaginário para tratar das ideias tecidas por um grupo pesquisado, em que esta “estuda essencialmente as imagens produzidas por uma sociedade, mas não apenas as imagens visuais, como também as imagens verbais e, em última instância, as imagens mentais” (BARROS, 2004, p. 91).

Assim, Pesavento ratifica tal viés ao dizer que:

A ideia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica (2004, p. 23).

A partir do exposto, podemos perceber a grande dimensão tratada por Barros e Pesavento em seus extratos, os quais trazem elementos para pensarmos sobre o Museu de Paleontologia. A ideia de pensar o imaginário para além do prédio, podendo-se fazer uma ponte com o imaginário social acerca deste objeto de pesquisa, o que é convergente com nossa proposta. Nessa direção, pensar o imaginário popular associado ao encontro dos saberes populares da região conjuga uma ideia bastante pertinente ao nosso fazer e aos nossos objetivos. Como nos aponta Marc Bloch:

É que o espetáculo das atividades humanas, que forma seu objeto específico é, mais que qualquer outro, feito para seduzir a imaginação dos homens. Sobretudo quando, graças a seu distanciamento no tempo ou no espaço, seu desdobramento se orna das sutis seduções do estranho (2002, p. 44).

Como apura o autor acima, o passado nos lança uma sedução no tempo e espaço, o qual é resgatado, revisto e ressignificado no tempo presente por meio da imaginação. As memórias tecidas e que são costuradas no presente podem ser captadas por elementos do passado que estão postos e demarcados no seu espaço construído. É o relacionamento com o mundo, a interatividade com estes discursos que dá sentido às experiências dos sujeitos históricos.

Acresce informar que ao tratar da História Cultural, Barros encampa que “trata-se de uma dimensão múltipla, plural, complexa, e que pode gerar diversas aproximações diferenciadas” (2004, p. 59). Dito de outra forma, o autor reafirma nossa proposta de trabalhar com várias versões para um dado objeto de estudo, com vozes múltiplas e peculiares a serem analisadas a partir do lugar social de cada um dos depoentes.

Para o autor:

Pensar a cultura em termos de polifonia é buscar as suas múltiplas vozes, seja para identificar a interação e o contraste entre extratos culturais diversificados no interior de uma mesma sociedade, seja para examinar o diálogo ou o “choque cultural” entre duas culturas ou civilizações distintas (BARROS, 2004, p. 73).

Em vista disso, entendemos que uma Nova História Cultural interessar-se-á pelos sujeitos produtores e receptores de cultura no lugar social em que estão produzindo e recebendo esta. Nesse veio, Silva corrobora com o ideário de que “é incontestável que há grande variedade e lugares onde o conhecimento histórico se efetiva, principalmente quando levamos em conta os elementos cognitivos com os quais o homem contemporâneo se depara” (2010, p. 191).

Nesse sentido, é convergente com o nosso fazer esta ideia de incorporar as várias dimensões que o narrador carrega dentro dos espaços e tempos, dentro de sua cultura e permeando seu lugar social, o que dá legitimidade aos modos como ele identifica o Museu de Paleontologia dentro da cidade.

Nessa linha de pensamento, demonstra-se que grande parte das entrevistas que foram realizadas para desenvolvimento desta pesquisa estarão compostas de extratos de pensamento e discursos diferenciados, os quais se configuraram tanto no passado quanto no tempo presente. Os recursos usados nestas retratam as subjetividades dos narradores, as quais podem ser usadas como elementos a serem analisados em torno das representações sobre o Museu de Paleontologia. Como acentua Alberti:

Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico – isto é, de que se deve tomá-la como dado objetivo para entender por que determinados acontecimentos ou conjunturas são interpretados de um modo e não de outro (2000, p. 01).

Além desses, outro autor que projeta ideias interessantes a este estudo é Gisafran Nazareno Mota Jucá, em sua obra “*A oralidade dos velhos na polifonia urbana*”, o qual discute e traz à tona, a questão do indivíduo enquanto participante de memórias individuais e coletivas e suas várias maneiras de compreender o mundo, senão vejamos:

A interpretação social que pode ser extraída da memória nos remete a um campo mais abrangente, onde o individual se movimenta através de espaços

sociais dinâmicos, que nos revelam aspectos nem sempre considerados em outras reconstruções históricas (JUCÁ, 2011, p. 20).

Ainda nessa linha, Jucá (2011, p. 43) avalia que “as técnicas utilizadas pela História Oral representam uma opção que serve de esteio ao trabalho do pesquisador na busca das semelhanças e diferenças observadas”, o que nos permite uma maior apropriação das fontes estudadas, a fim de efetivar a análise que buscamos.

Outro autor que notadamente nos apresenta conceitos interessantes é Michel Pollak, na sua obra “*Memória, esquecimento e silêncio*”, o qual se alinha ao nosso propósito de estudo. É preciso enfatizar que, no tocante às questões relativas à memória histórica, percebe-se que esta está cercada e acorrentada ao processo de lembranças e representações que contribuem para a sua fluidez, vez que “cada vez que a memória está constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, da organização” (POLLAK, 1992, p. 206).

No que diz respeito ao tempo histórico, espaço e outras problemáticas, o trabalho intitulado “*Entre Memória e História: a problemática dos lugares*”, de Pierre Nora, delineia-se importantes contribuições para se pensar e refletir acerca das imposições que a história em parceria com a memória nos institui. Neste trabalho, o autor acaba enfatizando o processo de constituição das lembranças e a escrita como registro de memórias. Segunda Nora:

A questão histórica que permeia essa reflexão parece ser a chamada aceleração, com seus desdobramentos, as transformações incessantes e as suas decorrências, a ameaça do esquecimento o mito da prisão no eterno presente situações que levam a uma obsessão pelo registro, pelos traços, pelos arquivos, em síntese, pela História (1993, p. 07).

Outrossim, nos debruçamos ainda sobre as ideias propostas por Jacques Le Goff, que em “*História e Memória*”, nos propõe alguns conceitos históricos que vão ao encontro de discussões de tal trabalho. Nesse sentido, pontua em uma de suas passagens, a criação de instituições históricas, principalmente museus, em países como a França e a Inglaterra e sua posterior expansão ao longo do tempo, alçado à categoria da memória. Conforme o autor ressalta:

A memória, como propriedade de conservar informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (2003, p. 419).

Em sintonia com o exposto, Le Goff traz ainda a ideia de que a memória coletiva “sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha papel importante na interdisciplinaridade que se instala entre elas” (2003, p. 466). A principal tônica do autor nessa premissa parte do fato de que a memória, por ser partilhada coletivamente, deve tomar proporções para além de meras lembranças, estruturando-se de forma categórica também em outras áreas do conhecimento humano.

Em suma, entendemos que a memória é um elemento social que serve como base para os indivíduos buscarem uma identidade, seja ela individual ou coletiva, oral ou escrita, a partir das sensibilidades dos sujeitos históricos. As mesmas podem se definir como manifestações do passado para servir ao presente e ao futuro, ganhando novos significados e significantes no tempo.

Nessa linha, a partir dessa constatação que se põe às representações santanenses vemos que o trabalho com práticas educativas e o teor cultural que relacionem o Museu e o ensino nas escolas pode ser operado de maneira profícua em Santana do Cariri no tempo presente.

Nesse sentido, a importância do Museu de Paleontologia é bastante firme e suas práticas educacionais no município são extremamente relevantes para a tomada de conhecimento sobre a preservação do patrimônio fossilífero que ali se encontra. Dito isto, podemos recorrer à ideia de que a Instituição “possui acervo bibliográfico especializado (Geologia, Biologia, Paleontologia, Química, Física, entre outros), centro de intercâmbio científico, videoteca e recursos audiovisuais” (LIMA, 2012, p. 46), o que fomenta a pesquisa científica e uma ampliação do conhecimento acerca desta Unidade.

É incontestável a contribuição de Ana da Paz Pinheiro em sua obra intitulada “*Educação e Patrimônio histórico-cultural*”, trazendo como enfoque a relação entre patrimônio e ensino e tomando por base que é de fundamental importância os alunos tomarem conhecimento da temática ligada à Educação Patrimonial. Com a inserção desta ação, os discentes poderiam conhecer melhor a história do Museu de Paleontologia, tornando o conhecimento sobre este, sobretudo, no seu aporte inclusivo e integrado à cultura educacional.

Deve-se resgatar e viabilizar uma proposta de ensino pautado no estudo e maior valorização do Museu de Paleontologia com vistas a estabelecer paralelos e apoios dentro das escolas, compreendendo que este envolve artefatos fossilíferos em riquíssimo estado de conservação. Em se tratando dessa relação, partilhamos da ideia da autora, para quem “é preciso que os educadores assumam esse compromisso e criem possibilidades de trabalhos

teóricos e de campo para auxiliar a comunidade no processo de interlocução com a memória, com os lugares de memória e com a história local” (PINHEIRO, 2000, p. 45).

Em consonância com o exposto, Átila Tolentino é extremamente relevante em suas considerações ao se debruçar sobre a organização de um trabalho com cunho patrimonial e a pretensa inserção dos estudos envolvendo tal temática no plano educacional, reunindo várias considerações de diversos autores sobre o tema. Na sua obra intitulada “*Educação Patrimonial: reflexões e práticas*” apresenta a importância do trabalho com o patrimônio e faz apontamentos para tal. Uma passagem interessante do seu trabalho dispõe da aliança de elementos que preservem e valorizem o patrimônio histórico e educacional, corroborando para seu sucesso.

Em uma das passagens diz que:

É o estabelecimento de vínculos entre políticas públicas de patrimônio às de cultura, turismo cultural, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano e outras áreas correlatas, favorecendo, então, o intercâmbio de ferramentas educativas de modo a enriquecer o processo pedagógico inerente a elas. Dessa forma é possível a otimização de recursos na efetivação das políticas públicas e a prática de abordagens mais abrangentes e intersetoriais, compreendendo a realidade como lugar de múltiplas dimensões da vida (FLORÊNCIO, 2012, p. 28).

Em se tratando dos artefatos fossilíferos presentes no Museu de Paleontologia, vemos que são significados no presente enquanto partes intrinsecamente ligadas à tal espaço. Isto acaba indo ao encontro do pensamento de Francisco Régis Lopes Ramos, que em “*A danação do Objeto*” abona esse pensamento ao destacar que “mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar” (RAMOS, 2010, p. 02). Segundo o autor:

Qualquer exposição é sempre uma leitura possível e, por isso mesmo, nunca pode assumir a condição de conhecimento acabado, para o qual meramente se solicita a adesão do visitante ao Museu. A partir das problemáticas dadas, que se fundamentam em certos critérios de interpretação, não seria apenas os "dados" expostos e sim modos de provocar reflexões a partir da atuação do Museu (RAMOS, 2010, p. 08 *apud* MENESES, 1994).

Ora, os fósseis são partes do Museu que se constituem enquanto representações materiais de um passado da Terra, carregados de memória e que repassam um dado conhecimento que necessita ser conhecido, valorizado e disseminado. A visita ao museu por

parte das pessoas locais ou oriundas de outros lugares oportuniza a difusão do conhecimento que o espaço é detentor, consumando uma importante função deste monumento: a disseminação do conhecimento sobre o passado ali materializado.

Em outra obra que nos debruçamos para construir este trabalho, o historiador santanense Raimundo Sandro Cidrão, em *“Ainda Resgatando”*, nos apresenta a história de Santana do Cariri desde a sua ocupação, imprimindo as marcas que a cidade carrega em todo seu histórico. Tal obra foi levada a efeito por este pesquisador para consulta e uso nessa dissertação, vez que traz uma ampla abordagem da História local, destacando os pontos cruciais para serem compreendidos ao se falar de Santana do Cariri.

Com isso, a educação adquire sua seara de transformação e elemento de dinâmica na vida. Freire (1996, p. 24) é enfático ao avaliar que:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.

Em suma, entendemos que a memória histórica é um elemento social que serve como base para os indivíduos buscarem uma identidade, mas é concebida na esfera educativa no seu âmbito formal e informal. O Museu de Paleontologia de Santana do Cariri é gerido por esta gama de memórias que vislumbramos nos apropriar no âmbito educacional, as quais são elementos que visamos perceber a partir da visão exterior lançada ao prédio.

Nesse sentido, a relação do Museu ao ensino nas escolas é um ponto extremamente importante em Santana do Cariri no tempo presente, dada a grande sintonia entre produção e adesão do conhecimento, nesse campo fértil de pesquisa. Tal como é relevante a inserção das discussões em torno da educação patrimonial no dado lugar, pois a dimensão subjetiva das pessoas está muito presente ali, o que nos ampara a fim de problematizar como ocorre essa proximidade com o patrimônio histórico que é o Museu de Paleontologia.

CAPÍTULO 2

MUSEU, NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES: A DIMENSÃO DOS DISCURSOS ORAIS SOBRE O MUSEU DE PALEONTOLOGIA NA PERSPECTIVA DOS MORADORES DE SANTANA

“OS FÓSSEIS DE SANTANA”

Quem no mundo se interesse
por paleontologia
se o Cariri não conhece
tá cometendo heresia
nossos fósseis são famosos
deles somos orgulhosos
pois eles podem provar
que as terras do meu sertão
ainda antes de Adão
tava no fundo do mar.

Nossos fósseis documentam
o cretáceo inferior,
flora, fauna representam
com absoluto primor.
Seja o mundo invertebrado,
seja o mundo dos cordados,
peixes temos de montão
junto com os pterossauros
outros tantos dinossauros
extintos na evolução.

Willian Brito cad. n° 01²⁷

Tal recorte tem como objetivo construir algo voltado para a narrativa dos diversos sujeitos que compõem a cena escolar e, também, o contexto espacial em Santana do Cariri. Os versos acima dizem respeito aos fósseis presentes em Santana do Cariri, extremamente importantes para serem resguardados pelo Museu de Paleontologia.

As experiências incididas sobre o Museu são diversas e suscitam um sentimento de respeito para tal equipamento. Com isso, podemos estabelecer uma relação entre o sentimento de identidade presente na memória e nas representações variadas que os moradores vão atribuindo ao Museu de Paleontologia, seja no âmbito escolar ou não. Como endossa Jucá:

O valor do uso da História oral reside na possibilidade de diálogo a ser mantido entre os entrevistados e o pesquisador, onde a subjetividade na

²⁷ BRITO, Willian. **Os fósseis de Santana**. In: A cultura popular no Cariri. Crato: Academia dos cordelistas do Crato, 1996. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=63285>>. Visitado em 20 de dez. de 2018.

construção do conhecimento não brota exclusivamente de uma única posição, mas do diálogo travado entre o entrevistador e o entrevistado (2003, p. 52).

Com base nessa perspectiva, o Museu é revestido de variadas subjetividades e memórias ancoradas nas mais diversas tessituras que o circundam. Os depoimentos orais são valiosas formas de perceber como é vista a matriz em tela pelos mais diversos sujeitos e isso entrelaça uma dimensão educativa externa e internamente.

Assim, é válido percorrer os vários trilhos da memória que se edifica quando nos debruçamos para falar do museu, que ao ser mencionado, não se desapega do sentimento de proteção e resguardo dos fósseis encontrados na região e as narrativas são alojadas nessa camada de pensamento.

As memórias são várias e vão ganhando simbologia a partir das provocações feitas aos narradores nas entrevistas orais. Muitas dessas acabam sendo inquietações a fim de se estabelecer um laço de maior afetividade com a matriz institucional. “Uma entrevista de história oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam” (ALBERTI, 2000, p. 03).²⁸

Dentre dos discursos, vemos as singularidades e percepções, mas também aproximações pois tocam em pontos que se ratificam ao serem questionados sobre alguns temas. É a construção de uma memória tecida de maneira plural, pois sua heterogeneidade a faz ser nutrida por várias vozes.

Logo abaixo podemos ver uma importante simbologia do Museu, a libélula, que é um fóssil escolhido como representativo para o Museu. A escolha se deu, em princípio, pelo excelente estado de conservação da peça e também para diferenciá-lo do status de outros Museus de Paleontologia mundiais existentes, já que priorizam, em sua maioria, dinossauros ou peixes como seus símbolos.

²⁸ ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f.

Figura 08: Libélula *Chordulagomphus araripensis*



Fonte: GEOPARK ARARIPE. Relatório de Gestão. Crato: Geopark Araripe/URCA, 2015 (Mimeo). Disponível em: <http://www.gr.unicamp.br/penses/wp-content/uploads/2016/04/GeoPark-Araripe.pdf>.

2.1 Caracterização e impressões da experiência diante das entrevistas: as marcas da pesquisa

Dentro da perspectiva de analisar as narrativas com as quais nos debruçamos é importante salientar o papel do autor enquanto sujeito que visa empreender seus interesses na pesquisa. Com esse pensamento fomos direcionados a focar nos narradores que estavam na cena escolar e direta ou indiretamente ligados ao Museu.

Os percursos que a pesquisa tomou foram longos e cansativos, mas prazerosos na sua dimensão de afetividade. As primeiras entrevistas começaram a ser gravadas em 2015, quando ainda estava na graduação, o que motivou uma investigação maior diante do tema. No mestrado, este olhar se ampliou para a cena escolar e suscitou novas problematizações que perpassavam uma visão anterior, bem como trouxe uma aresta propositiva diante desta matriz. A continuação dessas gravações ocorreu entre os anos de 2018 e 2019, a partir da consulta a determinados grupos que elegemos para tal.

Isso nos direciona a entender que as bases da História Oral foram de suma relevância, pois:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado (ALBERTI, 2000, p. 01)

Com efeito, a eleição dos entrevistados da pesquisa se deu a partir de uma triagem na qual selecionamos aqueles sujeitos que estavam na cena escolar, bem como aqueles que detinham uma ligação com o Museu, ou não. Ali estava posto o interesse em saber como os referidos se apropriavam daquela instituição e que conotação ela representava para os mesmos, numa dimensão de afetividade e autoestima.

Dito isto, as impressões que surgiram foram diversas no processo de trabalho com os variados sujeitos, desde o afinco e aferro que muitos carregavam com o equipamento até o desconhecimento das suas funções dentro da cidade.

Os ensinamentos e aprendizagens também se constituíram como peças grandiosas neste processo. O fato de escutar os entrevistados deu margem para perceber a grandeza que se adquire ao aprender com o outro, mas também ao ver as sinalizações que cada discurso reflete, seja de enaltecimento ou de negação de fala. “O Ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, numa outra, de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação” (DE OLIVEIRA, 1996, p. 09).

Então, nessa linha, os narradores que e dispuseram a conceder entrevistas foram: alguns professores que estavam na educação básica, monitores do Museu de Paleontologia, coordenação do Museu, Bolsistas do Geoparque Araripe, ex-monitores do Museu, moradores e ex-moradores da cidade que acompanharam ou não a chegada do equipamento à cidade, alguns estudantes e pessoas ligadas à gestão escolar, dentre outros.

A Metodologia de pesquisa pautada na História Oral suscitou muita aprendizagem ao longo da trajetória que nos propusemos a desenvolver tais estudos. Isso possibilitou garimpar novas ideias e incorporá-las ao texto escrito. Como explica Alberti:

A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção); houve um impulso da história cultural (2000, p. 01).

Os saberes diversos que todas essas camadas de entrevistados carregavam foram deveras proveitosos na construção desse trabalho, visto que extraímos as peculiaridades necessárias e condizentes aos nossos interesses. A sensibilização do olhar para estes narradores foi muito relevante para se compreender sua dimensão de fala e buscar uma visão crítica diante dos mesmos, a partir do que conheciam ou desconheciam. “Mesmo porque há uma relação dialética entre o comunicar e o conhecer, uma vez que ambos partilham de uma mesma condição: a que é dada pela linguagem” (DE OLIVEIRA, 1996, p. 11).

Outro elemento que nos deparamos foi o medo em falar do equipamento. Ao irmos às casas de muitos dos entrevistados, ou até mesmo no Museu de Paleontologia, que nos forneceu um de seus espaços para produção das gravações em vídeo e áudio, aparecia visivelmente o pavor diante das perguntas que seriam feitas. O medo se saberiam ou não responder, o pedido pelo envio prévio das questões ou se iam conseguir atender aos objetivos que nos propusemos ao trabalhar o museu. Mas logo eram apaziguados mediante uma conversa que antecedia a entrevista, que esmaecia esse receio impactante de falar sobre o equipamento e nos encaminhava para uma conversa mais “leve”.

Os locais preparados para estas gravações foram desde o espaço concedido pelo Museu, no qual fizemos algumas das entrevistas aqui dispostas, até as próprias casas dos narradores, quando definimos uma data específica para realização das conversas.

O debate sobre o museu levou muitos depoentes a desabafarem, conforme suas narrações, sobre a ínfima atuação do mesmo nas escolas municipais, permitindo um grito, um pedido para que esta instituição fosse trabalhada com maior aferro ali no Município, exatamente por ser de lá. Apontaram diversos problemas e diversas “saídas”, que poderiam favorecer uma aproximação com a Instituição. Alguns educadores propuseram, outros elogiaram. Alguns se negaram a esclarecer que relações detinham com o equipamento.

Em outra linha de pensamento, havia discursos que jogavam a responsabilidade apenas para as escolas trabalharem o Museu, numa tentativa de se resguardar da ideia de se trabalhar esta matriz com mais articulação, deixando claro que as escolas deveriam procurar mais o equipamento para que se propusesse uma aproximação, um contato mais intimista.

As dificuldades que encontramos dentro desse processo foram sentidas na negação de fala de algumas pessoas, as quais se resguardaram na condição de dizer “não” à entrevista, pois nas suas opiniões “não saberiam dizer nada sobre o Museu”. Dentro dessa negação, vimos a sua dimensão de importância, vez que elevaram, em potencial, a escrita sobre esta frente de negação. Assim, concordamos com o seguinte:

Devemos entender, assim, por Escrever o ato exercitado por excelência no gabinete, cujas características o singularizam de forma marcante, sobretudo quando o comparamos como que se escreve no campo, seja ao fazermos nosso diário, seja nas anotações que rabiscamos em nossas cadernetas (DE OLIVEIRA, 1996, p. 10).

Por tal motivo, as anotações realizadas de forma preliminar nos exortaram o sentimento de levar algo às escolas, pois nos sentimos na necessidade de não apenas observar o embate de narrativas, com seus interesses e envolvidos nos seus lugares sociais, mas propor algo e discutir com os sujeitos das escolas. Para responder a tal, propusemos um material que demarcasse um eixo de atuação importante desse trabalho dissertativo nas escolas municipais, de forma lúdica e de fácil trabalho, o qual pode embasar a formatação de diversos outros.

2.2 A identidade e a memória em foco: importância, desafios e prospecções sobre o Museu a partir dos saberes populares locais e as relações de pertencimento com o objeto

Ao analisar as tessituras que cercam as representações acerca do Museu de Paleontologia, percebemos uma gama de percepções que desencadeiam saberes e relações de pertencimento ao lugar. As lembranças e as representações atribuídas ao espaço museal são extremamente importantes para elaboração de sentidos para o lugar. Dentro desse plano, é preciso destacar que:

A arte de lembrar é um ato profundamente pessoal. A memória é um processo individual que ocorre em um meio social, daí a existência de memórias individuais e compartilhadas. Na elaboração da narrativa, a subjetividade emerge como um componente ativo, cujo encadeamento se realiza pela alocação de imagens que falam do sentimento vivido (WHITAKER, 2005, p. 76, grifos nossos).

Para ilustrar este pensamento tomamos por base uma das narradoras que contribuíram para nosso trabalho, a qual chamou a nossa atenção por ter postado uma foto sua em sua rede social que levasse a expressar seu sentimento de autoestima com o Museu. Isso evidencia o papel das subjetividades com o Museu e Paleontologia que buscamos perceber nesse trabalho. Para identificarmos todos os narradores que contribuíram com este trabalho tomaremos as iniciais dos seus nomes, a pedido de alguns.²⁹

²⁹ A figura do narrador e a de alguém que mediatiza, que realiza uma seleção dos dados disponíveis, que tece relações entre eles, que os dispõe em uma sequência dada e dá inteligibilidade ao texto. Tais atividades envolvem a montagem de uma intriga, a urdidura de um enredo, a decifração de um enigma. O narrador é aquele que se vale da retórica, que escolhe as palavras e constrói os argumentos, que escolhe a linguagem e o tratamento dado ao texto, que fornece uma explicação e busca convencer (PESAVENTO, 2004, p. 28).

Segue a foto que a mesma trouxe, uma vez que consideramos importante mostrar esta representação destacada sobre o Museu de Paleontologia:

Figura 09: O sentimento de pertença à Santana



Fonte: Arquivo pessoal de ARA.

De acordo com a depoente, a foto lhe chamou a atenção pelo fato do Museu ser objeto de resguardo de fósseis e materiais passados que lhes dão identidade, e, mesmo residindo em outro município, a mesma se sente representada pelo Museu de Paleontologia. Conforme a narradora:

(...) Em primeiro lugar, o que me chamou a atenção foi uma pessoa que estava em frente ao Museu. Aí, observando, eu percebia que era eu. Eu nem sabia que no momento eles estavam fazendo uma reportagem, falando que aquele lugar que era o Museu, que já foi mar (...).³⁰

Ademais, a educação patrimonial deve ser encarada como tópico crucial para se falar da proteção do equipamento. A própria narradora encara essa forma de pensar como extremamente necessária para lançarmos um olhar para o Museu de Paleontologia e entender

³⁰ Entrevista realizada com a aposentada ARA, de 64 anos, no dia 31 de outubro de 2018. Hoje é ex-moradora da cidade, mas se liga à matriz institucional.

a sua função e seus usos no lugar.³¹ Nesse sentido, o equipamento despertou na narradora um sentimento que envolve diversas subjetividades e ativou sua memória.

Nessa linha, concordamos com as palavras de Oliveira ao escrever que:

Os lugares têm o papel de manter acesa a memória, de fazer com que o ato de recordar seja mais fácil e espontâneo. Quem nunca foi surpreendido por uma lembrança ao passar por um determinado lugar? Assim como há espaços revistos através da lembrança, há lembranças que precisam de um espaço para serem recordadas, ou mantidas na memória. Esse espaço não tem que ser necessariamente o lar, a casa, pode ser o lugar onde se costumava ir quando era criança ou jovem, o lugar onde trabalhou durante vários anos, ou que simplesmente marcou com uma lembrança profunda e significativa (2013, p. 61).

A narradora demonstra uma sensibilidade que a autora acima nos permite enxergar na sua ação. Ao recorrer a uma imagem que despertou sua memória e o sentimento de pertença ao lugar intermediada pelo Museu. Isso expressa claramente que a vida que se desenvolve envolta ao museu ganha contornos que atingem a sensibilidade dos narradores, seja pelo fato da valorização ou desvalorização do patrimônio.

Para Pesavento (2004, p. 34), essa sensibilidade:

Se exprime em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação (Grifos nossos).

Com vistas a perceber o papel desta matriz na cidade, os narradores dão materialidade ao espaço aos seus modos. Isso converge com uma gama de significados que se apresentam nos discursos e fazem do museu um lugar de inesgotáveis memórias.

Uma das narradoras enaltece a forma como o Museu está cravado em sua memória, a qual parte de recorte da tradição oral repassada pelos seus antepassados:

(...) Quando éramos crianças, nós (eu e minhas irmãs) andávamos nas terras dos meus pais procurando essas pedras de peixe, a qual achávamos muito bonitas. Mas não sabíamos da grande importância destas até a criação do

³¹ O patrimônio implicará sempre numa inextricável articulação entre herança subjacente à ideia de conservar, valorizar e transmitir certos bens e a ideia de construção, uma vez que esses valores são indissociáveis do nosso olhar contemporâneo sobre eles, na medida em que o reconhecemos e o valorizamos (LIMAVERDE, 2015, p. 89).

Museu, o qual possibilitou uma ampliação do conhecimento sobre o que seria um fóssil e também sabermos da dimensão que este incorpora na cidade. [...] Antigamente, meu avô falava que acompanhava seu pai no trabalho de pedreiro, e ao cavar o alicerce da Igreja Matriz de Santana do Cariri, encontraram pedras diferentes e roliças [...]. Os mais velhos contavam que houve um grande dilúvio há muito tempo ali, onde muitos peixes morreram e ficaram enterrados na terra e se petrificaram (...).³²

Em sintonia com tais considerações, notamos na fala acima que os mais velhos atribuíam uma teoria que lhes foi repassada via tradição oral sobre a formação dos fósseis em Santana. Isso possibilita uma maior importância dada ao Museu de Paleontologia pelo esclarecimento que repassa sobre as “pedras de peixe”.³³ Isso vai ao encontro do pensamento de que “cada indivíduo tem uma identidade, uma forma de ver o mundo, de encarar a vida e uma experiência própria, por isso os objetos que guarda são relacionados à si, ao seu modo de viver, de ver, etc.” (OLIVEIRA, 2013, p. 61).

Para ratificar tal ideário, concordamos que:

A ideia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica (PESAVENTO, 2004, p. 23).

Nesse sentido, percebemos que outra narradora também reitera o papel seminal do Museu para a construção da identidade em Santana do Cariri evidenciada na passagem abaixo:

(...) A importância do museu se dá, primeiro, para a Paleontologia. Há peças aqui que não há em nenhum lugar do mundo. (...) São os fósseis mais bem preservados do mundo, encontrados na Bacia Sedimentar do Araripe (...). Essa é a visão científica. (...) Se não existisse o Museu de Santana, haveria, segundo o professor Plácido, uma “sangria desatada”, que seria os fósseis saírem de Santana e jamais voltarem. (...) Tem um lugar pra expor esses fósseis, (...) traz pessoas de fora para cá, de vários lugares do mundo... e lugares “desenvolvidos” (...). O Museu é o centro.³⁴

³² Entrevista realizada com a professora da Escola Maria Luiza, MLAJ, no dia 15 de dezembro de 2018, residente na Rua Nicostrato Nuvens, em Santana do Cariri-CE.

³³ A memória transforma-se num celeiro inesgotável de possibilidades de lembranças. As representações-vivências do passado são tantas quanto grupos existam, renovando-se no espaço das vidas. Não existe, assim, lembrança estática, a multiplicidade está conectada ao rearranjo permanente das emoções grupais, retirando do passado aquilo que ele tem na história; seu status antológico (RIBEIRO, 2004, p. 03).

³⁴ Entrevista realizada com a narradora PCN no dia 15 de janeiro de 2014, residente na Rua Vicente Maia, 45.

Outro ponto interessante trazido pela narrativa acima, que deve ser levada a efeito, decorre da chamada sangria desatada, que seria a saída dos artefatos fossilíferos da cidade para não mais voltarem. Ela considera o museu o centro, pois chama a atenção de pessoas do Cariri cearense e arredores, bem como de todas as partes do mundo.

Noutra narrativa, o depoente também sinaliza para este pensar, destacando a relevância do feito de Plácido Cidade Nuvens ao criar um museu ali e doar à universidade como forma de fomento às pesquisas no Cariri:

(...) Fiz alguns trabalhos, busquei saber como era Santana antes da implantação do museu. E a partir de entrevistas com pessoas mais velhas, entendi que não tinha nada antes, não tinha nada que atraísse as pessoas para cá. A parte do reconhecimento do território do cariri. Santana está inserida em roteiro turístico que atrai pessoas para cá (Grifos nossos).³⁵

Dentro dessa perspectiva, mais um dos depoentes caracteriza a importância do Museu pelo viés da Paleontologia associado ao turismo, como segue:

(...) O museu abre um leque de oportunidades no campo de pesquisa para Santana. É importante porque é uma parte da Universidade Regional do Cariri- URCA, por conta que valoriza o turismo paleontológico e que traz, amplia a nossa economia.³⁶

Na sua maioria, os narradores estão convencidos de que o museu traz movimentação de capitais para o município e associam sua importância a esta esfera de pensamento. Como diz um deles, “é fundamental para a cidade tanto para a área científica como econômica, pois deixam dividendos aqui”.³⁷

Assim, é constatável que o Museu aparece em suas mais diversas representações é cunhado como importante para várias dimensões no município, seja como prédio, apenas, ou como um prédio de relevante papel na proteção dos fósseis da região do Geopark Araripe. Com efeito, entendemos que:

A verdade é que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos ou culturais. Todas as dimensões da realidade social interagem, ou

³⁵ Entrevista realizada com o estudante de Geografia, ATOS, de 21 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Rua Alves Feitosa, Santana do Cariri-CE.

³⁶ Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, de 38 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O mesmo reside na Rua Deputado Furtado Leite, 602, Santana do Cariri-CE.

³⁷ Entrevista realizada com o Coordenador do Museu, JLS, 26 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Avenida Prefeito Carlos Cruz, Juazeiro do Norte.

rigorosamente sequer existem como dimensões separadas (BARROS, 2010, p. 15).

Nessa linha de pensamento, outra narradora arrola a importância do Museu de Paleontologia para sua região com o desenvolvimento da ciência e da perspectiva científica, a qual busca amparo em aspectos ligados ao passado local, como segue:

(...) O museu tem como intuito (...) não só expor os fósseis que são encontrados na região, assim como também é fonte de pesquisas (...) muitas pessoas vêm de fora pra pesquisar, e como é de total relevância para se saber e conhecer o passado, nosso passado, da região, né? O nosso passado, que está contado nas rochas que são encontradas e nos fósseis da Bacia Sedimentar do Araripe.³⁸

Assim, a narradora MALS é categórica ao assinalar a relevância do Museu como uma ponte para conhecermos o passado da região e da nossa história que ainda está por ser escrito. E isso vai ao encontro do pensamento de que os fósseis são de extrema relevância para compreender a história que ali se desdobrou.

Ora, vários discursos orbitam na mesma sintonia, como o da professora abaixo:

(...) A importância do museu é a seguinte: O museu faz parte o patrimônio da cidade. É um ponto turístico em que recebemos turistas nacional e internacionalmente. É um campo aberto para estudo, para aprendizagem, dos fósseis e da paleontologia que é tão divulgado no mundo todo.³⁹

Nessa linha, é lícito lembrar que:

Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar (RAMOS, 2010, p. 02).

Outra depoente afirma que estar no museu “é muito bom, porque a gente sempre aprende mais e tem a curiosidade de saber mais. Saber os porquês. A gente explica as maquetes e sempre tem curiosidade de saber”.⁴⁰

³⁸ Entrevista realizada no dia 29 de março de 2015 com a estudante de Geografia da Universidade Regional do Cariri, moradora da Zona Rural da cidade, MALS, 25 anos de idade.

³⁹ Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, Distrito de Araporanga, no dia 02 de fevereiro de 2019.

⁴⁰ Entrevista realizada com a estudante de 14 anos, ALFM, residente na Rua Acelino Arraes, Santana do Cariri, no dia 15 de dezembro de 2018.

Isso reverbera na fala de uma estudante de uma das escolas municipais, sendo coerente em seu discurso ao enfatizar que:

(...) O museu é importante para mostrar que aqui temos riquezas, tanto na Paleontologia... e a maioria não entende. E na educação, porque algumas coisas que mostra no livro da escola, a gente pode ver na prática aqui. Ter conhecimento dos fósseis, dos livros. Mas são poucos alunos que vem pegar livros para ler (grifos nossos).⁴¹

Com base nisso, a fala vai ao encontro do que diz mais uma professora, ao pontuar que:

(...) O Museu tem uma grande importância tanto para Santana quanto para qualquer outro município pela questão acervo de ciência que detém. É um instrumento pedagógico que os professores podem usar para trazer os alunos para visualizarem na prática, um ambiente que propicia as pessoas a valorizarem o que é daqui (Grifos nossos).⁴²

Traz em sua visão o museu como detentor de proteção desse passado, visível nos fósseis da Chapada do Araripe, que é uma fonte de peças dessa natureza. O museu enquanto espaço de resguardo dos fósseis aparece de maneira singular em vários vieses, pois está sempre sendo atrelado a um instrumento de materialização do que é visto na teoria em sala de aula, das riquezas encontradas no sopé da chapada e que, na sua maioria, encontram-se protegidas no espaço museal, ao passo que é dada a importância de se problematizar o acervo que ali se encontra em busca de entender os “porquês”.

Para demonstrar a relevância desta Chapada, Limaverde ratifica que:

É a Chapada do Araripe um patrimônio singular. Guarda um dos maiores tesouros paleontológicos do Brasil e do mundo, de inestimável valor para o estudo da história geológica da Terra. Os testemunhos fósseis do Araripe, em privilegiado estado de conservação, são essenciais para o esclarecimento de questões ligadas ao surgimento de oceanos, formação de climas e desenvolvimentos de ecossistemas há milhões de anos (2015, p. 95).

Nesse sentido, notamos que o Museu é um equipamento de grande monta na cidade e na região como um todo. Para a narradora ARA, a função do Museu como local de resguardo

⁴¹ Entrevista realizada com a estudante de 14 anos, ALFM, residente na Rua Acelino Arraes, Santana do Cariri, no dia 15 de dezembro de 2018.

⁴² Entrevista realizada com a professora da EEM Adrião do Vale Nuvens, MCGA, de 32 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A referida reside na Rua São Pedro, 320, Santana do Cariri-CE.

de fósseis da região é constatável, o que importantiza essa instituição no seu ponto de vista, como destaca abaixo:

(...) Tem muitas lá que a gente nem chega a observar tanto. Às vezes passa por uma peça importante e não observa. Quem mora lá não tem muito conhecimento. Nasci e me criei lá, mas as peças que tem lá, como essa⁴³. Sei do significado importante. Nasci e me criei lá, mas sei que são importante, são histórica, mas não sei falar sobre ela.⁴⁴

Segundo a fala da depoente, o Museu é um lugar importante para proteção dos fósseis da região do Cariri cearense, mas ainda há uma deficiência e uma “negligência” por parte do interesse dos municípios em conhecer a sua história, o que ele faz ali e confessa sua deficiência em não saber do significado histórico do fóssil em mãos. Mas acrescenta que “o museu é importante para armazenar os peixes e voltam para ser guardadas lá. É um ponto que elas devem ficar e permanecerem ali” (ARA, 2018)⁴⁵.

E dentro dessa aura, um dos narradores confirma que, “alguns têm a conscientização de entregar peixinhos encontrados. Durante o ano, alguns trouxeram. Alguns trabalhadores dizem: ‘encontrei essa piabinha aqui lá na mina. Não quero ficar com ela que eu sei a importância e quero doar’”⁴⁶.

Salta aos olhos que tal demonstrativo de conscientização se ampara nas bases da educação patrimonial, que como avalia Tolentino:

Apresenta-se como suporte de conhecimento a promover no indivíduo a noção de cidadania, desenvolvendo, assim, de modo coletivo, o sentido de pertencimento e apoderamento, elementos basilares para sensibilização da sociedade e geradores do orgulho e da autoestima, que fazem elevar o senso de preservação do patrimônio cultural (2012, p. 08). (Grifos nossos).

Afora tais discursos, outro narrador atesta a função do Museu e ratifica a posição do mesmo como objeto de proteção dos artefatos fossilíferos e sinônimo de abertura para circulação de conhecimento e renda. O discurso voltado para a memória e a valorização do passado ganha fôlego em suas palavras:

⁴³ A narradora se refere a uma réplica de um fóssil que segura nas mãos.

⁴⁴ Entrevista realizada com a aposentada ARA, de 64 anos, no dia 31 de outubro de 2018. Hoje é ex-moradora da cidade, mas se liga à matriz institucional.

⁴⁵ Entrevista realizada com a aposentada ARA, de 64 anos, no dia 31 de outubro de 2018. Hoje é ex-moradora da cidade, mas se liga à matriz institucional.

⁴⁶ Entrevista realizada com o Coordenador do Museu, JLS, 26 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Avenida Prefeito Carlos Cruz, Juazeiro do Norte-CE.

(...) A meu ver, o Museu resgata uma memória que o santanense traz consigo: a memória local. Se formos analisar Santana antes e depois do museu, não era vista como é hoje. Grande parte das pessoas conhecem o museu, a movimentação de pessoas é importante. Saber que pessoas de fora vêm visitar o Museu.⁴⁷

Percebemos acima a grande notoriedade que é dada ao Museu como detentor de memórias passadas. O narrador faz questão de atribuir essa representação ao espaço por conta dessa dimensão que atrai diversas pessoas para conhecer essa memória da Terra protegida pela matriz institucional, acionando as afetividades que detém com a Unidade. Com base nisso, entendemos que:

Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida (PESAVENTO, 2004, p. 34).

São várias as molduras que se entrelaçam na construção de uma memória histórica, vez que são diversos os sujeitos, as falas, os gestos, os perfis sociais, que legitimam o tabuleiro de narrativas que se efetivam e se esboçam no tempo. Como escreve Verena Alberti, “quando se opta pelo plural é porque se conclui que todas as narrativas são “válidas” – melhor dizendo, são “versões” – e que não cabe ao pesquisador julgá-las” (2003, p. 01).⁴⁸

Nessa direção, é interessante ressaltar que os narradores têm suas visões particulares e dentro do universo de “versões” que se manifestam e conseguimos enxergar seu teor de singularidade. Conforme outra narradora:

(...) O Museu de Santana, em minha opinião, é uma memória de uma história que aconteceu há muitos milhares de anos. E que nós, como cidadãos, devemos preservar, devemos também conhecer, nos informar, até para entender essa procura de pessoas que vêm de países distantes para estudar o porquê de tudo isso.⁴⁹

A narradora explicita em sua narrativa a relevância do prédio enquanto lugar de conhecimento, o qual reverbera toda uma história que deve ser conhecida e preservada. Podemos enxergar um viés de lucidez dos narradores para o Museu, embora o distanciamento com a temática da valorização patrimonial ainda seja um vácuo gigante.

⁴⁷ Entrevista realizada com o estudante TRP no dia 06 de janeiro de 2016. O referido estudante tem 26 anos e é filho de Santana do Cariri, desempenhando as funções de professor.

⁴⁸ ALBERTI, Verena. **Narrativas na história oral**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. João Pessoa, PB. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f.

⁴⁹ Entrevista realizada com a educadora RLS, 39 anos, residente na Zona Rural do município, no dia 19 de janeiro de 2019.

Nessa marcha de discursos, percebemos que outra narradora enfoca que:

(...) O museu abre portas para diversas coisas em Santana, além da área turística, muitas vezes as pessoas vêm só por curiosidade mesmo, abre portas para a questão da educação. É um ambiente educacional. Ambiente de pesquisa, que você pode concretizar o que viu nos livros, você pode estar visualizando de perto (Grifos nossos).⁵⁰

Necessário destacar que a narradora dá conotação de importância ao Museu de Paleontologia como espaço educativo, o que assevera que toda sorte de experiências que se viva no Museu pode ser levada para a vida, dada a profusão de conhecimentos que se adquire através do contato com o equipamento.

2.3 No epicentro dos discursos: desafios apontados pelos narradores ao falarem do Museu

O contato com os narradores suscitou a problematização de diversos elementos que eram apresentados em suas falas. Dentro dessa perspectiva, chamou-nos a atenção alguns pontos que foram notados como desafios em seus pontos de vista. Nesse particular, foi inevitável não falar dos desafios que cercam o trabalho dos docentes e também daqueles que têm um trabalho diretamente no Museu.

Assim, a aproximação com o museu foi um dos pontos destacados pelos depoentes como deficiente, bem como o contrabando das “pedras de peixe”, assim popularmente conhecidas. São desafios prementes que precisam ser pensados e analisados a fim de buscar suportes para saná-los, que a rigor, movimentam autoridades diversas com o fim de combater.

Não raro, os narradores foram extremamente categóricos quando questionados sobre os desafios que circulam sobre o Museu. Uma conexão muito parecida nas narrativas faz-nos pensar que os desafios postos podem ser sanados, outros necessitam de uma ação mais efetiva por parte de autoridades.

Para ilustrar seu ponto de vista, uma das professoras defende que o contrabando:

(...) É uma atividade que põe em risco a questão conservação dessas espécies, pois muitas estão espalhadas pelo mundo por conta dessa atividade. Isso ameaça a consolidação desse patrimônio aqui. Conservação do patrimônio dos fósseis daqui. A minimização dessa prática faz com que os fósseis sejam preservados (Grifos nossos).⁵¹

⁵⁰ Entrevista realizada com a professora MMGF, 28 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A mesma reside na Rua Patativa do Assaré, em Santana do Cariri-CE.

⁵¹ Entrevista realizada com a professora da EEM Adrião do Vale Nuvens, MCGA, de 32 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A referida reside na Rua São Pedro, 320, Santana do Cariri-CE.

Em que pese a tal temática, logo percebemos uma visão uníssona dos narradores ao apontar a questão como prejudicial para o local, pois fere sua história e memória, uma vez que as peças saem e não voltam mais. Nisso, ela aponta que fere o patrimônio da cidade e da região, derivando daí várias outras problemáticas que precisam ser pensadas urgentemente.

Em sequência, ARA é taxativa ao defender que as peças que foram e continuam a serem contrabandeadas devam permanecer em Santana do Cariri e não serem levadas para fora da cidade, como ocorreu antes da criação do Museu de forma desenfreada. Ao ser indagada sobre essa grande massa de fósseis que foram levados para fora da cidade e do país, ela responde:

(...) Sou contra, pois essas peças históricas, são raras, encontradas nos lajeiros, deviam permanecer no Museu, nem todos guardam como deveriam. Muitas são extraviadas.⁵²

Na mesma linha de pensamento, segue um dos entrevistados, ao pontuar que:

(...) A gente sabe do contrabando. É uma coisa muito disfarçada, escondida, mas que a gente sabe que tem (...) Muitas pedras são desviadas. A gente tem uma lei municipal que proíbe o contrabando. E também uma federal. Eu acho errado, porque o município perde, nossos valores vão embora, Santana é conhecida mundialmente por conta dos fósseis, da história paleontológica.⁵³

Notamos diante desse ponto de vista e também nas narrações colhidas que constitui lugar comum, na grande maioria dos narradores, ao dizer que ao encontrar um fóssil, logo entregariam ao Museu, sabendo da dimensão e importância do mesmo para a comunidade local e comunidades vizinhas.

O narrador acima discorre categoricamente sobre o valor das peças que encontramos no museu como um sentimento de autoestima e pertença ao lugar. Enaltece também a esfera jurídica de proteção aos fósseis que se faz necessária para proteção de tal patrimônio local.⁵⁴

⁵² Entrevista realizada com a aposentada ARA no dia 31 de outubro de 2018. Hoje é ex-moradora da cidade, mas se liga à matriz institucional. A entrevista foi concedida ao autor do texto. É válido ressaltar que a depoente é agricultora e hoje aposentada.

⁵³ Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, de 38 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O mesmo reside na Rua Deputado Furtado Leite, 602, em Santana do Cariri-CE.

⁵⁴ É na Constituição de 1988 que o panorama se altera. No Artigo nº 23, parágrafo 3º está previsto que a União, os estados, o distrito federal e os municípios devem: “proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos”, e o parágrafo 4º prevê que os diversos níveis de governo devem: “impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras e de outros bens de valor histórico, artístico e cultural”. O texto constitucional chama à responsabilidade de proteção os municípios, quando no Artigo nº 30, parágrafo 9º, determina que compete a

Nesse sentido, uma das entrevistadas foi contundente ao explicar uma entrevista que fez na época que cursava a Universidade, ao dizer que muitas peças foram retiradas do município com ajudas internas. Como segue no trecho:

(...) Na faculdade eu fiz um trabalho e entrevistei pessoas que trabalham com pedras de peixe. *Xxxxxx*⁵⁵ disse que já existiu muito aqui em Santana essa questão do contrabando, de pessoas que a gente nem imagina, faziam parte do contrabando. Ele chegou a esconder pedras para determinadas pessoas e eram vendidas. Ele escondia pedras para outras pessoas. Poderia ter muito mais pedras do que hoje em dia.⁵⁶

Isso acentua um pensamento unívoco, pois para outro depoente, “o contrabando é uma coisa muito feia, quem pega esses fósseis para comercializar de forma ilegal, pois vai tá jogando fora parte de nossa história (...) (Grifos nossos).”⁵⁷

Nessa linha de raciocínio, outra narradora, responde na condição de ex-guia que:

(...) Desde quando eu trabalhava no museu, a gente sempre era orientada a quando chegasse algum visitante querendo comprar o fóssil, dizer que era contra a lei, no caso dos acervos geológicos que pertencem ao Brasil, e que não deve ter retirado do solo sem autorização prévia. Teria que dizer, que é um patrimônio. Resumindo em poucas palavras: a meu ver é um crime, tanto patrimonial, quanto ambiental.⁵⁸

Conforme esta posição dos narradores citados, logo notamos uma associação da perda dos fósseis com uma perda da história, pois esses são facilmente levados para fora e jamais retornarem. Comungamos com o que preceitua Londres (2012, p. 18) ao falar da consciência preservacionista na passagem:

A formação dessa “consciência preservacionista” junto às novas gerações é, portanto, fundamental para a continuidade da preservação dos bens culturais, cujo desaparecimento, sabemos bem, constitui, em geral, uma perda irreparável, seja de um monumento antigo, seja de uma espécie da fauna ou da

estes: “promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual” (CALABRE, 2015, p. 161) *apud* (BRASIL, 1988).

⁵⁵ A narradora pediu para que o nome em tela fosse omitido.

⁵⁶ Entrevista realizada com a professora MMGF, 28 anos, residente na Rua Patativa do Assaré, Santana do Cariri-CE, no dia 02 de fevereiro de 2019.

⁵⁷ Entrevista realizada com o estudante AJLN, 17 anos, no dia 16 de dezembro de 2018, residente na Zona Rural de Santana do Cariri.

⁵⁸ Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, Distrito de Araporanga, no dia 02 de fevereiro de 2019.

flora, e também de conhecimentos, de formas de expressão, de modos de vida.⁵⁹

Com foco nisso, notamos que na História do Brasil a Legislação é clara e evidente quando dispõe a partir de pareceres, artigos, decretos e leis a defesa ao patrimônio fossilífero, o qual tem no tráfico de fósseis, o principal empecilho. Conforme se assevera no trecho:

A legislação brasileira é bastante restritiva quanto à exploração de fósseis. Já em 1935, o Decreto Lei nº 25 (federal) tratava da importância dos “monumentos naturais notáveis” onde se pode incluir os jazigos fossilíferos. Em 1942, o Decreto Lei nº 4.146 (federal) definiu como “Propriedade da Nação” os depósitos fossilíferos, e em 1973, seguindo orientações da UNESCO, o Decreto nº 72.312, federal, confirmou que a venda ilegal de fósseis para o exterior estava em desacordo com a legislação brasileira (JASPER, 2010, p. 38).

Como se vê na passagem acima, a problemática enfrentada há anos pela instituição é amparada por lei e isso já se reflete em falas advindas dos próprios narradores entrevistados. Na fala destacada por MALS ao ser indagada sobre o que faria se encontrasse um fóssil na região:

(...) Doava ao museu. Eu sei da importância da pesquisa na questão de conhecer e investigar. Cada fóssil daquele que é encontrado é informação nova que aparece. Eu sei dessa importância e doaria ao Museu (...).⁶⁰

E outro, LPAB, enfoca que “(...) procuraria o Museu. Até para classificarem, dizerem o valor da pedra (...)”. Mais uma vez, concordamos com a ideia de que as experiências descritas pelos narradores são importantes, pois, “ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido (ALBERTI, 2003, p. 01).

A propósito, outra narradora, RLS, segue na mesma perspectiva ao dizer que “eu procuraria uma autoridade para comunicar que eu havia encontrado. Eu iria atrás de uma autoridade. As pessoas querem se aproveitar, usar de forma negativa”.

Todo o sentimento demonstrado nestes relatos amplia a visão lançada para o Museu como equipamento de resguardo dos fósseis da região, sedimentando a maneira das pessoas terem essa conscientização preservacionista do passado e da sua história. Como diz um dos

⁵⁹ LONDRES, Cecília. **O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações**, p. 14–22. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

⁶⁰ Entrevista realizada no dia 29 de março de 2015 com a estudante de Geografia da Universidade Regional do Cariri, moradora da Zona Rural da cidade, MALS, 25 anos de idade.

narradores: “Entregaria ao Museu, pois é parte da nossa história”.⁶¹ Essa tutela que o Museu detém só é ampliada a cada discurso que é capitaneado e arraigado como lugar de proteção.

Nesse sentido, as atitudes que se tem em relação ao Museu corroboram para o ímpeto de preservação dos artefatos fossilíferos, o que oportuniza perceber a conscientização que se arraiga sobre o seu papel. Em mais um recorte destacamos a visão uníssona lançada sobre o contrabando:

(...) O contrabando é uma coisa... Horrorosa. Primeiramente porque as pessoas se aproveitam de algo de grande importância, tanto para a região quanto para o Estado (...). A partir dos fósseis há como decifrar, conhecer a vida, aqui como era, nossos antepassados, os animais... (Grifos nossos).⁶²

Ao se pautar nessa temática, a narradora acima foi taxativa ao dizer que parte do conhecimento que poderia ser estudado e aprofundado deixa de ser aproveitado pelo ato criminoso do tráfico. Como ela mesma destaca, deixa de conhecer a vida e decifrá-la. São esses arranjos que são atribuídos à instituição que autentica seu semblante enquanto protetora dos artefatos ali presentes.

Além dessas prerrogativas tratadas acerca do contrabando, uma das narradoras assinala que esta prática era comum antes da criação do Museu de Paleontologia, o que ratifica mais uma vez a relevância do equipamento como objeto de proteção. Conforme analisa MMB:

(...) Esse pessoal de Santana que eu sempre ouvia falar, que eles ia arrancar pedras de peixe no Massapê⁶³ pra vender pra esse pessoal de fora. Agora assim, o lugar que esse pessoal morava, eu não sei não. (...) Era uma renda pra eles. Só que aí com o tempo, foi proibido. Faz muitos anos que foi proibido (...).⁶⁴

Com isso, daí a visão que o Museu carrega no tempo presente, pois a prática do tráfico de fósseis era muito comum antes da sua instalação, como vimos na fala da narradora, “era uma fonte de renda”, diferente das práticas atuais citada pela depoente que fala das ajudas internas para o tráfico. Nota-se aí uma disparidade nos sentidos dados à prática realizada anterior e atualmente, mas que não deixa de ter seu teor maléfico para a região.

⁶¹ Entrevista realizada com o estudante AJLN, 17 anos, no dia 16 de dezembro de 2018, residente na Zona Rural de Santana do Cariri.

⁶² Entrevista realizada no dia 29 de março de 2015 com a estudante de Geografia da Universidade Regional do Cariri, moradora da Zona Rural da cidade, MALS, 25 anos de idade.

⁶³ Um dos povoados de Santana do Cariri há cerca de 3 km da Sede do Município.

⁶⁴ Entrevista realizada com a agricultora MMB no dia 10 de maio de 2015. A referida reside na Zona Rural do município de Santana do Cariri-CE e tem 68 anos de idade.

Percebemos também que o mesmo é representado de forma peculiar, pois a venda de fósseis para os estrangeiros era bastante usual e comum, prática que foi desmantelada com a fundação do Museu e que diminuiu bastante ao longo dos últimos anos, graças a uma legislação mais forte e voltada para proteção de seus artefatos.

Afora isso, outra depoente traduz um sentimento de repulsa quanto ao contrabando e sinaliza da seguinte forma:

(...) Muito negativo para a cidade, muito negativo para o país. E que é um dinheiro que deveria entrar aqui de forma legal e não ilegal. A partir do momento que se vêm apreciar essas pedras, ali existem fragmentos de história importantes, e precisam ser preservados. Diminui as chances de conhecermos melhor, de sabermos como viveram muitos animais. E contribuem com grupos com intenções maldosas com algo que não sabem como lidar.⁶⁵

Assim, como já atraíam pessoas vindas de longe para “apreciar” tais riquezas, diante do exposto, no que concerne à representação, atesta-se que as experiências que cada narrador se assenta, traduz a necessidade de impor o que vem à sua memória quando se fala no Museu. Portanto, tais experiências são significativas, de modo que:

A representação, forma de conhecimento do senso comum, situado na interface do psicológico e do social, do individual e do coletivo, é uma construção, ao mesmo tempo produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade. As representações pressupõem comunicação, decisão, ação; elas permitem ao indivíduo inserir-se num grupo social e legitimar seus comportamentos (SCHMIDT, 2009, p. 84).

A temática do contrabando é destacada em inúmeros relatos. Em vista disso, o diálogo expositivo sobre a importância do Museu de Paleontologia ganha notoriedade, pois tem por base promover uma percepção visual e expressiva sobre sua função de preservar aqueles fósseis, capazes de despertar sensações, sentimentos e evocações passadas por parte de seus moradores, tanto os atuais ou que hoje residem fora da cidade. Assim, vemos que:

A ideia subjacente é de uma riqueza que constitui um “ativo” a ser valorizado não apenas por seus detentores, mas também pelas comunidades de algum modo relacionadas a esses bens, que temos o dever de transmitir às próximas gerações (LONDRES, 2012, p. 18).⁶⁶

⁶⁵ Entrevista realizada com a educadora RLS, 39 anos, residente na Zona Rural do município, no dia 19 de janeiro de 2019.

⁶⁶ LONDRES, Cecília. **O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações**, p. 14–22. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

Mais um dos narradores destaca o trabalho em fazer com que as pessoas entreguem as peças ao Museu pela sua dimensão e importância para a ciência. “Parte das palestras a gente faz essa conscientização. Como é patrimônio da União, a gente tenta fazer essa conscientização que não pode vender, dar ou ficar exposto em casa”.⁶⁷

Em se tratando ainda da questão abordada, a narradora ITS sinaliza de modo enfático no que toca ao contrabando, e não deixa lugar à dúvida, pois defende que:

(...) Eu não sou a favor, sabe? Porque, assim, é um patrimônio histórico. É e tem que ser tombado como patrimônio (...). Se levar pra outros locais é ilegal. É importante conhecer a história do lugar, mas de modo legal. Perde a característica de ser um patrimônio (...) daquele lugar.⁶⁸

Além as questões tratadas, outro desafio registrado nas falas dos narradores é a relação com as escolas. Para uma das narradoras, a ponte com a escola é um dos entraves mais contundentes na atualidade:

(...) Eu vim aqui no museu com a escola em 2016, no 7º ano e esse ano (2018), com minha professora. Por duas vezes fiz a visita. A escola não trabalha muito a questão patrimonial. As pessoas de fora têm mais curiosidade.⁶⁹

Um dos narradores apresenta, de maneira própria, a deficiência na ponte Museu-escola, como se vê:

(...) Temos a vontade, tem as iniciativas, mas o que venho observando é o impasse das escolas com o museu. Deveríamos ter um contato mais íntimo. Observei que as pessoas da nossa cidade não dão valor ao que temos aqui (...).⁷⁰

Outra depoente segue numa linha que nos chamou bastante a atenção ao pontuar que para visitar ou despertar esse desejo, é necessário ouvir falar dele antes. Com efeito, ao ser questionada sobre o fato de ter visitado o Museu, ela indica que:

⁶⁷ Entrevista realizada com o Coordenador do Museu, JLS, 26 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Avenida Prefeito Carlos Cruz, Juazeiro do Norte-CE.

⁶⁸ Entrevista realizada com a moradora da Zona Rural e coordenadora escolar, ITS, no dia 13 de março de 2015.

⁶⁹ Entrevista realizada com a estudante de 14 anos, ALFM, residente na Rua Acelino Arraes, Santana do Cariri, no dia 15 de dezembro de 2018.

⁷⁰ Entrevista realizada com o estudante de Geografia, ATOS, de 21 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Rua Alves Feitosa, Santana do Cariri-CE.

(...) Eu já fui uma vez, foi bem significativa. Mas, eu não recordo de ter tido assim, tanta informação dessa situação, de compreender essa situação. Eu não recordo de alunos pedirem para ver, ir querer conhecer, porque não sabem. E não têm esse contato.⁷¹

Este posicionamento da narradora foi importante, pois demonstrou que para que os alunos esboquem o desejo de se conhecer o Museu seja necessário um trabalho teórico antes, vez que a partir disso possam se sentir mais à vontade para organização das suas ideias com o patrimônio em apreço. Assim, como essa ponte mais íntima com as escolas parece não acontecer, vez que percebemos na narrativa acima que a concretização desse desejo seja nítida.

É importante ressaltar que as falas se misturam no que toca às opiniões sobre a ponte Museu-escola. É válido lembrar que cada narrador fala de um lugar social, de uma escola ou de uma época diferente. Referimo-nos aqui ao fato de que os depoentes são enfáticos ao defender suas posições a partir do lugar social que ocupam, seja fora ou dentro de escola, seja externa ou internamente ao museu. E daí surgem vários apontamentos para se justificar a atuação ou não do Museu com as escolas ou vice-versa.

Para um dos narradores, que diz com muito traquejo, a dificuldade está em ter:

(...) Eu acho que uma coordenação mais presente, mas atuante nas escolas, de incentivo. Fica mais por parte da escola procurar o museu. O museu nunca chama a escola... quer dizer, atualmente. Em alguns tempos, eles já ofereceram oficinas de réplica de fósseis, mas que não é constante. Falta uma aliança (...).⁷²

E outra narradora acrescenta:

(...) As escolas, geralmente, têm essa mentalidade. O museu é aqui de Santana, o que vamos buscar no Museu? Pra maioria, o pessoal não sabe a importância. O ideal é que as escolas venham pra cá, que venham para ter essa companhia e essa ligação com o museu. E é isso que a gente quer tanto na semana dos museus como do aniversário.⁷³

Um dos pontos tocados por outra narradora, dia respeito ao espaço geográfico em que se localiza muitas das escolas e afirma que:

⁷¹ Entrevista realizada com a educadora RLS, 39 anos, residente na Zona Rural do município, no dia 19 de janeiro de 2019.

⁷² Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, de 38 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O mesmo reside na Rua Deputado Furtado Leite, 602, em Santana do Cariri-CE.

⁷³ Entrevista realizada com a Guia do Museu, MTFX, de 16 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. A referida reside no Distrito de Pontal da Santa Cruz, Santana do Cariri-CE.

(...) Um dos principais desafios nossos, como escola, é questão transporte e também distância geográfica. E muitas vezes, o professor planeja a aula e poderá ser que o guia não satisfaça a que foi planejado. Às vezes o aluno não assimila muito bem a divisão da pré-história (cretáceo, jurássico), e o professor amplia a divulgação, explanação do tema, das eras geológicas. Os guias dão a explicação teórica e o professor faz uma divulgação maior do tema (Grifos nossos).⁷⁴

Tal temática tratada acima gera bastantes adesões quando se indagou sobre a presença do Museu na escola. Observamos essa responsabilidade sendo repassada por várias mãos e vários sujeitos, mas que acaba por ser esmaecida a partir de tantas justificativas que vão sendo atribuídas a determinados cargos ocupados pelas gestões municipais ou museal.

Outra professora, ao ser questionada se o Museu tem ido à escola, assinala de maneira enfática que:

(...) De maneira alguma. O que se escuta falar nesses últimos anos é que ele está muito fechado em si. Não tem muita acessibilidade. Os meninos é uma coisa muito decoraba, às vezes nem entende, só decorou. Sabe? Falta um pouco mais de ampliação, de conhecimento e acessibilidade para a sociedade.⁷⁵

Nos relatos apresentados acima, os narradores discorrem sobre suas visões acerca das percepções sobre a ponte Museu-Escola. Percebemos um embate entre os discursos, o que nos convida a analisar cada um *in-loco*, o que será feito mais adiante. Nesse particular, o foco não é discordar, mas apresentar os discursos e refletir sobre seu teor e suas dimensões. Aqui não cabe questionar as verdades defendidas pelos narradores, mas contrapor suas versões, comportando todas elas em uma cadeia que ajude a construir a memória histórica. Afinal, todo e qualquer discurso é importante, a depender do interesse de quem fala ou de quem o recebe.

Nessa linha de raciocínio, entendemos que:

Trata-se, sobretudo, do registro de como uma pessoa analisa sua experiência, o que seleciona e como ordena as ênfases, as pausas (silêncios) e os esquecimentos. Dessa maneira, a forma de organização da narrativa dos próprios relatos orais obtidos nas entrevistas, contém informações e poderá transformar-se em outro elemento de análise (TARGINO, 2008, p. 02).⁷⁶

⁷⁴ Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, no dia 02 de fevereiro de 2019.

⁷⁵ Entrevista realizada com a professora MMGF, 28 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A mesma reside na Rua Patativa do Assaré, em Santana do Cariri-CE.

⁷⁶ TARGINO, Maria Ivonilde Mendonça. **Relatos orais e a construção da memória na 'Cartilha do Patrimônio'**- Centro Histórico inicial de João Pessoa. **Sæculum-Revista de História**, n. 18, 2008.

Em seguida, uma das narradoras, ao ser questionada sobre a presença do Museu na escola em sua larga experiência na educação, assegura que:

(...) Está faltando Ele na escola, de forma mais precisa. Está faltando, assim, envolvimento de mais pessoas para trazer esse museu às escolas. Eu acredito que depende muito da importância que a comunidade dá (...) muitas pessoas não têm conhecimento da importância e daí não abrem espaço para poder outros conhecerem (Grifos nossos).⁷⁷

E outra, a partir do mesmo questionamento, assevera que:

(...) A única lembrança que eu tenho é que em 2016 vieram um pessoal do Geopark trazer um curso para a escola com réplica de fósseis. Que eu me lembre, só isso (grifos nossos).⁷⁸

Assim, notamos a legitimação das diversas subjetividades presentes nos discursos, da afetividade ou distanciamento com o objeto em tela. Ao escutar os narradores, sentimos um apelo muito forte pela necessária presença da instituição no campo escolar, para que só assim a comunidade passe a valorizar esta matriz como lugar de memórias, lembranças e saberes. Nessa linha de raciocínio, autenticamos nosso pensar ao comungar com o trecho:

É nesse movimento que diferentes grupos sociais passam a materializar suas memórias através da construção de “lugares de memória como os monumentos, os museus e memoriais”. Os objetos que eles guardam são alegorias do passado que se deseja lembrar. Isso significa que eles não são o próprio passado, mas objetos culturais selecionados e ordenados para produzir um discurso sobre o passado que atenda às demandas da comunidade de evocar o seu passado (PACHECO, 2010, p. 146):

Uma forte narrativa que legitima um desejo de presença do museu atuando de modo mais pontual nas escolas. Ao partilhar as várias narrativas, notamos que é preciso entender, mais uma vez, o lugar social que cada narrador ocupa e suas posições de fala para se compreender seu lugar no tempo, bem como suas modificações. Isso é extremamente significativo para perceber os contornos que a pesquisa vai tomando, pois envolve os vários sujeitos, em sua maioria escolares, bem como os desejos que elegem como mais urgentes no trabalho com o patrimônio.

⁷⁷ Entrevista realizada com a educadora RLS, 39 anos, residente na Zona Rural do município, no dia 19 de janeiro de 2019.

⁷⁸ Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, no dia 02 de fevereiro de 2019.

Em uma linha assimétrica às outras opiniões, uma narradora destaca com precisão que não encontra desafios de se trabalhar com o Museu, senão vejamos:

(...) Não, acho que não tem muitos desafios. Por termos o museu no município, com uma estrutura muito boa aqui. Você tem a facilidade de trazer os alunos e de retomar essa questão. Em outros contextos, fica mais difícil. Existem outras práticas para trabalhar patrimônio nesse sentido, a questão de trabalhar o patrimônio na escola, a semana de afro-descendência. É mais a questão do querer e fazer com o que tem.⁷⁹

Como percebemos, a fala acima vai de encontro às outras, pois para a narradora, há sim como se trabalhar de forma efetiva o Museu, dependendo do interesse de quem está à frente, mas, claro, atendendo aos “contextos”, como ela defende. A mesma destoa algumas narrativas que destacaram a ausência do Museu, deslocando a ideia de ausência com força de vontade, pois, segundo a mesma, sempre está mantendo laços com o equipamento, trabalhando isso na sala de aula.

2.4 Lugar de memória: o Museu e as escolas, relações possíveis, projetos e a educação patrimonial em xeque

A imagem que é retratado o museu é um importante arranjo de como é percebido na cidade. Os primeiros guias do Museu de Paleontologia de Santana do Cariri retrataram suas passagens pelo Museu destacando a relevância da experiência para seus crescimentos enquanto profissionais que se tornaram hoje.

A iconografia desenhada subjetivamente sobre esta matriz institucional nos permite buscar entendê-lo como um importante lugar de memórias, as quais se desdobram e se congregam nas falas dos seus diversos sujeitos. Uma imagem carregada de histórias e memórias por parte de quem dela participou e conjuga um importante papel na produção do conhecimento no Cariri cearense.

A matriz institucional em tela detém um papel extraordinário na produção e geração de conhecimento, na potencialização do turismo, na lida com reflexão sobre o passado da região, enquanto depositário de embasamento teórico para pesquisas diversas, dentre outras funções que se deseje atribuir. Ali está a história do nosso planeta dentro do seu acervo: é isso que sentimos ao visitar o Museu, um desejo do presente de mergulhar no passado da Terra, na vida há milhões de anos.

⁷⁹ Entrevista realizada com a professora da EEM Adrião do Vale Nuvens, MCGA, de 32 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A referida reside na Rua São Pedro, 320, em Santana do Cariri-CE.

Tal registro pode despertar um sentimento de autoestima e lisonjeio com o lugar, pois rememora e evoca um passado recente. Como pontua Limaverde:

O lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto ‘especial’, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (LIMAVERDE (2013, p. 88) *apud* TUAN (1979, p. 387)).

Dentro desse trabalho emerge a relevância das memórias que se entrelaçam nos discursos e se movimentam na medida que são acionadas para dar significado às experiências com o lugar. E isso acontece quando estamos em uma profícua interação com os narradores.

Ora, é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história (OLIVEIRA, 2013, p. 42 *apud* ORIÁ, 1998, p. 139).

Ao discorrer sobre a atuação do museu nas escolas, uma das indagações levantadas foi: Há uma relação do museu com as escolas? A resposta seria respondida pelos narradores de acordo com suas percepções e visões dentro das escolas. Nessas condições, um narrador responde:

(...) Sim, a gente sempre procura o espaço do museu para pesquisa, para utilizar os auditórios, todo ano a gente participa do... projeto GEA-TERRA MÃE⁸⁰, que é agregado ao Museu, das aulas de ciências (...).⁸¹

⁸⁰ O projeto “GEA – TERRA MÃE” parte da base temática “A ÁGUA QUE NOS UNE” e é resultado da cooperação da área das Geociências em Comunidades dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, e desenvolvido no âmbito do Programa Internacional de Geociências da UNESCO. O mesmo segue linhas orientadoras pela UNESCO na área das Geociências a serviço da sociedade, incluindo os objetivos da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2015), da Década da Biodiversidade (2011-2020), do Programa Hidrológico Internacional (PHI-UNESCO) e do Ano Internacional de Cooperação no Domínio da Água (2013/2014). Na ocasião do I Concurso “GEA – TERRA MÃE” do Geopark Araripe, os “padrinhos” do concurso na versão brasileira fizeram-se presentes e foram homenageados pelos serviços voluntários prestados ao projeto Geopark Araripe. Disponível em: <<http://geoparkararipe.org.br/museu-de-paleontologia-da-urca/>>. Visitado em 20 de dez. de 2018.

⁸¹ Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, de 38 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O mesmo reside na Rua Deputado Furtado Leite, 602, em Santana do Cariri-CE.

O projeto em alusão é desenvolvido pelo Geopark Araripe todos os anos com temáticas diferenciadas e busca como público as escolas que abarcam os municípios que o formam. Na fala de alguns narradores aparece a chamada Semana dos Museus, a qual se destaca como uma iniciativa de tentar uma integração do Museu com a escola. São realizadas algumas atividades de interação com as escolas e a comunidade local, palestras e atividades de cunho cultural no Museu.

Para o narrador abaixo, o museu desenvolve ações na chamada Semana dos Museus⁸²:

(...) Temos um período da semana dos museus. Durante essa semana, Levamos palestras, tanto aqui como fora dele, oficinas para as comunidades com as temáticas propostas. Pessoas da cidade mesmo não se interessam muito pelo museu, em conhecer.⁸³

Outra forma de aproximação desta Unidade com as escolas seria através da seleção de guias para o Museu, a saber:

(...) Todo ano também tem uma seleção da rede pública no fundamental e médio. Há uma seleção feita pelo museu e aqueles que forem melhores são tidos como guias (...).⁸⁴

E acrescenta:

(...) Todos os guias são trazidos das escolas do município. O museu está sempre tentando trazer a sociedade de Santana para cá (...).⁸⁵

Mas além dessas vias, uma estudante discorreu de maneira notável que alguns professores também fomentam a discussão patrimonial sobre o Museu, a saber:

(...) Na área de geografia, falando sobre o museu, nossa professora veio trazendo a gente para visita ao museu, com colegas que não conheciam o

⁸² A partir do tema “*Museus Hiperconectados: novas abordagens, novos públicos*”, a Semana de Museus a que o autor se refere é promovida pelo Ibram em comemoração ao Dia Internacional de Museus (18 de maio) e abarca uma programação que envolve um dos Museus da região, o Museu de Paleontologia, com atividades interativas e uma programação que envolve a comunidade em atividades. A semana tem parceria do Geopark Araripe. Disponível em: <http://geoparkararipe.org.br/2018/05/geopark-realiza-aco-es-durante-semana-de-museus/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2019.

⁸³ Entrevista realizada com o Coordenador do Museu, JLS, 26 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Avenida Prefeito Carlos Cruz, Juazeiro do Norte-CE.

⁸⁴ Entrevista realizada com o Coordenador do Museu, JLS, 26 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Avenida Prefeito Carlos Cruz, Juazeiro do Norte-CE.

⁸⁵ Entrevista realizada com o estudante de Geografia, ATOS, de 21 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Rua Alves Feitosa, Santana do Cariri-CE.

museu por serem da Zona Rural. Ao chegar na escola, ela fez o questionário e alguns não sabiam, mas eu os ajudei a responder o questionário (...).⁸⁶

Essa ponte interdisciplinar deve ser trabalhada de maneira mais intensa, fazendo com que as diversas áreas se aproximem e corroborem de um ideal comum. Em outra narrativa, podemos enxergar tal depoimento sobre o trabalho com o Museu:

(...) Já foi trabalhado, mas de forma mais leve, sem muita profundidade. A profundidade vai partir do aluno para se aprofundar. Dentro da sala o tempo é pouco.⁸⁷

Como sublinha Apolinário:

O diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens (2012, p. 63).⁸⁸

Em outra narrativa, aparece o trabalho sobre/com o Museu na escola na disciplina intitulada Estudos Regionais:

(...) Eu trabalho com a disciplina de Estudos Regionais. A questão cultural e a importância educacional que o Museu traz. Fui ao museu com alunos do sexto ano e tem alunos que ainda não foram, moram na cidade e ainda não foram, ficam abismados, bem curiosos. Essa questão de você falar e concretizar o que viu.⁸⁹

Outra narrativa segue corroborando com o trabalho com o Museu na disciplina de Estudos Regionais, a saber:

(...) Sim, temos uma disciplina chamada Estudos Regionais em que é trabalhado os patrimônios de Santana: Museu, Benigna, Pontal, (...). E o museu se destaca. Por quê? Porque é um ponto turístico de grande importância

⁸⁶ Entrevista realizada com a Guia do Museu, MTFX, de 16 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. A referida reside no Distrito de Pontal da Santa Cruz, Santana do Cariri-CE.

⁸⁷ Entrevista realizada com a educadora RLS, 39 anos, residente na Zona Rural do município, no dia 19 de janeiro de 2019.

⁸⁸ APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Reflexões sobre a Educação Patrimonial e experiências da diversidade cultural no ensino de História**, p. 56–68. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

⁸⁹ Entrevista realizada com a professora MMGF, 28 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A mesma reside na Rua Patativa do Assaré, em Santana do Cariri-CE.

para a cidade, onde os alunos vão visitar. A visita tem que ser planejada, e os alunos fazem parte também tem acesso ao Museu.⁹⁰

Um dos aspectos que chamam a atenção é a vida que se captura no museu, em que as pessoas se identificam com determinadas vocações a partir da passagem pelo equipamento, a partir de uma experiência que fica cravada na memória. Isso acentua as sensibilidades que cada narrador esboça ao falar do Museu e de suas experiências na passagem pelo mesmo.

Conforme as palavras do narrador abaixo:

(...) Fui um dos primeiros guias do museu. Teve uma seleção, e consegui passar. Apresentei o primeiro Congresso Internacional de Paleontologia. Foi quando eu me interessei pelo inglês. Foi aí que despertou o gosto pela língua inglesa em mim (...).⁹¹

A partir dos discursos que vemos surgir, o museu é espaço de memórias diversas, pois a história que se passa nesse intervalo 1985-2016 se confunde com a história de vida de muitos sujeitos. Isso entrelaça vozes, vivências gestos, falas, olhares e personalidades que são sutilmente capturados nas narrativas que vão se consolidando.

Assim, é inconteste que muitas carreiras que foram sendo seguidas por vários guias se confundem com a passagem pelo Museu, como de outra narradora:

(...) Meu trabalho de guia iniciou em janeiro de 1994, quando em dezembro de 1993 eu passei no vestibular da URCA e fui convidada por Plácido Cidade Nuvens a trabalhar como guia; e trabalhei de 1994 até... (pausa para contar nos dedos o tempo trabalhado) 1999. Cinco anos. Lá eu tive a oportunidade de trabalhar e tive a ajuda de Plácido para estudar. Trabalhava, entrava oito horas da manhã até meio dia, de terça a domingo. Ele me dizia que eu tinha direito de trabalhar e estudar e não perder nenhuma disciplina no curso.⁹²

E seguimos com mais uma narração:

(...) Foi o pontapé inicial para o que eu sou hoje. Porque eu comecei aqui ainda era adolescente, na 8ª série, no ensino fundamental na época, e fiquei até o ensino médio e isso me motivou a fazer geografia. Tive esse desenvolvimento de treinar e falar com o público. A questão de conhecer novas pessoas, estimular e valorizar o guia. E o conhecimento em si que foi

⁹⁰ Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, no dia 02 de fevereiro de 2019.

⁹¹ Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, de 38 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O mesmo reside na Rua Deputado Furtado Leite, 602.

⁹² Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, no dia 02 de fevereiro de 2019.

adquirido. E isso fez eu me interessar pela Paleontologia, tanto que minha pós é em Paleontologia.⁹³

A narradora projeta sua carreira ao ter passado como guia do Museu e mantém essa afetividade com o equipamento, como demonstra abaixo:

(...) Sim, até porque faz parte da minha história. Eu gosto muito. Sempre que eu trago os alunos eu me sito à vontade e tenho um afeto sincero. Inclusive, se tivesse a oportunidade de desenvolver algum trabalho aqui eu ainda o faria porque é um espaço muito bom.⁹⁴

Um das narradoras diz de maneira enfática que o Museu ganha contornos importantes por vários eixos, como segue:

(...) diante de Santana ser um ponto turístico, da gente saber a importância grande, que tem essa questão da nossa história, saber da nossa história, da questão dos alunos terem conhecimento daquilo que aconteceu há muito tempo, da história de Santana (...) saber tudo isso sobre o museu e conhecer. É importante os alunos vivenciarem isto na prática, olhando, vendo as réplicas lá no Museu, terem um contato mais próximo (...). Eles visualizando, vão ter um contato bem maior. Creio eu que uma aula prática no Museu, o aluno tendo todas aquelas explicações é muito bom, (...) têm mais uma noção sobre o que aconteceu lá (...).⁹⁵

Os discursos apresentados não são unívocos, pois permeiam diversas peculiaridades que carregam particularidades, povoadas de sentimentos de estima e admiração para com o equipamento. Apesar de o objeto analisado ser o mesmo, mas os depoimentos se constroem de forma substantiva, única.

Os narradores traduzem o sentimento que detêm com o Museu, aos seus modos particulares. Conforme uma delas enaltece mais uma vez o discurso turístico e sentimento de conhecimento do passado. De acordo com ela:

(...) O que se tem de pessoas do mundo inteiro que vêm até Santana conhecer o museu é um número enorme e é fonte de turismo aqui em Santana do Cariri (...) tanto turístico quanto pesquisas e estudos científicos relacionados para se entender o passado. (...) Ou seja, o passado na Terra está nas rochas. Cada

⁹³ Entrevista realizada com a professora da EEM Adrião do Vale Nuvens, MCGA, de 32 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A referida reside na Rua São Pedro, 320.

⁹⁴ Entrevista realizada com a professora da EEM Adrião do Vale Nuvens, MCGA, de 32 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A referida reside na Rua São Pedro, 320.

⁹⁵ Entrevista realizada com a moradora da Zona Rural e coordenadora escolar, ITS, no dia 13 de março de 2015.

camada daquela é uma página, no calcário laminado, é uma página do livro. E a natureza é um livro, temos que saber interpretar e temos que saber ler (...).⁹⁶

Ao serem indagados sobre o trabalho com a educação patrimonial na escola, em especial, destacando o Museu de Paleontologia, percebemos acima o trabalho destacando o Museu em uma das disciplinas da matriz curricular das escolas. Por outro lado, uma das narradoras, que sempre estudou em escolas públicas do município, segue sua resposta na seguinte linha:

(...) Não estudei nada sobre o museu na escola. (...) O professor, como mediador da realidade, deveria trazer o contexto e a realidade do município. Levar o aluno a conhecer o Museu e fazer o aluno entender por que esses fósseis são encontrados aqui na região, o que significa os peixes de pedra, assim conhecidos popularmente (...).⁹⁷

É lícito dizer que o processo de apresentação de uma temática como esta não passa apenas por uma determinada disciplina, mas deve haver uma interação maior e um propósito a ser seguido no currículo escolar. Deve também perpassar pela formação do professor, visto ter na base teórica a sustentação necessária para se repassar tal conteúdo, selecionar sua importância e apresentar ao alunado.

Destarte, outra narração que vai ao encontro dessa acima, ao salientar que:

(...) A educação patrimonial é um campo muito vasto. Por quê? Porque ela incentiva a conservação, o e a manutenção de alguma coisa. O museu é um bem comum, um bem de todos. O museu é um bem de Santana e precisa ser valorizado.⁹⁸

Consideramos importante destacar que embora as narrativas se aproximem ou se distanciem, temos em conta que as escolas que essas depoentes estudaram foram diferentes, assim como algumas outras que aqui aparecem. É preciso reiterar a forma como se chama a atenção para o espaço e as representações a que o Museu é atribuído:

(...) Tudo. Importante demais, tanto na questão do ensino, o conhecimento repassado para os alunos, (...) a curiosidade, pessoas que vêm de fora, o turismo, o conhecimento de crianças, adultos, pessoas que vêm de fora, gera renda, tanto pro conhecimento como pra questão da economia, quando eles

⁹⁶ Entrevista realizada no dia 29 de março de 2015 com a estudante de Geografia da Universidade Regional do Cariri, moradora da Zona Rural da cidade, MALS, 25 anos de idade.

⁹⁷ Entrevista realizada no dia 29 de março de 2015 com a estudante de Geografia da Universidade Regional do Cariri, moradora da Zona Rural da cidade, MALS, 25 anos de idade.

⁹⁸ Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, Distrito de Araporanga, o dia 02 de fevereiro de 2019.

vêm e trazem recursos... O turismo é fonte de renda para o museu e ele está ligado também a estes fatores (...).⁹⁹

Face a essa questão é importante destacar que a ação educativa no âmbito turístico é colocada na fala dos narradores como ponte para consolidar a aproximação do Museu com o caráter identitário, cultural e educativo dos moradores da cidade. Como se ressalva na passagem que segue, faz-se necessário “a curiosidade e o respeito pelas histórias locais do outro; o respeito pelo patrimônio que testemunha o passado local; a função e o valor das instituições incumbidas da conservação do patrimônio” (SHIMIDT, 2009, p. 153).

De maneira taxativa, outra narradora assevera que o Museu deva:

(...) Transmitir conhecimento em que os alunos possam interagir... Eles não têm a chance de visitar. A escola precisa possibilitar que os alunos frequentem e tenham mais conhecimento sobre o Museu. Precisamos fazer com que os alunos tenham mais acesso e mais conhecimento, mais aproximação (...).¹⁰⁰

A essência presente nos fósseis de Santana, no cordel apresentado por Willian Brito no início deste capítulo são reforçados nos discursos e na lida com o Museu de Paleontologia, assim como o teor turístico que embala o equipamento e atrai pessoas a fim de conhecer. Discursos que são construções, identidades que se fixam no esteio da história de Santana. São depositários de uma responsabilidade íntima que mantém e eleva sua autoestima e sua afetividade. Nessa perspectiva, convém dizer que:

Assim, a cidade do cidadão é, pois, representada por seu Patrimônio Cultural, através do qual ela mesma se mostra. Constam nele as ideologias, a cultura, religião, instituições, organizações e território, além do todo afetivo e simbólico, tudo representando o resultado das forças ativas de seus membros, devendo, para o desenvolvimento local e sustentabilidade da vida serem preservadas e respeitadas (MARTINS, 2015, p. 57) (Grifos nossos).¹⁰¹

O museu agrega diversas sensibilidades que decorrem do valor afetivo e simbólico que se desenvolve na sua própria história. Assim, é necessário entender que a identidade santanense é construída com base nas representações destas camadas de pensamento, as quais constroem e reconstroem discursos ao longo do tempo. Sob tal efeito, a memória histórica é

⁹⁹ Entrevista realizada com a moradora da Zona Rural e coordenadora escolar, ITS, no dia 13 de março de 2015.

¹⁰⁰ Entrevista realizada com a moradora ASCS, diretora escolar, residente na Zona Rural do município, no dia 13 de março de 2015.

¹⁰¹ MARTINS, José Clerton de Oliveira. **Patrimônio cultural: sujeito, memória e sentido para o lugar**, p. 49-59. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

configurada e construída no município dentro da perspectiva da história oral, como elemento importante na confecção deste aparato memorialístico sobre o Museu de Paleontologia.

Isso nos convoca a concordar com Oliveira ao escrever que:

Assim, entende-se por lugar de memória o espaço material que conserva, através do simbolismo atribuído pela pessoa que lembra, as lembranças de um acontecimento e que, através desse conservar proporciona a rememoração do acontecido e sua transmissão (2013, p. 61).

A dimensão de afetividade com o prédio se desloca no tempo de uma antiga guia à professora da rede regular de ensino, que endossa que em sua escola: “A escola sempre desenvolve projetos a fim de despertar os alunos com o campo científico tendo em conta que o Museu de Paleontologia também representa isso” (CAPM, 2019).

Ela rememora sua experiência vivida como guia do Museu e chama a atenção para a função dos professores em despertar nos educandos o desejo pelo estudo sobre o Museu:

(...) Os professores devem orientar seus alunos para que possam aprimorar o máximo o potencial pedagógico do Museu através do estudo dos temas específicos apresentando através das peças em exposição.¹⁰²

Em síntese, percebemos aqui uma gama de manifestações de discursos que ora enaltecem, ora colocam o Museu em posição de desdém, mas temos que analisar seus contextos e suas realidades que falam, visto ter nessas narrações uma profundidade muito forte no que toca aos anseios com o equipamento.

2.5 Na teia das narrativas, os apontamentos: a (im) possibilidade de ações a serem implementadas

O relacionamento que se ganha com o objeto de pesquisa nos coloca em uma determinada posição, muitas vezes de deslumbramento com o equipamento. Mas não fugi à regra e me mantive na condição de problematizar, pois a inegável função do museu não impede de questionarmos seus papéis no lugar e os discursos que decorrem ao longo das narrativas.

Com muita precisão, ao ser questionada sobre uma mensagem que ela direciona para os moradores locais, ARA diz:

¹⁰² Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, Distrito de Araporanga, no dia 02 de fevereiro de 2019.

(...) Meu recado é simples e ao mesmo tempo, eu acho que tem validade. Se todos os que trabalhassem e encontrassem um fóssil e tivesse consciência de devolver para lá, seria bem mais importante do que levar para casa. E se eles encontrassem e levassem ao Museu, seria bem mais proveitoso.¹⁰³

Dessa maneira, isso permite constatar as subjetividades presentes na fala da depoente, quando destaca que o Museu é equipamento de resguardo de fósseis. Isso confere uma identidade à narradora, que mesmo sendo de outra cidade, acaba por ter sua autoestima elevada por conta dos laços de uma simples fotografia postada, como apresentamos no início desse capítulo, que a associa ao Museu de Paleontologia.¹⁰⁴

Nesse sentido, os apontamentos são diversos, dentre os quais, uma a narradora MTFX é enfática ao dizer que “a comunidade de Santana venha para o Museu, conheçam, saibam a importância dos fósseis aqui pra Santana e as escolas aqui de Santana venham para o Museu”.

Estudante do ensino fundamental, ALFM fala do seu desejo de ter que:

(...) O Museu presa muito por seu nome, entendeu? Ele quer que o povo aqui de Santana conheça. Eu queria que o pessoal reconhecesse e que aqui temos riquezas. Às vezes vêm só por brincar mesmo.¹⁰⁵

Um dos professores entrevistados preceitua de maneira contundente que:

(...) De certa forma, nunca damos valor ao que temos. Às vezes a gente acaba esquecendo. Acabamos procurando algo diferente e deixando o que temos pra depois, achando que os nossos valores “eu já conheço”, procurando inovar e vamos muito longe. O recado que deixo é que procure mais valorizar o Museu.¹⁰⁶

De maneira particular, procede e vai além:

(...) Eu acho que o Museu, desenvolvesse um projeto piloto no município, buscando as escolas, buscando aproximar todas as áreas para despertar a questão de valor, de patrimônio, dos fósseis.¹⁰⁷

¹⁰³ Entrevista realizada com a aposentada ARA no dia 31 de outubro de 2018. Hoje é ex-moradora da cidade, mas se liga à matriz institucional. A entrevista foi concedida ao autor do texto.

¹⁰⁴ São louváveis e dignas de replicação iniciativas como a do Geoparque Araripe e da Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), as quais, através de divulgação do patrimônio através do turismo e de publicações, vêm colaborando de forma expressiva para a construção de uma consciência de preservação (JASPER, 2010, p. 39).

¹⁰⁵ Entrevista realizada com a estudante de 14 anos, ALFM, residente na Rua Acelino Arraes, Santana do Cariri, no dia 15 de dezembro de 2018.

¹⁰⁶ Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, de 38 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O mesmo reside na Rua Deputado Furtado Leite, 602, em Santana do Cariri-CE.

¹⁰⁷ Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, de 38 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O mesmo reside na Rua Deputado Furtado Leite, 602, em Santana do Cariri-CE.

Isso reproduz bem a memória que é destacada nas visões e experiências de cada narrador com o Museu de Paleontologia. Destaca-se os confrontos de visões arquitetadas, cada qual ao seu modo de enxergar o museu, bem como as verdades presentes na natureza dos discursos. E isso caracteriza a memória, pois, conforme concebe Nora (1993, p. 07) na seguinte passagem:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Para balizar tal consideração, Portelli destaca que “a História Oral não mais trata de fatos que transcendem a inferência da subjetividade; a História Oral trata da subjetividade, memória, discurso e diálogo” (1997, p. 26). Isso é bastante presente nas narrações, nas conversas que travamos com os sujeitos aqui destacados.

Dito isso, acresce informar que o espaço que o Museu abriga é totalmente voltado para proteção dos fósseis encontrados na Bacia do Araripe e dialoga com variadas percepções de memória, história e educação. Como afirma Ribeiro a seguir:

A memória transforma-se num celeiro inesgotável de possibilidades de lembranças. As representações-vivências do passado são tantas quanto grupos existam, renovando-se no espaço das vidas. Não existe, assim, lembrança estática, a multiplicidade está conectada ao rearranjo permanente das emoções grupais, retirando do passado aquilo que ele tem na história; seu status antológico (2004, p. 03).

Nessa linha, o depoente discorre de forma enfática e esclarecedora sobre suas posições sobre o Museu de Paleontologia, apurando seu desejo de que:

(...) A comunidade de Santana do Cariri deveria conhecer mais o Museu, principalmente os mais velhos; Ver o que ele propõe para a comunidade, na medida que o museu vai buscar novas temáticas, eles não interagem. Muitos criticam sem conhecer. Eu gostaria que conhecessem para darem seus pontos de vista.¹⁰⁸

¹⁰⁸ Entrevista realizada com o Coordenador do Museu, JLS, 26 anos, no dia 15 de dezembro de 2018. O referido reside na Avenida Prefeito Carlos Cruz, Juazeiro do Norte-CE.

Nessa direção, uma narradora partilha dessa linha de pensamento em uma fala interessante na qual destaca que:

(...) Quando se fala em Museu, (...) às vezes não se dá a grande importância que se tem. (...) e aí começasse a ser trabalhado e conscientizado que lá ele vai aprender, (...) Absorver ainda melhor... Vai estar em contato e diretamente lá com os fósseis... Não uma vez, esporadicamente, mas ter uma linha de trabalho voltada pra isso, os alunos irem com maior fluência (...). Sobre o Museu de Paleontologia, muitos dos alunos não têm a noção e dimensão que vem tendo (...).¹⁰⁹

A direção que os discursos ganham é muito importante para demonstrar a sintonia que os narradores detêm com o equipamento. Com vistas a enaltecer essa memória, RLS destaca que:

(...) Na minha opinião, tem que ter mais presença no currículo, mas o professor tem que ter recurso para poder ir com esses alunos até ao Museu e ser acolhido; e de livros que contem essa história. Por mais que tenham pesquisas, mas são restritas sobre esse assunto. Mas já melhorou muito com a internet (Grifos nossos).¹¹⁰

O desejo em se trabalhar a questão patrimonial é visível, mas os apontamentos para restrições como falta de recursos e materiais é nítido. Com bastante propriedade, a narradora mostra uma forma de trabalhar a educação patrimonial em sala de aula:

(...) Os próprios tipos de textos, os vários tipos de textos; poderia trabalhar redações com a temática. Ali eles usariam a linguagem para manifestar seu conhecimento a respeito da situação; Eu poderia trabalhar a parte gramatical a partir dos nomes... Numa perspectiva geral, eu poderia trabalhar os tipos textuais, a própria história em si, as narrativas.¹¹¹

Em comunhão com esta experiência, percebemos o quão é importante estabelecer paralelos entre os diversos sujeitos, pois cada um faz sua leitura do Museu e conjuga vários fatores, prós e contras dentro do ambiente educacional.

Uma professora de ciências humanas destaca que:

(...) Nós temos uma riqueza na nossa cidade, que precisa muito mais ser explorada e valorizada, pois sabemos que muitas das obras originais não estão

¹⁰⁹ Entrevista realizada com a moradora da Zona Rural e coordenadora escolar, ITS, no dia 13 de março de 2015.

¹¹⁰ Entrevista realizada com a educadora RLS, 39 anos, residente na Zona Rural do município, no dia 19 de janeiro de 2019.

¹¹¹ Entrevista realizada com a moradora RLS no dia 19 de janeiro de 2019. A referida reside na Zona rural do município e carrega larga bagagem como professora da educação básica.

na cidade. Para ampliar não só o Museu, mas também nossa cidade. É necessária uma Associação entre museus e órgãos públicos na cidade.¹¹²

Segundo outra narradora:

(...) Eu acho que todo mundo tem que valorizar o que é daqui e também, por conta da importância que o Museu tem. Eu acho que você negligenciar isso é muito triste. É algo do município. Todos os professores têm o papel de alertar os meninos, passar, valorizar, recomendar a quem é de fora e ter esse apego ao que é nosso.¹¹³

Podemos extrair dessa posição um anseio muito grande pela maior atuação de órgãos em conjunto para a manutenção do museu como lugar de história e memória. Isso acentua a importância dos sujeitos e realça o contexto oral como significativo para a construção de sentidos. O Museu é “colorido” à luz de narrações que o enaltecem em Santana do Cariri:

(...) Eu acho assim... que havendo aquele contato direto com as escolas do município, como de toda uma região e facilitando a ida ao museu (ITS, 2015).

Ao ser questionada sobre o recado que deixaria sobre o Museu, CAPM (2019) é enfática ao dizer que:

(...) Bem, o museu de Santana e o ícone da cidade. Porque quando a gente está lá fora, só escuta dizer: “ah, tem o museu de Santana”. “O museu de Santana é muito rico. O acervo é riquíssimo”. Muito procurado por pessoas, menos nas segundas-feiras, por pessoas de outros países para fazer pesquisa. A gente falar do museu é um campo muito vasto. É uma aula onde tá lá a teoria e a prática. (...) Estudar como foi formado o fóssil, em que época surgiu o fóssil. O Museu de Paleontologia, pra nós, é importante em todos os sentidos porque se resume em uma escola aberta, onde o aluno-pesquisador tem a possibilidade de se desenvolver, de crescer estudando um patrimônio que é nosso.¹¹⁴

A narradora é categórica ao resumir o Museu a um céu aberto e a uma escola, proferindo de acordo com a sua opinião, o papel central que o Museu ocupa na cidade. Com efeito, notamos que os narradores semeiam este papel de voltar ao passado para se reconhecerem, pois:

¹¹² Entrevista realizada com a professora MMGF, 28 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A mesma reside na Rua Patativa do Assaré, em Santana do Cariri-CE.

¹¹³ Entrevista realizada com a professora da EEM Adrião do Vale Nuvens, MCGA, de 32 anos, no dia 02 de fevereiro de 2019. A referida reside na Rua São Pedro, 320, Santana do Cariri-Ce.

¹¹⁴ Entrevista realizada com a professora da EMEIEF Paulo Rodrigues Duarte, CAPM, de 48 anos, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, 128, Distrito de Araporanga, no dia 02 de fevereiro de 2019.

É recordando o passado que ele lembra como chegou onde está, isto é, que acontecimentos foram vividos e de que forma foram vistos, analisados, tratados para formarem a pessoa com a identidade do momento (OLIVEIRA, 2013, p. 63 *apud* POLLAK, 1992).¹¹⁵

Com vistas a notar apontamentos diversos emplacados nas falas dos narradores, comungamos com a ideia de que estes são peças importantes para a tessitura deste trabalho e seus apontamentos são manifestações, são saídas que se prestam a estabelecer uma aliança com o equipamento. A intenção seria falar e apontar com críticas salutares, o que deveras ocorreu nas falas acima apresentadas.

Ora, resta comprovado que o embate de discursos entre os narradores nos põe numa situação de confronto com as inquietações: o que está faltando: o Museu na Escola ou a Escola no Museu? A dimensão dos discursos aponta grandes problemáticas que precisam ser situadas e analisadas caso a caso. No próximo tópico trataremos da educação patrimonial e do trabalho com o Museu nas escolas a partir de intervenções com esta matriz institucional.

¹¹⁵ POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Revista de Estudos Históricos N°. 10 – Teoria e História. Ano 1992/1. Revista do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

CAPÍTULO 3

O REFLEXO DAS AÇÕES EDUCATIVAS DO/SOBRE O MUSEU DE PALEONTOLOGIA E SEUS IMPACTOS NO ÂMBITO EDUCACIONAL

UM MUSEU NA MINHA TERRA¹¹⁶

A vida no sertão é dura
terra de gente trabalhadora
a esperança no olhar
no semblante de alegria e amor
e no meio da chapada
um rico acervo cultural.

Quem podia imaginar
e quem diria hoje contar
que nessa terra existia dinos gigantes
o Museu vem resguardar
traz aqui pro meu lugar
gente de toda parte e distante.
mas quer saber de uma coisa?
Plácido e seu grande feito
hoje podemos reconhecer que foi perfeito
Deus o iluminou
uma parte de história
presente na nossa memória
Eita caba que se consagrou.

Lugar extraordinário
que podemos visitar
fósseis de todo tipo
para quem quiser estudar
vem gente de todo canto
para Santana prestigiar.

E com essa melodia
posso aqui me expressar
o quanto Santana guarda
um pouco do meu passado
reconheço e agradeço
por morar nesse lugar.¹¹⁷

¹¹⁶ Autor e compositor Cicero Lopes Neves, estudante e residente em Santana do Cariri.

¹¹⁷ Chama-se de Toada um gênero cantado sem forma fixa, que se espalha por todo o Brasil, distinguindo-se pelo caráter melodioso e dolente. Seu texto, entoado de modo cadenciado e claro, é normalmente curto, narrativo e estruturado na forma de estrofe e refrão, podendo ser amoroso, lírico ou cômico. Embora suas características musicais variem bastante, a melodia costuma ser simples e plangente, conduzida por graus conjuntos e em andamento lento, podendo ser cantada em dueto de terças paralelas, sobretudo em áreas de cultura caipira (Regiões Sudeste e Centro-Oeste). Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14244/toada>. Acesso em 12 de fev. de 2019.

As bases que impulsionarão este capítulo estão sustentadas na premissa de apresentar um norte teórico que se ligue ao Mestrado Profissional, apresentando experiências desenvolvidas em oficinas propostas para se trabalhar o Patrimônio, bem como na tentativa de apresentar um produto que possa sustentar uma fluência maior do trabalho com o Museu de Paleontologia.

Assim, ao entrar em contato com as escolas municipais, buscamos intervir de alguma maneira que movimentasse os alunos e os fizesse enxergar quão grande era a dimensão patrimonial que o Museu detinha ali. Esta tarefa envolveria uma linha bastante importante em perceber o quanto de conhecimento tais estudantes carregavam em suas bagagens. A partir de discussões muito interessantes e que envolviam os discentes com a temática patrimonial.

Dentro dessa perspectiva, a nossa linha de trabalho visa a elaboração de um produto mediante a participação conjunta dos discentes, a implementação de tal produto nas escolas municipais para ser incorporado nas mais diversas disciplinas, bem como se constituir como pontapé inicial para o estímulo à produção de outros materiais.

Tal iniciativa se deu movida pelas perspectivas de devolver às escolas algo de incidência primária: conhecimento. Dentro de um estudo como este, vale salientar a relevância de se buscar um aperfeiçoamento e uma marca a ser deixada a fim de facilitar a leitura, despertar o interesse pela pesquisa e implementar um acervo maior às bibliotecas escolares do município.

A extração de elementos considerados de suma relevância dessa dissertação e a ideia de ser plantado um produto dessa natureza nas escolas foi o motor para a elaboração de um material desse cunho e visando a adesão de professores, gestores e outros escolares que desejem consultar nosso trabalho. Essa é uma expressão material de que nosso trabalho ficará vivo no corpo escolar e deve suscitar o trabalho e uma aproximação com o espaço museal.

3.1 As ações pedagógicas no plano educacional: possíveis reflexões acerca do patrimônio

Pensando na dimensão grandiosa que o Museu abarca na região cariense, faz-se mister que os professores e as instituições problematizem os seus lugares de memória em sala de aula, devendo se aterem também as subjetividades ali encontradas. A própria prática docente pode se constituir como objeto de pesquisa, pois pode aliar experiências e vivências nesses lugares para refletir sobre a prática. Daí o professor ser também um professor pesquisador.

Em vista disso, concordamos com o estrato que segue:

Na escola, o leque se abre em inúmeras possibilidades de o professor conseguir trabalhar a Educação Patrimonial, envolvendo alunos e comunidade. Partindo da casa, do seu bairro, do seu modo de viver, de falar, da sua culinária, da sua cultura, alunos e professores, juntos, têm muitos caminhos a trilhar para promover uma Educação Patrimonial, de forma democrática e emancipatória (LIMA, 2012, p. 54).¹¹⁸

Havemos de reconhecer que é necessário focar na importância de se trabalhar essa Educação Patrimonial nas escolas, tendo em vista a parceria com o Museu com vistas a oferecer maiores conhecimentos sobre tal espaço para os alunos. No que concerne a tal questão, entendemos a necessidade de se dizer que:

Ao trabalharmos questões referentes ao patrimônio no ambiente escolar, estamos oferecendo subsídios para a construção do conhecimento e da valorização desses bens culturais, sejam eles materiais, imateriais, naturais ou construídos (TEIXEIRA, 2008, p. 206)¹¹⁹.

Conforme a autora elucida acima, é preciso uma atuação efetiva e pontual por parte das instituições escolares a fim de valorizar o trabalho com a temática dentro do próprio currículo escolar. De acordo com o que acrescenta abaixo:

A Educação Patrimonial vem com o intuito de desmistificar o senso comum, fazendo com que os estudantes, as comunidades em geral percebam a sua casa, sua escola, o seu bairro como patrimônios culturais pertencentes a sua história. É sempre mais fácil e cômodo dar valor e significado ao que está distante de nós, e muitas vezes o que está próximo torna-se invisível e não é digno de ser valorizado e preservado (TEIXEIRA, 2008, p. 206) (Grifos nossos).

Com apreço ao que foi dito pela autora e anunciado por um dos narradores do nosso trabalho, comungamos com esta ideia de que o professor deva trabalhar esse bem material em suas aulas, pois a valorização de um patrimônio histórico dessa natureza pode suscitar diversos olhares e fazeres. E, por vezes, notamos a exaltação de outras manifestações culturais distantes em detrimento da valorização do que está próximo, do patrimônio que se tem em mãos, da memória ali presente alijada em relação a outros equipamentos.

¹¹⁸ LIMA, Samira Bandeira de Miranda. **Educação Patrimonial é Mais Educação!** p. 52–56. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

¹¹⁹ TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. **A educação patrimonial no ensino de história**. Rio Grande: Biblos, 2008. Disponível em: [http://pakacademicsearch.com/pdf-files/art/135/199-211%20v.%2022,%20n.%201%20\(2008\).pdf](http://pakacademicsearch.com/pdf-files/art/135/199-211%20v.%2022,%20n.%201%20(2008).pdf). Acessado em: 10 de junho de 2018, p. 206.

Nessas condições, os sujeitos possuem chancela histórica de grande voga na cidade de Santana do Cariri, pois está em pauta a grande dimensão de complexidade imbuída na identidade social daquele espaço em relação às memórias que povoam suas mentalidades.

Daí os docentes esbarram em questões como: o que trabalhar com a teoria dentro da prática tendo em vista o Museu de Paleontologia? O que posso perscrutar com uma visita ao Museu? Que elementos observar e como explorar isso? Essa aliança necessita ser pensada para implementar no currículo escolar o estudo e aprofundamento da temática patrimonial.

Convém notar ainda a ideia de que o Patrimônio está na memória dos habitantes do local, sobretudo nas escolas que podem trabalhá-la no sentido de valorização deste. Para tanto, percebemos que:

É preciso que tenhamos mestres capazes de articular, mobilizar e colocar em ação conhecimentos que suscitem nos alunos competências e habilidades que lhes possibilitem ser leitores competentes do mundo em que vivem (PINHEIRO, 2000, p. 31).

Tal enfoque se dá no âmbito de se discutir a importância do Patrimônio aludido para o desenvolvimento das potencialidades santanenses e seus entornos. Partindo desse princípio de valorização do Patrimônio Histórico em Santana do Cariri, percebemos que o estudo e conhecimento sobre tais exemplares fósseis, demonstram a singularidade de se estudar o passado e ter como base tal empreendimento para se tomar posse do mesmo.

Conforme atesta Pinheiro (2000, p. 41), “é preciso envolver a comunidade em ações de natureza educativa para se construir uma postura crítica, consciente, e, acima de tudo, ativa no desenvolvimento e vivência de ações cidadãs”. É a partir do envolvimento que a comunidade como um todo pode se apropriar e reconhecer o equipamento como mantenedor de vida, de história e de saberes.

Nessa linha de raciocínio, em se tratando dessa perspectiva em que se busca compreender não só a atuação do Museu nas escolas, destacamos aqui a importância de se discutir tal temática na cidade, buscando saber as apropriações dos próprios alunos em torno desse riquíssimo acervo paleontológico e memorialístico, possibilitando que os mesmos conheçam esta matriz. Com esse enfoque, compreendemos que:

Para mudar o mundo é preciso conhecê-lo; ninguém muda o que não é capaz de conhecer, ninguém muda o que não conhece; a ignorância nunca foi, e nunca será, uma boa parceira de viagem. Educar, ensinar, mais do que nunca, deve ser um ato político e de rebeldia – aprender também (COSTA, 2009, p. 136).

Com isso, entendemos que é preciso conhecer, antes de mais nada. Buscamos pensar no contexto de atuação da entidade, com uma abordagem diferenciada, como forma de inclusão social e participação das comunidades que se beneficiam do seu acervo e do conhecimento ali presente, além de ter as crianças e jovens como protagonistas do processo. Conhecer o patrimônio é uma ação que possibilita a sensibilização para o enfoque central: a valorização, a preservação e o sentimento de pertença.

Em comunhão com o exposto, vemos o endossar desse pensamento ao se afirmar que:

A participação dos homens e mulheres, adultos, jovens e crianças compartilhando nas escolas iniciativas de Educação Patrimonial revigora a autoestima e ressignifica o sentimento de pertencimento a uma determinada localidade e/ou grupo étnico (APOLINÁRIO, 2012, p. 59).¹²⁰

Logo visualizamos que é pela elaboração do conhecimento por alunos, professores e comunidade, de forma metódica, dialética e cotidiana que conseguimos tornar o a educação patrimonial agradável, interessante e significativa para nossas vidas.

Nesse sentido, procuramos amparo na ideia de que os estudos acerca das experiências vividas precisam ser trabalhados de forma mais constantes nas escolas da cidade, notando que este semblante da subjetividade deve estar associado com a educação. Como atestamos em Pinheiro:

Os educadores devem buscar métodos, procedimentos, estratégias e abordagens que permitam uma aprendizagem para a vida e que possibilite aos alunos pensar criticamente o mundo, sabendo posicionar-se diante de várias situações-problemas (2000, p. 37).

No trecho destacado acima, percebe-se que os alunos devem se reconhecer enquanto partícipes desse processo de cidadania, conhecendo e valorizando o patrimônio histórico que têm na cidade. Dentro desse propósito, o turismo se consolida na cidade como uma prática mais consistente devido às visitas ao Museu e, sobretudo, no que se refere à troca de saberes entre o visitante e o visitado.

¹²⁰ APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Reflexões sobre a Educação Patrimonial e experiências da diversidade cultural no ensino de História**, p. 56–68. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

Nas imagens abaixo podemos notar o levantamento realizado pelo Museu do número de visitas ao prédio nos anos de 2016 e 2017. Isso ratifica as narrativas que discorreram sobre a grande procura pelo Museu por parte de vários setores.

Gráfico 1: Número de visitantes em 2016 ao Museu de Paleontologia.



Fonte: Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens (MPPCN).

Gráfico 2: Número de visitantes em 2017 ao Museu de Paleontologia.



Fonte: Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens (MPPCN).

Ora, as visitas devem ser organizadas com um dado propósito, o qual permite um olhar aprofundado com base na prática e no vivido. Para isso, há de se considerar que deve haver todo um planejamento e preparação das atividades antes das visitas por parte dos escolares. As sensibilidades afloram e os discentes podem explorar suas experiências no Museu de Paleontologia, possibilitando uma aliança entre teoria e prática. No gráfico acima, percebemos que o maior número de visitas se encontra no período de férias escolares, em janeiro ou julho.

Na sequência, vemos o registro de professoras da educação visitando o Museu com seus alunos:

Figura 10: Visitas ao Museu de Paleontologia



Fonte: Maria Mariene Gomes Fernandes

Figura 11: Visitas ao Museu de Paleontologia



Fonte: Francilânia Leonel dos Santos

Nesse sentido, concordamos com Pinheiro ao apurar que:

Entender ações educativas para o patrimônio não está em “capacitar” para a preservação, com valores impostos por conceitos jurídicos, acadêmicos ou políticos, mas na afirmação contínua de que as pessoas são protagonistas no processo, sendo os seus valores e conhecimentos produzidos reconhecidos (2015, p. 14) (Grifos nossos).

É imperioso destacar que os mesmos podem atribuir essa identidade cultural ao município e possibilitar essa carga de conhecimento que se pretende repassar. As pessoas devem se sentir protagonistas do processo e não meros expectadores, numa constante produção de conhecimento e interatividade. “No caso dos museus de história, é possível construir discursos sobre o passado das comunidades ali retratadas, passíveis de serem reelaborados e ressignificados pelos visitantes” (PACHECO, 2010, p. 153).

Para tal, sabemos que é de fundamental importância os alunos tomarem conhecimento da temática ligada à Educação Patrimonial, conhecendo melhor a história do Museu de Paleontologia da cidade. Deve-se resgatar e viabilizar uma proposta de educação

pautada no estudo e maior valorização do Museu de Paleontologia com vistas a estabelecer paralelos e apoios dentro das escolas, compreendendo que este envolve artefatos fossilíferos em riquíssimo estado de conservação. Com isso, nota-se que:

É preciso que os educadores assumam esse compromisso e criem possibilidades de trabalhos teóricos e de campo para auxiliar a comunidade no processo de interlocução com a memória, com os lugares de memória e com a história local (PINHEIRO, 2000, p. 45).

Nessa perspectiva, pretendemos aqui atribuir ao ambiente escolar, formas alternativas de se trabalhar com base nos novos meios e recursos que despertem no aluno e na sociedade, o desejo de compreender a importância do patrimônio histórico existentes em um lugar, neste caso, especificamente na cidade em destaque.

O enfoque abordado acima elucidada o Museu como um lugar de memória, o trabalho com as afetividades e sensibilidades que despertam no aluno ou visitante a identidade ligada ao referido, ou seja:

A educação que se vislumbra é aquela que se caracteriza como mediação para a construção coletiva do conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local. Enfim, a que reconhece que os bens culturais estão inseridos em contextos de significados próprios associados à memória do local (FLORÊNCIO, 2015, p. 26).¹²¹

É por meio do contato com o artístico, histórico, ecológico que nasce o que se chama de uma memória cultural, seja ela individual ou coletiva, e auxiliando, de forma lúdica, jovens e adultos sobre a importância do reconhecimento de seu patrimônio, como se afirma na passagem:

Não obstante, é necessária a sua inclusão nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que tratem de temáticas sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de oficinas de capacitação para os educadores e a comunidade em geral, a fim de inseri-los no contexto da diversidade do acervo cultural da sua localidade, proporcionando o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema (TOLENTINO, 2012, p. 59 *apud* ORIÁ, 2005).

¹²¹ FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais**, p. 2- 30. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

Hoje o Museu é sinônimo de mais investimento e cultura na cidade de Santana do Cariri sendo responsável por atrair mais pessoas à cidade. É um atrativo a mais para quem vem visitar os pontos turísticos da região e conhecer seus artefatos fossilíferos. Destacamos aqui que “o processo educativo em qualquer área do conhecimento, tem como objetivo proporcionar aos alunos a utilização de capacidades intelectuais para aquisição e uso de conceitos e habilidades” (PINHEIRO, 2000, p. 48).

Nesse sentido, tal patrimônio histórico reveste-se de grande importância para se constituir enquanto elemento para a construção da cidadania, o que implica direito a memória, ou seja, que todos devem ter acesso aos bens materiais e imateriais que representam seu passado, sua tradição e sua memória.

É o que afirma Pacheco abaixo:

Os espaços de memória podem e devem planejar e desenvolver ações educativas que explorem os significados dos objetos expostos como forma de qualificar sua função social de guarda, pesquisa e divulgação da memória social (2010, p. 153).

Em vista disso, comungamos com o ideário de que é preciso levar discussões que versem sobre o patrimônio histórico na sala de aula, fazendo com que os alunos se percebam enquanto agentes históricos daquele meio, ajudando na construção identitária dos mesmos, dado que é também por meio da memória dos habitantes que faz com que eles percebam na própria estrutura da cidade, sua história, experiências e expressões cotidianas. “Ao ser reconhecida como narrativa legítima do passado de um grupo social, a memória coletiva atua como elemento constituinte de uma identidade social” (PACHECO, 2010, p. 145).

Assim, entendemos que os alunos devem ser levados a pesquisar, mapear os dados sobre o Museu de Paleontologia, percebendo seu estado de conservação e a importância desse Patrimônio, sensibilizando-os para sua grandiosidade, pois “é através do conhecimento que se criam perspectivas de conservação e preservação” (PINHEIRO, 2000, p. 49).

Partimos do preceito de que é a partir da sensibilização para o ato de preservar que se nota a relevância para conhecer e levar às gerações futuras, ao passo que conhecer é necessário para preservar. Com isso, o Museu de Paleontologia deve ser amplamente abordado na esfera educacional, podendo se tornar o campo de debate das ideias acima referidas, uma vez que o professor deve “incluir no cotidiano da sala de aula o hábito, o gosto pela pesquisa, motivando os alunos a produzirem conhecimentos a partir da investigação” (Idem).

Portanto, o Museu de Paleontologia é reconhecido como espaço de valor, de memórias e diferenciadas representações que servem de alicerce para construção de sua memória histórica. Logo, comungamos com a prerrogativa de que “é através do conhecimento que se criam perspectivas de conservação e preservação” (PINHEIRO, 2000, p. 49). Isso acaba provocando um ciclo benéfico à comunidade escolar e à população santanense, as quais se deparam com ares de inclusão e participação social no tocante a tal Instituição.

O docente se debruça sobre o conhecimento ancorado em seleções relevantes aos alunos, dentro de um raio de conhecimentos que façam sentido nas suas experiências de vida. É imperativo destacar que estas ações se constituem enquanto intervenções positivas em busca da autonomia do educando.

3.2 A relação entre Museu e a educação patrimonial nas escolas de Santana

É inequívoco que o Museu de Paleontologia, como já se realçou acima, foi aqui tomado como espaço não só de História, mas também de memória, a qual associamos a diversas representações dos grupos cidadãos que constroem a memória histórica do município.

Desse modo, comungamos com o excerto abaixo:

A Educação Patrimonial, pensada como campo específico de políticas públicas para o patrimônio cultural, superou as ações centradas nos acervos e construções isoladas para a compreensão dos espaços territoriais como um documento vivo, passível de leitura e interpretação por meio de múltiplas estratégias educativas. Deve, portanto, ser entendida como eficaz em articular saberes diferenciados e diversificados, presentes nas disciplinas dos currículos dos níveis do ensino formal e, também, no âmbito da educação não formal (FLORÊNCIO, 2012, p. 25).¹²²

Trabalhar a educação patrimonial nas escolas do município é uma forma de se pensar em um tempo no qual os sujeitos daquele espaço se sintam partícipes da história santanense. No âmbito escolar isso se constitui como premissa basilar para se valorizar o patrimônio em tela e outros, de natureza material ou imaterial. Concordamos com Florêncio ao sentenciar que:

Dessa forma é possível a otimização de recursos na efetivação das políticas públicas e a prática de abordagens mais abrangentes e intersetoriais,

¹²² FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação Patrimonial: um processo de mediação**, p. 22–30. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

compreendendo a realidade como lugar de múltiplas dimensões da vida (2012, p. 28).

De modo preciso, Delgado assinala a seguinte consideração:

Como as possibilidades da memória humana são inesgotáveis, lidar com elas é caminhar por um terreno fértil, mas também escorregadio, que exige do pesquisador sensibilidade, criatividade, ética e conhecimento histórico consistente sobre o tema ou objeto de pesquisa (2010, p. 64).

Nesse sentido, ajudaria a auxiliar na preservação e conservação do patrimônio, e dessa forma o tema educacional torna-se imprescindível, pois não basta apenas ensinar, é preciso ensinar a defender o patrimônio que têm em mãos, pois:

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos (PESAVENTO, 2004, p. 33).

Desse modo, o docente deve estar em constante diálogo com seu tempo e suas demandas, desenvolvendo visões entre as cadeias de tempo passadas e presentes, dado que precisa “reativar aos espaços de memória sua função de espaços de produção de conhecimento científico ao mesmo tempo em que se reforça sua missão de instituições de ensino” (PACHECO, 2010, p. 153).

A partir disso, percebe-se que a memória enquanto substrato relevante neste estudo, constrói representações e fronteiras que perpassam os limites do individual e do coletivo, como também estabelecendo uma ponte entre tempo, espaço e homem dentro da construção do conhecimento no tempo presente. “Trabalhar com Educação Patrimonial é lançar mão de diversas atividades, linguagens e suportes” (PINHEIRO, 2000, p. 50).

De acordo com a avaliação de Oriá, a educação patrimonial estaria justamente ligada “(...) à utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas (...) no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e futuros cidadãos da importância da preservação desses bens culturais” (1997, p. 141). A educação patrimonial seria particularmente incluir nos currículos escolares temáticas que versem sobre o conhecimento e preservação do patrimônio da comunidade.

Consoante Apolinário:

Através de ações voltadas à preservação e compreensão do patrimônio cultural, a Educação Patrimonial torna-se um veículo de prática de cidadania em que sujeitos das camadas populares a eles desvalorizados pela educação elitista, proporcionando-lhes um sentimento de pertença nos espaços escolares (2012, p. 61).

Convém destacar neste quadro que, na contemporaneidade, é preciso pensar este espaço como sendo um constructo social de demasiada importância para os agentes sociais envolvidos ao mesmo, cujo papel se mostra bastante representativo para se resguardar a história e a memória no tempo presente. “Faz-se necessário que essa versão também esteja articulada com as versões e demandas que as comunidades desejam legitimar sobre o seu passado, sobre a memória que desejam para si” (PACHECO, 2010, p. 147). Dentro dessa visão:

Podemos dimensionar que uma nova postura sobre o patrimônio estará vinculada principalmente aos valores que a comunidade lhe outorgará e que virá refletir no seu processo de autoestima e autoconstrução, pois é na diversidade que se é possível atingir o todo, mas, para que esse todo faça sentido, é necessário fortalecer o sentido de sua própria identidade através de suas diferenças (APOLINÁRIO, 2012, p. 63).

Nesse manancial de ideias, podemos ainda associar isto à memória coletiva da cidade, a qual se põe em consonância com o tempo passado, digna de ser reconhecida no tempo presente. Tal enfoque deve ser tecido ao levar em consideração uma educação que “valorize a cultura como um conjunto de signos e significados que devem ser partilhados e construídos por nós, para que possamos explicar o mundo onde vivemos” (PINHEIRO, 2000, p. 51).

Diante do que foi apresentado sobre a Educação Patrimonial, percebemos que esta se entrelaça com a memória, visto que entendemos que seja importante associá-las, pois “é preciso entender as memórias considerando suas múltiplas dinâmicas e não como mera lembrança de fatos passados que têm relevância no processo de construção da escrita da História” (FILHO, 2013, p. 04).

Nessa linha de raciocínio, a memória é constituída por acontecimentos e personagens os quais devem se relacionar com o espaço/ tempo. A memória pensada enquanto campo social onde se mesclam o individual e o coletivo possibilita uma compreensão diferenciada daquilo que é transmitido pelo documento tradicional, além de revelar aspectos outrora esquecidos que ajudam na construção identitária, ou seja, do sentimento de pertença a algum campo ou lugar.

Dessa forma, trataremos da memória enquanto um dos fatores responsáveis pelo conhecimento do patrimônio local, buscando entender como os alunos constroem significados para o Patrimônio já destacado, com vistas a desenvolver um trabalho voltado para a sua valorização.

A memória vinculada ao sentimento de identidade ajuda os alunos a se perceberem enquanto cidadãos santanenses, e também enquanto fruto daquele meio histórico abrangente, bem como desperta nos mesmos a sensibilidade para conhecer e preservar seu espaço social, articulando histórias e memórias do mesmo.

Logo abaixo, percebemos uma oficina que foi desenvolvida em uma escola municipal pública em Santana do Cariri por representantes do Museu de Paleontologia.

Figura 12: Projeto Museu na comunidade



Foto: Projeto Museu na comunidade (Imagem de Antony Thierry Salú).

Figura 13: Projeto Museu na comunidade



Foto: Projeto Museu na comunidade (Imagem de Antony Thierry Salú).

O projeto acima foi desenvolvido por dois monitores do Museu de Paleontologia em uma escola distrital de Santana do Cariri. O objetivo foi apresentar a importância dos fósseis para as crianças da escola, bem como o desenvolvimento de uma oficina de réplica desses materiais.

3.3 Apontamentos para se trabalhar a educação patrimonial envolvendo o Museu de Paleontologia

O trabalho com a educação patrimonial deve, em nossa visão, ser pensado de maneira interdisciplinar e colaborativa no espaço escolar. Essa teia de relações que se estabelece no espaço educacional é bastante importante para se falar da relevância de tratar do patrimônio. A educação se faz presente nesse espaço também, como se vê na LDB:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, quer dizer, os espaços da vida (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, acreditamos que o Museu de Paleontologia pode ser objeto de estudo e valorização. Essa ponte aprofunda os conhecimentos dos alunos, dissemina e desperta cada vez mais a curiosidade dos alunos. “É a valorização de processos educativos que imbrica os saberes escolares aos saberes que circulam nas praças, nos parques, nos museus, nos teatros, nos encontros e manifestações culturais de um modo geral” (FLORÊNCIO, 2012, p. 29).¹²³

Dentro dessa perspectiva, notamos a urgência de implementação de temas relacionados a tal, a fim de empreender uma valorização da educação patrimonial dentro do próprio currículo escolar. Como se nota no trecho:

A Educação Patrimonial tem, desse modo, um papel decisivo no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural, colocando-se para muito além da divulgação do patrimônio. Não bastam a “promoção” e “difusão” de conhecimentos acumulados no campo técnico da preservação do patrimônio cultural. Trata-se, essencialmente, da possibilidade de construções de relações efetivas com as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural (FLORÊNCIO, 2012, p. 23).¹²⁴

É possível dizer que a visita ao museu não deve ser apenas uma mera experiência que se encerra na observação dos objetos. O docente deve se debruçar sobre os objetivos que almeja ao pensar em uma atividade como esta. Com efeito, notamos que:

Ao visitarem os museus e observarem os objetos, os alunos podem ter contato direto com os vestígios pertencentes ao passado. O objeto sugere fatos, processos e ideias, e dessa forma potencia o conhecimento significativo de determinado período histórico-cronológico (SCHIMIDT, 2007, p. 151).

Posto isso, podemos dizer que a potencialização de ideias antes de ir ao Museu deverá ser encarada como algo preliminar antes da própria visita. E, por tal motivo, devemos saber que “a visita ao museu deve começar na sala de aula, com atividades lúdicas que utilizem materiais do cotidiano, como indícios de práticas que se fazem nas relações sociais (RAMOS, 2010, p. 02).

De acordo com Londres (2012, p. 18):

¹²³ O profissional que estuda o passado deve ter presentes estes dois campos de atuação do profissional historiador: produzir o discurso sobre o passado e criar situações de difusão desse discurso. Deve procurar estratégias não para provocar no seu público a aceitação passiva de uma fala sobre o passado, mas para promover a reflexão sobre a experiência humana no tempo, utilizando-se, portanto, das diferentes linguagens que o mundo contemporâneo nos coloca à disposição (PACHECO, 2010, p. 152).

¹²⁴ FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação Patrimonial: um processo de mediação**, p. 22–30. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

A meta que se deve ter em vista, portanto, é de despertar no educando a curiosidade, o desejo e o prazer de conhecer e de conviver com os bens culturais enquanto patrimônio coletivo, e de levá-lo a se apropriar desses bens enquanto recursos que aprimoram sua qualidade de vida, e que contribuem para seu enriquecimento enquanto pessoa e cidadão, em suas atividades profissionais, de lazer, de criação e de interrelação com os outros e com o mundo.

Outro ponto deve ser debatido antes da ida ao Museu de Paleontologia, como por exemplo, a ideia de não tocar nas peças históricas. Nessas condições, o sentimento de pertença ao lugar deve ser incitado, para que aquele momento se constitua como algo chatô, ou uma visita sem interesses. Do contrário:

Infelizmente os museus são em grande medida pensados como locais de exposição e não de produção do conhecimento por parte da comunidade de pesquisadores. Esses lugares acabam por ser vistos como locais para uma visita passiva e não para uma interação ativa por parte do público (PACHECO, 2010, p. 146).

Nessa direção, torna-se necessário também desmistificar a ideia de que a visita é uma quebra nos estudos. Muito mais que isso, os alunos devem ser instigados a apreciar suas riquezas presentes no lugar, frequentarem para obtenção de conhecimento de peças históricas, quando, na maioria das vezes, sequer sabem do que se tratam. Mais uma vez, reiteramos que:

O estudo do passado não se faz pela observação direta nem pela experimentação. Contudo, quando os alunos trabalham com indícios do passado, eles podem exercitar capacidades de observação e experiência sensorial dos objetos (SCHIMIDT, 2007, p. 151).

Assim, o Museu de Paleontologia resguarda um recorte relevante do tempo histórico e da história da Terra. As peças ali resguardadas devem ser encaradas com sentidos de orientação, experiências passadas e que assegura o direito à memória do passado. Esse direito deve se estender ao alunado, pois “fazer com que nossa produção incida sobre a questão da cidadania implica fazer passar a história e a política de preservação do passado pelo crivo de sua significação coletiva e plural” (PAOLI, 1992, p. 26).

Nessa linha de pensamento, notamos uma dificuldade premente de alguns profissionais da educação que desconhecem a importância do Museu de Paleontologia e não buscam um maior aprofundamento da sua relevância para a cidade de Santana do Cariri. No que tange a tal, apura-se que:

Pressupõe a tarefa principal a ser contemplada em uma política de preservação e produção de patrimônio coletivo que repouse no reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania, é resgatar estas ações e mesmo suas utopias não realizadas, fazendo-as emergir ao lado da memória do poder e em contestação ao seu triunfalismo (PAOLI, 1992, p. 27).

Em que pese ao exposto, as narrativas sobre as visitas são extremamente diversas no que tange ao campo educativo, haja vista que alguns apontam a ida como prêmio aos alunos ou uma quebra nas aulas teóricas. De outra forma, a necessidade de planejamento de uma educação diferenciada confere aos docentes uma função grandiosa, pois estes profissionais são os responsáveis pelo interesse central da atividade. Isso converge com a seguinte ideia:

A educação que se vislumbra é aquela que se caracteriza como mediação para a construção coletiva do conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local. Enfim, a que reconhece que os bens culturais estão inseridos em contextos de significados próprios associados à memória do local (FLORENCIO, 2012, p. 29).

Em vista disso, após a visita, sugerimos que os alunos discorram sobre o que acharam da visita, que elementos eles apontam como mais chamativos e narrem sobre a importância do Museu de Paleontologia para a cidade de Santana do Cariri. A partir desse exercício, os mesmos poderão pensar sobre a relevância daquele prédio para a cidade e para a proteção da memória e do passado.

Como vemos abaixo:

Dessa forma, educação significa reflexão constante e ação transformadora dos sujeitos no mundo e não uma educação somente reprodutora de informações, como via de mão única e que identifique os educandos como consumidores de informações. Paulo Freire chamou esse modelo de “educação bancária” (FLORENCIO, 2012, p. 29 *apud* FREIRE, 1970).¹²⁵

Após essa atividade, far-se-ia um exercício de socialização de ideias, possibilitando a interação entre as várias percepções acerca da visita e, logo, sobre o próprio Museu de Paleontologia. Pensar a educação dentro dessa seara requer do professorado e do alunado uma entrega e responsabilidade com a atividade, pois estão caminhando juntos na discussão de uma temática de relevo, que é a educação patrimonial. Nesse sentido:

¹²⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no cidadão o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos homens e mulheres sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles (APOLINÁRIO, 2012, p. 58).

Algumas fotografias poderão ser expostas na escola para que outros alunos possam se interessar pela dinâmica efetuada e despertem uma curiosidade em saber sobre aquela matriz institucional, e com certeza, outras percepções derivadas das que estão expostas. Como afirma Pollak, “esse trabalho de controle da imagem da associação implica oposição forte entre o subjetivo e o objetivo, entre a construção de fato e as reações e sentimentos pessoais” (2002, p. 12).

Essas diversas subjetividades serão expostas nas percepções dos alunos as quais se configuram como representações da realidade vivida:

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo (PESAVENTO, 2004, p. 21).

Essa dinâmica interdisciplinar poderá fermentar outros encontros e sinalizará para ideias produtivas no que tange à valorização do patrimônio em tela.¹²⁶ Assim, as diversas formas como os discentes enxergam o patrimônio poderão ser expressas e suas sensibilidades estarão em evidência, pois:

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade (PESAVENTO, 2004, p. 32).

¹²⁶ Todo espaço que possibilite e estimule, positivamente, o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir consequente, é um espaço educativo. Portanto, qualquer espaço pode se tornar um espaço educativo (APOLINÁRIO, 2012, p. 58).

Nesse esteio, Paulo freire é enfático ao dizer que esta educação patrimonial se constitui como um ponto a ser trabalhado enquanto marcador de identidades, pois a seu ver:

É possível dizer que a Educação Patrimonial pode ser uma importante ferramenta na afirmação de identidades e para que as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos (2011, p. 42).

Além da produção de suas identidades, os alunos estarão em contato com as subjetividades de outros colegas, problematizando diversos temas, podendo ser trabalhado pelo professor e aprofundado em outros momentos. Nesse sentido, entrelaça-se os conceitos de educação e cultura a fim de definir as identidades postas no cenário escolar.

Nesse particular, é lícito considerar o seguinte:

Vale adiantar que a tentativa de estabelecer um marco zero para a “educação patrimonial”, fixando uma data de nascimento (1983), uma cidade (Petrópolis), um museu e uma determinada maternidade ou paternidade, não tem respaldo no cotidiano dos praticantes da assim chamada “educação patrimonial”. O seu vínculo de fundo e o seu diferencial estão situados na confluência entre a educação, a memória, a cultura, o patrimônio e a preservação. De outro modo: a expressão em análise constitui um campo e uma prática de educação socialmente adjetivada e não está especialmente vinculada a nenhuma metodologia, a nenhum autor, a nenhum lugar, a nenhuma data em particular (TOLENTINO, 2012, p. 52 *apud* CHAGAS, 2006).¹²⁷

É importante reforçar que a mola-mestra deste processo de ensino e aprendizagem está concentrada nos alunos, e o professor, no seu campo de atuação, deve se ater em formar sujeitos pensantes e críticos. Como perscruta Libâneo *apud* Pimenta:

Pensar é mais do que explicar e, para isso, as instituições precisam formar sujeitos pensantes, capazes de um pensar epistêmico, ou seja, sujeitos que desenvolvam capacidades básicas em instrumentação conceitual que lhes permitam, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, colocar-se frente à realidade, apropriar-se do momento histórico de modo a pensar historicamente e agir sobre ela (2005, p. 72).

Nessa linha de raciocínio, Bernard Charlot (2013, p. 169) enfatiza sua postura sobre a educação vista na passagem abaixo:

¹²⁷ CHAGAS, Mário. **Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação**. Dossiê Educação Patrimonial no3, Iphan, jan/fev. 2006.

A educação é o movimento pelo qual uma geração recebe as criações culturais das gerações antecedentes e as transmite, ampliadas, às gerações seguintes, continuando, desse modo, o processo de criação de espécie. Mas, ao receber esse legado, cada um de nós, ao mesmo tempo, se constrói como um ser singular. Isso é fundamental para compreender a educação.

É sabido que ambas estão interligadas, ou seja, educação e cultura são indissociáveis. A título de exemplo, somente é possível conhecer a cultura de uma região por meio da educação. Nesse sentido, ao fazer o elo entre educação e cultura a partir da atuação do Museu de Paleontologia, evidencia-se o quão é importante entender como ocorre essa relação no processo de formação de sujeitos críticos capazes de intervir de modo inovador nas decisões da sociedade. Nesse particular, vemos que:

Estaremos aptos a entender que a cultura e a memória são faces de uma mesma moeda na qual a atitude cultural por excelência e com o que nos rodeia, desde os testemunhos construídos ou as expressões da natureza aos testemunhos vivos e intangíveis, são imprescindíveis para a construção da nossa identidade (LIMAVERDE, 2015, p. 89).

Conforme pontua Roger Gal (1989, p. 05), na sua obra intitulada “História da Educação”:

[...] a educação é um fato primordial da humanidade, aquele que talvez caracterize melhor a espécie humana”. A educação compreende todas as influências que podem ser exercidas sobre o indivíduo durante sua vida; abrangendo a formação profissional e social quanto a formação intelectual ou moral.

Então, é fundamental, que a cultura tanto local, quanto regional e mundial seja estudada nas escolas, a qual é incumbida a desenvolver no aluno a criticidade, para que os mesmos aprendam o verdadeiro significado do que é ser cidadão enquanto sujeito responsável na construção da cidadania.

Consoante nos mostram Moreira e Candau na passagem abaixo:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universo entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados. Se partimos dessas afirmações, se aceitamos a íntima associação entre escola e cultura, se vemos suas relações como intrinsecamente constitutivas do universo educacional, cabe indagar por que hoje essa constatação parece se revestir de novidade, sendo mesmo vista por vários autores como especialmente desafiadora para as práticas educativas (2003, p. 160).

Com este pensar, é inequívoco que o processo educativo abrange todas as esferas sociais, e por isso, acaba consolidando e dando sentido à vida. Com esse foco, aliamos a nossa proposta de estudo aos objetivos do Mestrado Profissional, cuja roupagem visa intervir na cena escolar. Isso será discorrido no próximo tópico.

3.4 A escola como lugar de educação patrimonial: intervenções realizadas e seus reflexos

Em que pese ao que foi dado acima, ao sair a campo tivemos que frequentar o museu e algumas escolas, agora com outro olhar, e procurar naqueles sujeitos as informações que buscávamos em comunhão com a proposta de intervenção que fora pensada. Em grande medida, tais atividades foram salutares para despertar nos discentes esta ânsia em debater a temática patrimonial e refletir sobre seu patrimônio local.

Nessa procura, fizemos entrevistas na sede do município, bem como em algumas localidades vizinhas à procura de depoimentos que enriquecessem nossa proposta de estudo. No desenho que se inscrevia este trabalho, cada palavra aqui escrita passou por toda uma carga de euforia, visto que os sujeitos estavam ali para narrar suas visões e precisava aparecer no texto, ambiente de impressão de seus olhares.

Nessa linha, vamos tentar pensar como as escolas da rede pública da cidade de Santana do Cariri-CE receberam a oficina de educação patrimonial em suas dependências, partindo da análise da experiência dos alunos com o Museu de Paleontologia. A operação em tratamento se deu com o intuito de problematizar a temática e semear um trabalho com este enfoque patrimonial.

Em harmonia com isso, comungamos com o fato de que:

O desenvolvimento de estratégias e de dinâmicas de ensino-aprendizagem em torno do Patrimônio Cultural e os valores que são inerentes a essa relação podem ser, na contemporaneidade, um dos pontos mais significativos, eficazes e rentáveis para garantir a valorização, preservação e difusão dos bens culturais e das memórias interligadas a eles (PINHEIRO, 2015, p. 13).

Nessa direção, a oficina ministrada com a temática patrimonial teve como título “*Museu de Paleontologia: Retratos e visões do meu patrimônio local*”, buscando perceber como os alunos se apropriavam do Museu em seu Município e os significados que este patrimônio tem representado no tempo presente.

Elegemos alguns objetivos para serem alcançados nas oficinas, quais sejam: Analisar as visões dos escolares sobre o Museu de Paleontologia; Refletir sobre a forma como o Museu é encarado pelos discentes; Produzir e analisar os materiais confeccionados na oficina sobre o Museu de Paleontologia.

Estes objetivos coadunam com os propósitos da educação em si, pois estão no ambiente de atuação da prática educativa e derivam de manifestações dos próprios escolares. Como apuramos abaixo:

A educação que se vislumbra é aquela que se caracteriza como mediação para a construção coletiva do conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local. Enfim, a que reconhece que os bens culturais estão inseridos em contextos de significados próprios associados à memória do local (FLORENCIO, 2015, p. 27).

Para tanto, é lícito enfatizar que não buscamos que os discentes expressassem em suas respostas e interação os conceitos científicos prontos, engessados e elaborados teoricamente e deixamos claro ao longo do trabalho. A tentativa era de analisar os saberes que os alunos detinham sobre a matriz em tela e como trabalhar com esta daqui em diante, convertendo seus saberes em material didático produzido pelos mesmos. Nesse sentido obtivemos muitas respostas como “não sei nada”, ou silêncios ensurdecedores que imperavam quando se falava do Museu, o que deixa claro a importância de trabalhar tal assunto com mais eficácia e prontidão na cidade.

Nessa linha, é nítido que:

A aprendizagem é facilitada na medida em que se apoia no que o aprendiz já sabe. Estes elementos estão relacionados às subsunções ou ganchos cognitivos que funcionam como organização prévia dos conhecimentos a serem aprendidos (NUNES & SILVEIRA, 2008, p. 68-69) (grifos nossos).¹²⁸

Logo na primeira etapa do processo, visamos questionar e debater a seguinte pergunta: o que é o Museu na visão dos escolares? A ideia era fazer uma chuva de ideias, um “Brainstorming”, a fim de entender como os alunos envolvidos naquela oficina recebiam a ideia do Museu em Santana do Cariri, assim como propiciar “ganchos” que engendassem uma discussão mais fervorosa.

¹²⁸ NUNES, Ana Ignez Belém Lima & SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**/ Ana Ignez Belém Lima Nunes, Rosemary do Nascimento Silveira. – Fortaleza: Liber Livro, 2008, p. 68-69.

Nesta etapa obtivemos respostas prévias dos discentes, como: “*lugar que guarda fósseis*”; “*lugar que guarda peças de anos atrás*”; “*serve para conhecer a nossa história*”; “*lugar histórico*”; “*Fonte de informações*”; “*É cultura*”; “*É arte*”; e “*É um patrimônio*”. Dentre outras características que embalaram a série de respostas sobre o que já tinham interiorizados em suas mentes sobre o equipamento em foco. Outrossim, também nos deparamos com respostas de discentes que afirmavam nunca terem visitado o Museu, mesmo sendo oriundos de escolas da cidade de Santana do Cariri, ou assertivas que diziam em que os pais repassavam o equipamento de maneira depreciativa, sem função alguma.

A partir disso, o que chamou a atenção foi a resposta dada por um dos discentes, ao afirmar que o Museu era um Patrimônio e questionados sobre o conceito, os mesmos responderam: “*porque ele é nosso*”; “*é uma herança deixada*”. Isso mostrou o valor que é atribuído ao equipamento por parte do alunado que o reconhece como lugar importante a partir dos saberes que carregam sobre o mesmo, bem como deu margem para iniciarmos uma discussão mais afinada sobre a Instituição.

Nessa linha de pensamento, comungamos com o que diz Pesavento no estrato:

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário (2004, p. 52).

Assim, seguindo o viés da autora acima, numa segunda etapa os alunos demonstraram por imagens ou por meio de narrativas suas visões sobre o Museu, retratando por estes artifícios o modo como o enxergavam. A ideia era tentar fazer que os mesmos elesgessem nas suas memórias algo que lhes chamasse a atenção e materializassem em um papel. A declaração partiria da seguinte frase: “*Eu vejo o Museu assim...*”, e por meio de narrativas ou ilustrações os mesmos situariam a dimensão que o museu abarcava em suas percepções.

Com base nisso, entendemos que:

Esse processo não é breve e nem tem um final, reúne história, conhecimento e demonstra em várias possibilidades a relação que um povo tem com o lugar que é identificado como extensão de si mesmo. Na perspectiva, todo espaço é sua casa, seu lar, seu lugar, uma significação de existência oferecendo peculiaridades, expressões de identidades, referência que, em conjunto, conferem ao lugar um sentido (MARTINS, 2015, p. 50).¹²⁹

¹²⁹ MARTINS, José Clerton de Oliveira. **Patrimônio cultural: sujeito, memória e sentido para o lugar**, p. 49-59. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**.

Na sequência apareceram as seguintes respostas: *“O Museu traz desenvolvimento para a cidade”*; *“O museu é muito visitado por pessoas de fora”*; *“O museu é importante para a cidade, pois traz turistas”*; *“o museu está repleto de histórias, acontecimentos importantes que serão lembrados para as gerações seguintes”*; *“um lugar que podemos conhecer mais sobre nossa região”*; *“um lugar exclusivo de Santana do Cariri, base de muitos estudos”*; *“como uma chave para desvendar o passado”*.

Nesse sentido, as narrativas foram demasiadamente importantes para esta etapa e surgiram diversos discursos que endossaram as discussões e chamaram bastante a atenção. Um destes dizia o seguinte: *“quando eu era pequeno, criei um museu de brincadeira com meu amigo. Nós íamos buscar pedras de peixe no Massapé, ele fazia uma casinha pequena de barro e pedra e nossos amigos iam visitar. Ele e eu éramos os guias e inventávamos as histórias”*¹³⁰.

Esta narrativa é interessante porque o discente buscou aportes de sua memória para consolidar algo no trabalho proposto na oficina. O Museu era representativo aos seus olhos, tanto que o fez em miniatura e reproduziu as explicações enquanto guias imaginários, sustentando a afetividade que tem com o equipamento. Nessa linha de raciocínio, comungamos com o seguinte:

Os lugares e símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos. Com vistas ao entendimento das múltiplas interpretações possíveis de serem realizadas no âmbito dos símbolos dos lugares, o símbolo sugere ser a parte significativa do todo (LIMAVERDE, 2015, p. 49).

Outra discente disse que *“via o Museu como fonte de informação, porque retratava a história do passado; como oportunidade, porque abria vagas para jovens conhecerem e ensinarem sobre a Paleontologia; como patrimônio, porque é nosso e encontrado no nosso município; e como turismo, pois dá renda e reconhecimento”*¹³¹.

Ela abrevia, de maneira contundente, a função do museu aos seus olhos, sendo um equipamento relevante em setores como economia, cultura, ciência e história e que se constitui como formador de uma identidade. Como diz Pesavento, *“as identidades são, no*

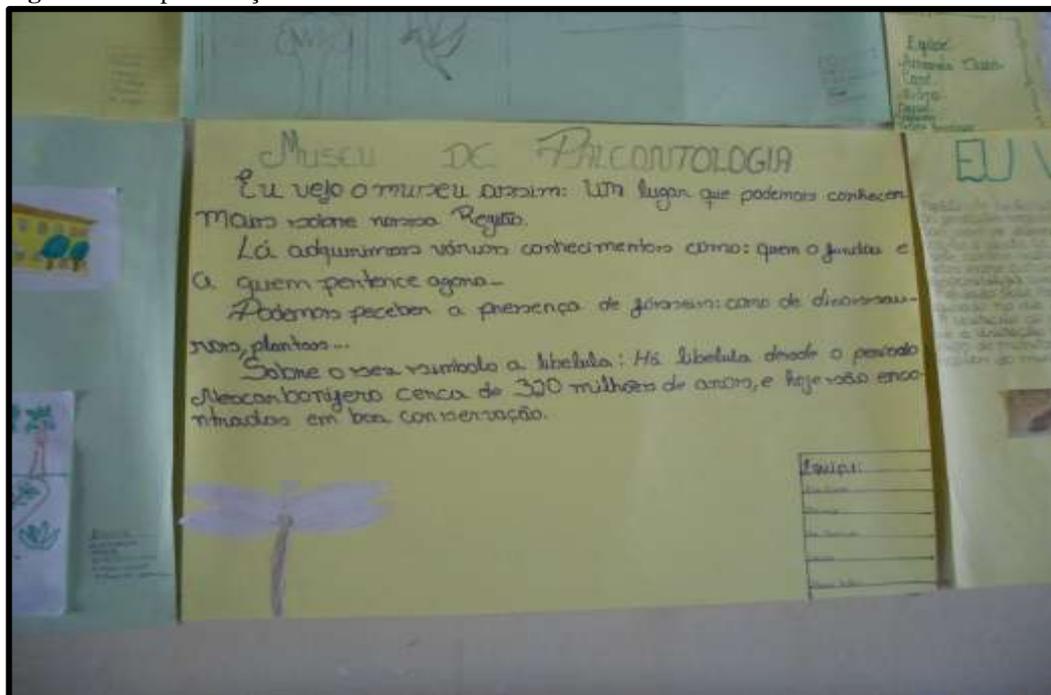
Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_Cadernos_do_patrimonio_educacao_patrimonial_volII.pdf. Acesso em 14 de janeiro de 2019.

¹³⁰ Narrativa apresentada pelo discente da EMEF Generosa Amélia da Cruz, DBSR.

¹³¹ Narrativa apresentada pela discente da EMEF Generosa Amélia da Cruz, NLS.

caso, ficções criativas que situam o indivíduo no espaço, no tempo, no social, mesmo no mundo” (2004, p. 55). Ademais, através de ilustrações também podemos notar a dimensão das respostas, como veremos abaixo:

Figura 14: Representações dos alunos sobre o Museu:



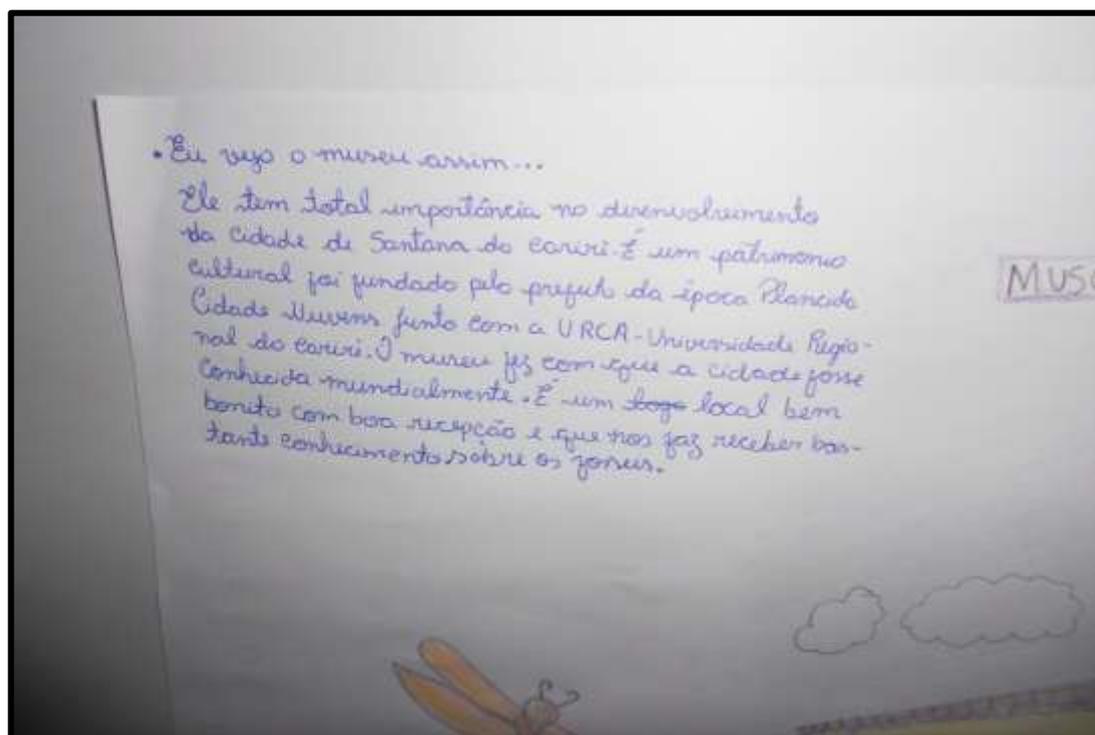
Fonte: Edilânio Rodrigues Macário

Figura 15: Representações dos alunos sobre o Museu



Fonte: Edilânio Rodrigues Macário

Figura 16: Retratos do Museu



Fonte: Edilânio Rodrigues Macário

Em seguida, visamos na terceira etapa desse processo, a montagem de um painel educativo sobre o Museu de Paleontologia com os escolares, em que os mesmos iriam expor numa cartolina suas produções acerca da atividade anterior a apresentar para os colegas participantes as suas produções. Este exercício seria de grande monta para a socialização da ideia que detinham antes de aprofundar a discussão sobre o tema, como também materializava suas posições até então sobre a matriz institucional.

Eis algumas das representações que foram atribuídas ao Museu e do processo de construção desse trabalho:

Figura 17: Alunos construindo suas visões sobre o Museu de Paleontologia.



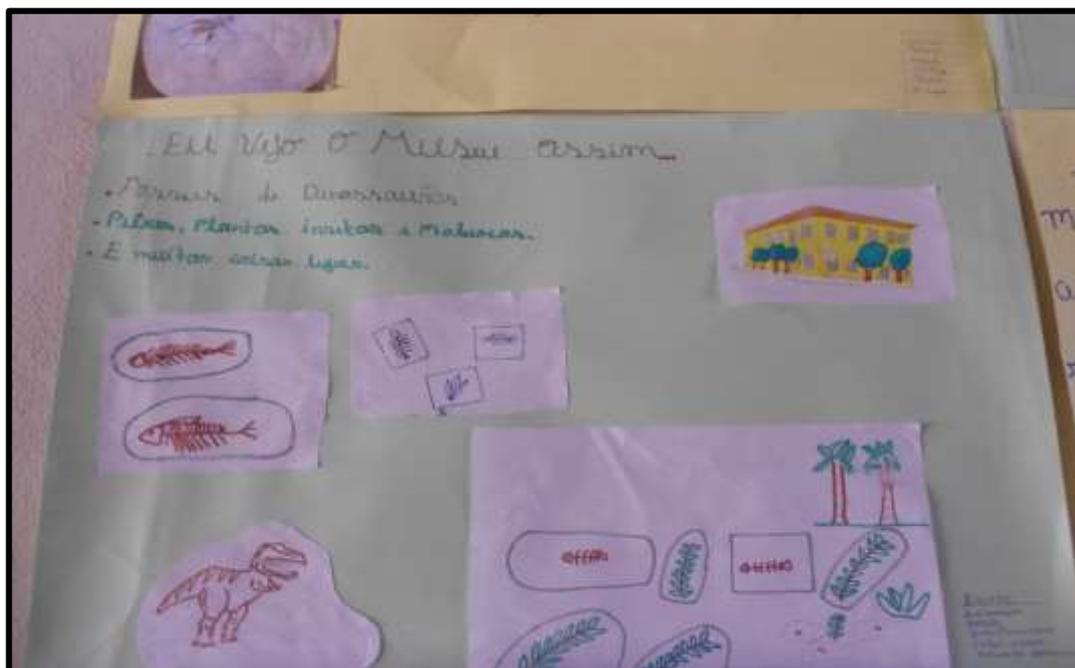
Fonte: Edilânio Rodrigues Macário

Figura 18: Alunos construindo suas visões sobre o Museu de Paleontologia.



Fonte: Edilânio Rodrigues Macário

Figura 19: Representações iconográficas do Museu pelos alunos.



Fonte: Edilânio Rodrigues Macário

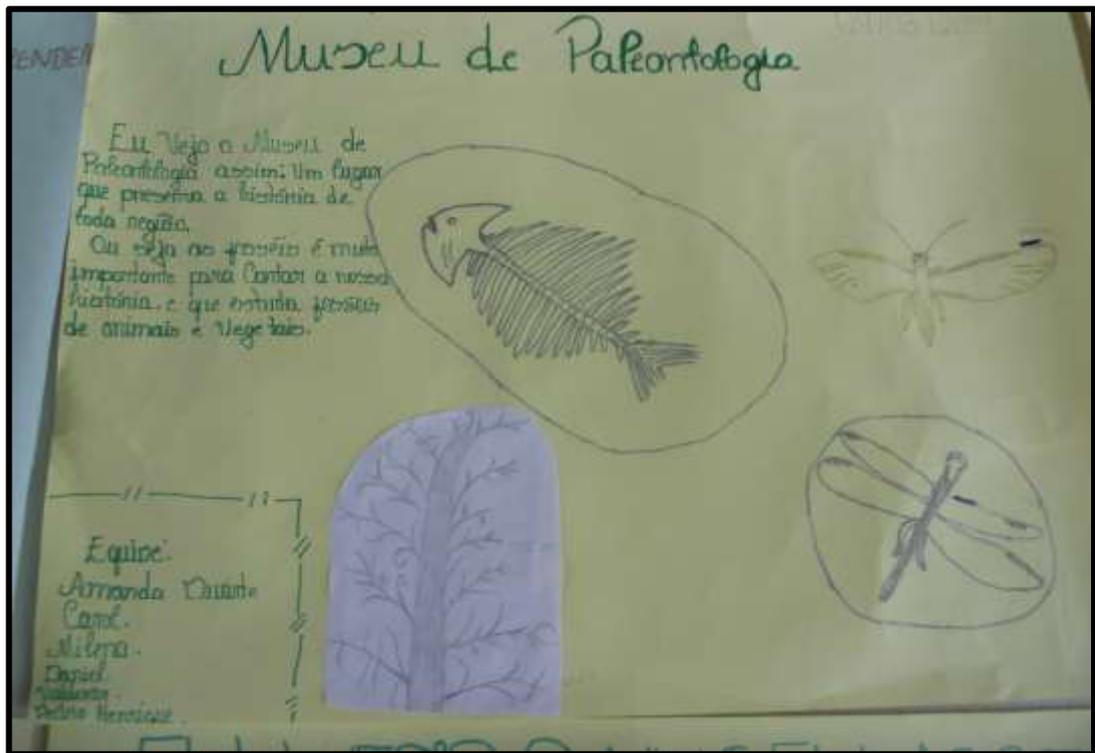
Na quarta etapa falamos sobre a educação patrimonial e a importância de sua preservação em Santana do Cariri, discorrendo sobre a função do Museu como equipamento de resguardo dos artefatos fossilíferos. Lembramos deste extrato de pensamento que se confunde com nossa proposta de estudo:

Se até meados do século XX, a preservação estabeleceu uma relação intrínseca com a “memória histórica” e a “memória oficial”, inegavelmente nas décadas finais deste milênio, os confrontos entre os sujeitos e as forças sociais hegemônicas também ecoaram no âmbito da proteção e do reconhecimento de bens culturais de diversas naturezas (OLIVEIRA, 2013, p. 65 *apud* PELEGRINI, 2007, p. 08).

Isso evoca um sentimento de quebra do saber difundido apenas pelos grandes heróis numa modalidade positivista e apresenta uma visão calcada nos saberes populares, que valoriza a educação não formal equivalente a este trabalho. Podemos observar nas iconografias dos discentes, diversas manifestações sobre o Museu, em diversas esferas, tais quais: a parte externa do prédio; o símbolo que representa o Museu; os fósseis (congregações calcárias) que o Museu resguarda, denominados por eles de “pedras de peixe”; plantas fossilificadas; bem como os dinossauros e pterossauros da região.

Em outras iconografias, podemos depreender o teor histórico a que atribuem o Museu:

Figura 20: Representações do Museu



Fonte: Edilânio Rodrigues Macário

Figura 21: Alunos apresentam painéis



Fonte: Edilânio Rodrigues Macário

Na sequência, uma apresentação da história do Museu foi exposta para os alunos, o que não deixou de ser trabalhado também as relações com a memória, a história e a educação patrimonial. Nessa etapa, notamos que a noção de Museu que aparecia para eles era um Museu que resguarda peixes fossilizados, um retrato do prédio após a reforma de 2008, bem como o símbolo do Museu que era representado pela Libélula.

Outros conceitos também estiveram presentes ali, como as subjetividades e as sensibilidades que devemos tratar o equipamento. Isso tudo associado às considerações que os escolares apresentavam e complementavam às discussões, sustentado suas posições firmadas sobre ele.

Essa etapa foi extremamente rica, pois possibilitou uma reflexão sobre a importância de proteção ao patrimônio histórico que nossa região é detentora, bem como outros conceitos que foram importantes nessa abordagem, a saber: patrimônio material e imaterial; os tipos de patrimônio local e regional; a importância de se proteger nosso patrimônio para as gerações futuras.¹³²

A identidade dos diversos sujeitos ganha ambiência sustentada na representação que o Museu é detentor:

Os sujeitos em seus espaços referem-se ao seu lugar amparados pelas referências que elaboraram e estas, por sua vez, amparam as respectivas construções simbólicas que expressam a história do lugar e as próprias de cada sujeito. Retirado do sujeito o que o identifica e o valoriza no lugar e em si, o lugar e o ser desqualificam-se, restando o desinteressante, o sem sabor e sem cheiro, apenas o lugar comum, onde nada é interessante (MARTINS, 2015, p. 57).

Para concluir, na 5ª etapa houve uma sinalização de ideias e considerações gerais em que ficou aberto para os discentes exporem suas prospecções com o Museu, tanto no âmbito escolar como os desejos para com o equipamento, em termos de expectativas sobre maiores ações efetivas a serem desenvolvidas. Os discentes fizeram alguns encaminhamentos para a tratativa com o Museu, respondendo à frase: O que se espera do Museu de Paleontologia?

É sintomático dizer que surgiram frases com os seguintes teores: *“o Museu devesse estar mais presente nas escolas”*; ou que *“o Museu gerasse mais emprego para a cidade”*; *“Mais conhecimento”*; *“Que esse patrimônio seja mais reconhecido”*; *“Que desperte mais conhecimento”*; *“Que as pessoas visitem mais para descobrir a história de Santana do*

¹³² Essa etapa do processo também contemplou uma reflexão sobre o Museu Nacional, o que despertou nos alunos um interesse pela discussão patrimonial, sobre o conhecimento do acervo que o Museu resguarda, dentre outras discussões que foram sendo trazidas para as oficinas.

Cariri”; “*Que é muito importante para a cidade*”; “*Que as pessoas continuem a preservar o Museu*”; “*Mais fôsseis*”; “*Inovações*”.

Diante disso, salta aos olhos que esta última etapa demonstrou a percepções dos alunos sobre a esfera museal que pulsa em Santana do Cariri a partir do olhar preliminar consumado com a oficina e orquestrou um interesse por parte dos discentes em conhecer melhor, valorizar e frequentar mais o equipamento.

O efetivo exercício dessa oficina serviu para demonstrar que os vários sujeitos presentes ajudam a construir uma memória histórica santanense a partir dos sentidos que dão ao lugar, que podem ser levadas a efeito na contemporaneidade. Assim, as várias manifestações que foram destacadas para o lugar se associou à partilha de saberes que todos detinham e que o erigem como um signo com grandes nervuras na cidade.

Não raro nos discursos, o desejo de aprimoramento desses saberes serviu para edificar um pouco suas construções pessoais e aprofundar suas relações no trato com o patrimônio, com a memória, com lembranças de momentos em que partilharam da história e da memória local. Nesse sentido, comungamos que a seguinte passagem:

Trabalhar com a memória é, sem dúvidas, um grande desafio que deve ser encarado com bastante atenção às peripécias do ato de lembrar, recordar, evocar a memória. E esse evocar é importante e interessante para se observar e conhecer a visão de segmentos populares sobre o trabalho, a sociedade, enfim o mundo a sua volta (OLIVEIRA, 2013, p. 59).

Por sua vez, isso sugere um reforço no sentimento de autoestima ligado diretamente ao Museu, aos sujeitos que ligam ao mundo a sua volta e significam tal lugar de memórias, pois corrobora com um saber construído e reconstruído ao longo dos diversos discursos. Em termos gerais, as oficinas não deixaram lugar à dúvida de que o Museu é um patrimônio local a ser valorizado; o despertar do interesse para o patrimônio em tela, como também para a reconstrução de pensamentos e propostas de trabalho que abarquem a discussão patrimonial de modo mais efetivo.

CONCLUSÃO

Ao pensar sobre a construção da memória histórica santanense a partir das representações lançadas ao Museu de Paleontologia, no recorte de 1985 ao ano de 2016, buscamos identificar os discursos que permeiam a região e que têm sido divulgados pelos narradores desta cidade e, em potencial, como ajudam a tecer esta memória no tempo.

A Instituição ajuda a construir a identidade do povo à medida que divulga sua função enquanto local de resguardo dos fósseis encontradas na região da Bacia Sedimentar do Araripe. Essa conotação simbólica é bastante relevante para se pensar na memória histórica local, visto que não há como construir algo dessa natureza sem tomarmos posse das identidades que são tecidas.

Esta dimensão é significativa no que toca à relevância dos fósseis para se conhecer a vida passada e ter acesso a tal conhecimento, qual seja imprescindível para a pesquisa e para a Ciência num âmbito geral. É imperioso salientar os debates visualizados na contemporaneidade, quais sejam, o contrabando de fósseis e as tentativas de inibição deste, traduzem uma conscientização histórica quanto ao destino que deva ser dado aos artefatos fossilíferos encontrados. Isso apareceu em diversos discursos tecidos ao longo das narrativas orais e foi problematizado por diversos sujeitos da pesquisa.

Todavia, faz-se necessário perceber que os problemas que afligem tal espaço perpassam muito mais que o contrabando. Nota-se uma teia maior de problemas, como desmatamento da Chapada do Araripe, por exemplo, que acaba destruindo parte da nossa fauna e flora existentes na região, ameaçando as jazidas fossilíferas de grandioso valor e o patrimônio ambiental que detemos.

Nessa biblioteca infinita de conhecimentos estão presentes diversas roupagens que se misturam para formar o Museu, alojando discursos híbridos e fermentados com aferro ou não ao equipamento. Os desdobramentos que se percebem na conjuntura que molda o Museu são campo férteis para se pensar memória, história e patrimônio, instigando a pesquisa e o conhecimento científico dentro do processo de construção.

Percebemos estes elementos nas falas dos narradores que se dispuseram a narrar seus pontos de vista sobre o Museu, emprestando seus discursos para construção deste trabalho. As narrativas orais foram contundentes em seu grau de crítica ou enaltecimento do equipamento, vez que estavam ali para materializar suas posições acerca do que lhes era lançado em questões.

Alinhado a tal, outro grande ponto a ser aprofundado e maior objeto de reflexão será a atuação pedagógica desta Instituição nas escolas do Município de Santana do Cariri, uma vez que os discursos colhidos imprimem um olhar que dá importância e atribuem significados simbólicos ao Museu de Paleontologia, mas impera também o discurso de distanciamento do Museu frente às escolas ou poucas ações desenvolvidas ao longo dos anos apontados no nosso recorte. Para muitos educadores, a atuação é falha e ínfima, o que caracteriza certo distanciamento da Instituição frente ao contexto educacional do município.

Nessa direção, entendemos que a educação patrimonial é tema-chave a ser implantado nas escolas municipais, visto ter nas terras santanenses tal espaço de memória e de história, que tem ajudado a construir bases para a produção do conhecimento, bem como sedimentado uma identidade em pleno Cariri cearense. A aventura de se estudar o Museu de Paleontologia se constitui como algo agradável e que avança nessa pesquisa como um desejo de implementação e contribuição aos equipamentos escolares e comunidade local, seja retocando alguns planos curriculares, seja dispondo de ações que aproximem essas Unidades educativas. Foi o que realmente planejamos, pois ao estudar e colocar em evidência tal Instituição, vimos a urgência de se pensar meios de aproximações e instigar os estudos deste e de outros temas ligados a patrimônio. Mas, claro, atendendo as demandas e aos contextos de cada realidade escolar.

Nessa linha, notamos um anseio de maior presença do Museu na escola, e as oficinas desenvolvidas nas unidades escolares deixaram claro o apreço e afeição dos alunos pelo Equipamento. Todavia, isso não foi uniforme nos discursos relatados, visto ter em algumas escolas discentes que nunca o visitaram, assim como docentes que desconhecem tal lugar e o tratam com desdém. Isso demonstra o quão deficiente foi a formação destes docentes em deixar de trabalhar e pensar um tema tão grandioso, bem como revela a distância que continuam tomando em relação ao conhecimento sobre o Museu, ratificando a desvalorização do equipamento por parte de muitos desses sujeitos do magistério.

Em síntese, buscamos nos reportar para a importância do Museu de Paleontologia na cidade, tentando analisar variantes que ajudassem a construir a memória histórica local, seja a partir dos discursos dos sujeitos que o valorizam enquanto tal, como também por parte daqueles que não o tem como tão relevante ali, mas que a partir desta desconexão já podem ser problematizados e buscar se perscrutar o porquê de tal negação. Tais memórias são de cunho fundamental para tecer a identidade e a memória histórica do lugar, a qual está em constante construção, reexames e redefinições.

Nesse sentido, encontramos suporte nas mais diversas esferas do conhecimento para embasar nossa pesquisa, as quais emprestaram conceitos que sustentaram temas trazidos à baila em todo o processo de escrita. Em sintonia com o que foi dito, notamos ainda que a escola deve ser encarada como um lugar de abertura para reflexão da práxis docente, como lugar de debate e de produção de conhecimentos, o que na sua grande maioria, tem se tornado algo incomum. O corpo educacional deve priorizar o desenvolvimento de ações que incentivem a pesquisa acerca de temas ainda esquecidos, como a educação patrimonial, que marcadamente forneça uma formação munida de conhecimentos e comprometida com o alunado, levando-os a saborear os caminhos da pesquisa.

Não sem razão, é preciso fomentar a atitude reflexiva como práxis permanente dos profissionais da educação, pois é fundamental que estes estejam constantemente se reavaliando, ancorados na teoria e fazendo esta cada vez mais presente na prática educativa. É lícito considerar que esta prática se forme enquanto produtora de conhecimento de docentes e discentes e que valorize a gestão democrática, rompendo o cenário desértico que permeia muitas relações entre estes sujeitos: gestão, docentes e discentes.

Em vista disso, notamos que a partir dos teóricos apresentados aqui que a memória é constituída a partir de várias vozes e esse Museu conjuga várias mãos na sua formatação. Ele assume posição favorável para a educação santanense, pois os discursos são similares e não deixam de aparecer a palavra “importante” na sua grande maioria. Entretanto, apesar de ser importante, tal vocábulo não parece fazer sentido para a grande parte da população, pois enquanto instituição de poder, de conhecimento, deve buscar interagir mais e apresentar-se enquanto motor de saberes para a comunidade.

Enquanto a sua posição de *hardware*, o Museu detém vários *softwares* para construir a memória histórica local, ora requerendo aproximações, ora perpassando a longas distâncias. Assim, esse sentimento de pertencimento à cidade converge para o pensamento de que os sujeitos possam estabelecer laços que considerem o contexto histórico em que estão inseridos, valorizando os saberes que são trazidos por todos que compõem o espaço educativo.

Nessa direção, cabe dar importância ao que já foi desenvolvido pelo Museu, que, em larga medida, proporcionou vivências expressivas em algumas escolas que pudemos dialogar. O espaço que já era central, enquanto bar da cidade, nasceu como corpo de resistência local aos problemas ligados ao tráfico de fósseis e deve permanecer vivo como tal, permanecendo na comunidade local como espaço de pesquisa, como lugar de atuação efetiva nas Unidades escolares, como ponte de conhecimentos e aprendizagem. E, nesse sentido, a interatividade como as escolas é essencial.

O Museu deve ser visto como resistência, como escudo de defesa do território, dentro de várias arestas: ambiental, cultural, histórica, como também educacional. Deve atuar como algo que traz a perspectiva de agregar maiores ações nas escolas, pois só assim estará corroborando com a materialização de um sonho de determinado sujeito ao ver seu feito se tornar efetivo, inclusive no contexto escolar.

Com isso, evidencia-se o papel do Museu na produção de sentidos e leituras diferentes no tempo. Nossa preocupação aqui foi exatamente perceber quais sentidos estavam sendo incididos ao Museu tanto por sujeitos que estavam na cena escolar, quanto outros fora dela, mas que carregavam um tratamento especial para com o prédio, equalizando estes sentidos. Essa união de discursos incluiu tanto demonstrações de apreço, como também críticas, o que nos fez enveredar pelos caminhos que a memória propicia, em seus aspectos coletivos e heterogêneos.

Destarte, “aqui se percebe a memória como uma habilidade, da qual o ser humano é dotado, de guardar informações e, dessa forma, o guardar informações torna-se, também, um conservar o passado e a história (OLIVEIRA, 2013, p. 53).

Outrossim, na formação da identidade santanense, o Museu tem se projetado de forma dinâmica, pois nas narrativas colhidas, notamos que alguns depoentes experimentaram um sentimento de afeto muito grande pela ligação com o equipamento, enquanto outros acabam relegando o prédio sem dar muita atenção, sem apreço e sem afeto. Ou seja, são diversos “textos” a serem lidos e significados à luz do olhar do pesquisador, que os seleciona e os insere a depender do seu interesse e dos problemas investigados.

Nesse arco de discursos, entendemos também que o Museu não dispensa o foco de historicidade do prédio, que conta com sua dimensão de importância para decodificação do que se tornou hoje, mas que precisa ainda ser incorporado de maneira mais taxativa dentro do ambiente escolar. O Museu é detentor de vários signos que se formatam ao longo do tempo e do espaço, pois as visões que se constroem sobre seu papel são inconstantes, mutáveis e dinâmicas.

A ressonância que este trabalho obteve nas escolas foi de grande monta, pois os diretores receberam de maneira amistosa as intervenções que pensamos em desenvolver, como também os docentes e discentes que participaram das oficinas. Essa presença do trabalho na escola demarca a solidez com que o Programa de Mestrado Profissional em Educação da URCA traz em seu bojo, e se reflete numa prática desenvolvida *in-loco* pelos estudantes, extrapolando os muros da academia e inserindo intervenções sintomáticas na educação básica.

Em comunhão com isso, percebemos nessas atividades, que a vida presente no equipamento em apreço foi transportada para a cena escolar, numa dimensão educativa que vislumbrava repassar lições derivadas daquela prática e isso foi inconteste. A operação dessa pesquisa na escola decorre de uma necessidade de deixar algo além do trabalho escrito, comportando a preocupação em ter um contato próximo com o alunado, bem como de se apropriar do conhecimento que estes detinham sobre o Museu de Paleontologia.

A produção de um Jornal Digital servirá de marca a ser impressa em cada escola e nas mãos de cada sujeito que contribuiu com a pesquisa, na tentativa de estender tal trabalho dissertativo, bem como situar dentro do município uma forma dinâmica e prática de se trabalhar tal instituição. Isso demarca lugar para se entender a educação patrimonial e os estudos sobre sua importância, incluindo o Museu, mas podendo ser aplicado aos diversos patrimônios materiais e imateriais presentes em Santana do Cariri.

Isso abarca e suscita perspectivas de estudos maiores sobre o Museu, sobre outros tipos de patrimônio locais que podem ser problematizados, como também investigações que possam aproximar escola, educação e o Museu, assim como dar protagonismo e vez ao alunado. Além disso, permite o surgimento de novos projetos que possam ser ampliados e sedimentados nas escolas do município, pois o Museu é um lugar complexo, amplo e que pode se desdobrar em vários campos.

Em síntese, fomos orientados por um olhar metódico e disciplinado no ideal de repassar algo aos escolares e assinalar nossa presença enquanto acadêmicos de um Mestrado Profissional no cenário educacional em Santana do Cariri-CE. Portanto, navegar nessa pesquisa nos permitiu aprender e compreender que podemos deixar algo positivo para nossa comunidade a partir de uma experiência diferenciada e que visasse simbolizar o Museu por diversos ângulos e formas. Esse equipamento é construído e distribuído por várias narrativas, mutáveis no tempo, mas que constroem uma memória histórica local, suscetíveis a investigações e aprofundamentos maiores que se delineiam no tempo e no espaço.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f.

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim et al. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Reflexões sobre a Educação Patrimonial e experiências da diversidade cultural no ensino de História**, p. 56–68. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

BARROS, José D'Assunção. **História e memória- uma relação na confluência entre tempo e espaço**. In: Mouseion, Vol.3, nº 5, Jan-Jul / 2009. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf>. Acesso em 9 de maio de 2018.

BLOCH, Marc. **A apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 2002 pp. 41-50.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 1997.

BRITO, Willian. **Os fósseis de Santana**. IN: A cultura popular no Cariri. Crato: Academia dos cordelistas do Crato, 1996. disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=63285>>. Visitado em 20 de dez. de 2018.

BURKE, Peter. **O mundo como teatro**. Estudos de Antropologia Histórica, Lisboa: Difel, 1992. pp. 234-251.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Peter Burke; tradução Sérgio Goes de Paula. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p.32-43.

CALABRE, Lia. **Diálogos sobre o patrimônio: Estado e sociedade em ação**, p. 159-168. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

CARVALHO, Gilmar Medeiros de. **Cultura e memória**. São Paulo: Annablume, p.76-88, 1998.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines. **Informação, ética e museu: uma aproximação conceitual**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.6 n.2 abr/05 (2005). Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf_e9fc1f765f_0011605.pdf>. Acesso em 4 de janeiro de 2018.

CAVALCANTI, Rúbia Micheline Moreira. **História e Meio Ambiente: Geossítios, Ensino, Turismo e Desenvolvimento Local**. Crato, 2012.

CEARÁ, LEI N°13.465. Disponível em:

<<https://www.secult.ce.gov.br/patrim%C3%B4niocultural/legisla%C3%A7%C3%A3o/geral/Nova%20Lei%20Estadual%20do%20Patrim%C3%B4nio.pdf>> Acesso em: 20 de nov. 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**/Bernard Charlot. Peter Burke; tradução Sérgio Goes de Paula. 2.ed. ver. e ampl.. Rio de Janeiro: culturais e práticas pedagógicas. 2. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. Editora Cortez, 2013.

CIDRÃO, Raimundo Sandro. **Ainda Resgatando**. Santana do Cariri, dez. 2001, (FNT).

CIDRÃO, R. S. **Biografia da Menina Benigna**. Disponível em:

<http://jovembenigna.blogspot.com/p/biografia-da-jovem-benigna.html>. Acesso em 05 de junho de 2019.

COSTA, Áurea. **A proletarianização do professor: neoliberalismo na educação**. Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.

DE OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Temp (l) os de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX)**. Saeculum—Revista de História, n. 16, 2007. Visitado em 20 de dez. de 2018.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de antropologia, p. 13-37, 1996.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, C.R. **Da flor da terra aos guerreiros cariris: representações e identidades do Cariri cearense (1855–1980)**. Dissertação de mestrado. Campina Grande, PB: 2014.

FILHO, Vagner Silva Ramos. **Intelectuais, memória e cultura: o registro do patrimônio imaterial no Ceará**. In: XXVII Simpósio Nacional de História da UFRN, 2013, Rio Grande do Norte. Anais Eletrônicos. RN, UFRN, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371305199.ARQUIVO_Intelectuais,Cultura_e_Memória_ANPUH_revisado.pdf. Acesso em 10 de maio de 2018.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais**, p. 2-30. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação Patrimonial: um processo de mediação**, p. 22–30. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes e práticas necessários à prática docente**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GAL, Roger. **História da Educação**/ Roger Gal (tradução Álvaro Cabral), 1ª edição brasileira-- São Paulo: Universidade hoje, 1989.

GARDNER, George, 1812-1849. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841; tradução de Milton Amado, apresentação de Mário Guimarães Ferri**. Belo Horizonte, ED. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 99-122.

GEOPARK ARARIPE. **Relatório de Gestão**. Crato: Geopark Araripe/URCA, 2015 (Mimeo). Disponível em: <http://www.gr.unicamp.br/penses/wp-content/uploads/2016/04/GeoPark-Araripe.pdf>.

HISTÓRICO DOS MUSEUS NO BRASIL, acessado em: <http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=7518>. No dia 17 de maio de 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010. Cidades do meu Brasil**. Disponível em: <<http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/CE/santanadocariri>>. Caracterização da cidade de Santana do Cariri – CE. Fonte IBGE, 2010. Acessado em 20 de junho de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). Acesso em <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/139x.htm>>. Visitado em 29 nov. 2018.

JASPER, André. **Legislação para exploração (Mineração) e venda de fósseis: caracterização da realidade brasileira**. Geonomos, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.igc.ufmg.br/geonomos/PDFs/1.06_Jasper_38_40.pdf>. Acesso em 4 de janeiro de 2018.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Imprensa Universitária, UFC, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Ivone Ferreira et al. 5ª. Ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LIMA, Flávia Fernanda et al (Orgs). **Geopark Araripe: História da Terra, do Meio Ambiente e da Cultura**. Governo do Estado do Ceará; Secretaria das Cidades: Projeto Cidades do Cariri Central, Fortaleza, 2012.

LIMA, Samira Bandeira de Miranda. **Educação Patrimonial é Mais Educação!** p. 52–56. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

LIMA JUNIOR, Francisco do Ó de.; et all. **Geopark Araripe e determinações territoriais na gestão do desenvolvimento urbano-regional no sul do estado do Ceará**. Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2017.

LIMAVERDE, R. **Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe**. Tese de doutorado, Coimbra: 2015.

LONDRES, Cecília. **O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações**, p. 14–22. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

MAGALHÃES, F. **Museologia, Ecomuseus e o Turismo: uma relação profícua**. Revista Antropológicas, n. 7, p. 211-224, 2003.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siliciana, 1995. pp.45-49.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. **Patrimônio cultural: sujeito, memória e sentido para o lugar**, p. 49-59. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Memória e ficção**. RESGATE-Revista Interdisciplinar de Cultura 1.3 (2010): 9-15.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. pp.9-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>. Acesso em 4 de janeiro de 2015.

MERILLAS, Olaia Fonta. **La Educación Patrimonial: de la rentabilidad social a la rentabilidade identitaria**, p. 33-46. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

MITRE, Antônio. **O dilema do Centauro: ensaios de teoria da História e pensamento latino-americano**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos**. 2006.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n.10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima & SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos/** Ana Ignez Belém Lima Nunes, Rosemary do Nascimento Silveira. – Fortaleza: Liber Livro, 2008, p.68-69.

OLIVEIRA, A.F.B. de. **Feira livre de Bodocó: Memória, Africanidades e Educação**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza-CE, 2013.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. **História, memória e a construção de enunciados: algumas reflexões teóricas**. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300924164_ARQUIVO_Historia,memoriaaconstrucaodeenunciados-algumasreflexoesteoricas.pdf. Acesso em 15 de maio de 2018.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ORÍÁ, Ricardo. **Educação patrimonial: conhecer para preservar**. Disponível em: www.portaleducacional.com.br. Acesso em: 10 mar. 2007. Biblos, Rio Grande, 22 210 (1): 199-211, 2008.

ORÍÁ, Ricardo. **Memória e Ensino de História**. In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, p.128 – 148. (Repensando o Ensino).

PACHECO, Ricardo Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de História**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, Vol. 30, n° 60, p. 143-154, 2010. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a08v3060.pdf. Acesso em 11 de maio de 2014.

PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado**. In: DPH. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p.25-28.

PEREIRO, Xerardo. **Globalização e museus: relações transfronteiriças**. CETRAD-Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.7-19.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINHEIRO, A. R. S. **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial** / Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_Cadernos_do_patrimonio_educacao_patrimonial_volI.pdf. Acesso em 14 de janeiro de 2019.

PINHEIRO, Ana da Paz. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras; **Educação e Patrimônio histórico-cultural**. Porto alegre, FAPA, n. 27, jan/jun.2000.

PINTO, Júlio Pimentel. **Os muitos tempos da memória**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442 17 (1998). Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11146/8177>. Acesso em 26 de outubro de 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº. 3, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Revista de Estudos Históricos Nº. 10 – Teoria e História. Ano 1992/1. Revista do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e poder**. In: Mnemosine.Vol. 6, nº 02, pág. 02-13, 2010. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=Hist%C3%B3ria+Oral+e+poder&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5> Acesso em 11 de maio de 2018.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 15, 1997.

PRIMO, Judite Santos. **Pensar contemporaneamente a museologia**. 1999.

QUEIROZ, Ivan da Silva. **A metrópole do Cariri: institucionalização no âmbito estadual e a dinâmica urbano-regional da aglomeração do Crajubar**. Tese de Doutorado, 2013.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**. 1º edição. Chapecó: Argos (2004).

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no cariri cearense: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX**. Tese de doutoramento. Fortaleza, CE: 2014.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Trabalhadores no agrário no Cariri cearense oitocentista**. In: II simpósio do Maranhão Oitocentista. São Luís, 2011.

RIBEIRO, Emerson; DA SILVA, Josier Ferreira. **A importância do PIBID/URCA para a região do cariri: arte, cultura e a geografia em instalações geográficas**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID9227_13082016171217.pdf. Visitado em 20 de dez. de 2018.

RIBEIRO, Renilson Rosa. **Nos jardins do tempo: memória e história na perspectiva de Pierre Nora**. História e-história. Campinas, São Paulo: UNICAMP, ago.2004. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=11>. Acesso mar. 2018.

SALES, A.C. **Narrativas sobre o culto à cruz da baixa rasa em Crato/Ce: Sensibilidades mimetizadas**. Dissertação de mestrado. Campina Grande, PB: 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção pensamento e ação na sala de aula).

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. **A cidade e o patrimônio histórico**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

SILVA, Luís Gustavo. **Os novos museus como subterfúgio da imagem da cidade e o turismo**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1120-2.pdf>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2015.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. **Os historiadores e os “fazedores” de história: lugares e fazeres na produção da memória e do conhecimento histórico contemporâneo a partir da influência midiática**. Opsi 7.9 (2010): 187-198. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsi/article/view/9337/6429#.WrWMAmrwbIU>>. Acesso em 20 de março de 2018.

TARGINO, Maria Ivonilde Mendonça. **Relatos orais e a construção da memória na 'Cartilha do Patrimônio'**-Centro Histórico inicial de João Pessoa. **Saeculum—Revista de História**, n. 18, 2008.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. **A educação patrimonial no ensino de história**. Rio Grande: Biblos, 2008. Disponível em: <[http://pakademicsearch.com/pdf-files/art/135/199-211%20v.%2022,%20n.%201%20\(2008\).pdf](http://pakademicsearch.com/pdf-files/art/135/199-211%20v.%2022,%20n.%201%20(2008).pdf)>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Caderno temático de educação patrimonial 2. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendia do Iphan na Paraíba, 2012.

WHITAKER, Thelma Maria Grisi Velôso. **Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005.

FONTES/ DOCUMENTAÇÃO ORAL CONSULTADA

ALENCAR, A.R. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [10 outubro de 2018] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

BATISTA, M.M. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [10 de maio, 2015]. Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

BRAULIO, LPA. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [15 dezembro de 2018] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTANA DO CARIRI. Disponível em: <http://www.camarasantanadocariri.ce.gov.br/acamara.php>. Acessado em 12 de dez. 2017.

CHICO JÚNIOR IECOM. *Museu de Paleontologia - Dr. Plácido Cidade Nuvens*. Publicado em 13 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Llc5U4oxmzk>. Acesso em 28 de fevereiro de 2019.

DE ALENCAR, MCG. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [02 de fevereiro de 2019] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

FELIPE, J. *Fósseis de Santana*. Santana do Cariri-CE, 10 de maio de 2012, documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zituO5xdZz4>. Acesso em 15 de março de 2017.

FERNANDES, MMG. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [02 de fevereiro de 2019] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

G geopark araripe. *Museu de Paleontologia da URCA*. Crato-CE, site. Disponível em: <http://geoparkararipe.org.br/museu-de-paleontologia-da-urca/>. Acesso em 16 de março de 2017.

IPECE- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Disponível em <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/139x.htm>. Acessado em 29 nov 2018.

JUSTINO, M.L.A. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [15 dezembro de 2018] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

MATIAS, CAP. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [02 de fevereiro de 2019] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

MOURA, ALF. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [15 dezembro de 2018] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

MUSEU DE PALEONTOLOGIA. Santana do Cariri-CE, blog. Disponível em: <http://museudepaleontologiaurca.blogspot.com.br/>. Acesso em 16 de março de 2017.

NEVES, AJL. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [16 dezembro de 2018] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

NUVENS, PC. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [15 de janeiro, 2014]. Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

PEREIRA, TR. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [13 de março, 2015]. Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

ROQUE, GL. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [02 de fevereiro de 2019] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

SALÚ, ATO. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [15 dezembro de 2018] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

SANTOS, IT dos. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [13 de março, 2015]. Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

SILVA, JL. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [15 dezembro de 2018] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

SILVA, JVP. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [02 de fevereiro de 2019] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

SILVA, MAL. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [29 de março, 2015]. Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

SILVA, RL. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [15 janeiro de 2019] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

SOUZA, ASC de. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [13 de março, 2015]. Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

XAVIER, E.R. *Balaio Brasil*. Santana do Cariri- CE, 26 de março de 2013, documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NyepkhZ63a4>>. Acesso em 15 de março de 2017.

XAVIER, MTF. *A construção da memória histórica santanense a partir da atuação pedagógica do Museu de Paleontologia (1985-2016)*. Depoimento. [15 dezembro de 2018] Santana do Cariri, CE. Entrevista concedida a Edilânio Rodrigues Macário.

APÊNDICE A- Questionários das entrevistas

1. Qual a importância do Museu de Paleontologia para Santana do Cariri?
2. Você conhece os fósseis presentes no Museu de Paleontologia?
3. Em sua opinião, o que eles representam?
4. Qual a relação do Museu de Paleontologia com o turismo?
5. Descreva seu ponto de vista sobre o contrabando das “pedras de peixe”, popularmente conhecidas.
6. A escola já desenvolveu algum projeto envolvendo o Museu de Paleontologia?
7. Que ações você aponta como importantes para interligar o Museu com as escolas do município?
8. Quais os desafios e dificuldades nessa ponte das escolas com o Museu?
9. Há uma relação entre as escolas do município e o Museu de Paleontologia? Qual?
10. Como você descreve a experiência de trabalhar no Museu? Quais laços você mantém com este monumento?
11. A sua escola já desenvolveu algum projeto voltado para o Museu de Paleontologia?
12. Que reflexão final pode ser feita sobre o Museu?

APÊNDICE B: PRODUTO EDUCATIVO ELABORADO

MUSEU DE
PALEONTOLOGIA
EM FOCO:
experiências de uma
pesquisa de Mestrado
Profissional em
Educação

*Edilânio Rodrigues Macário
Josier Ferreira da Silva*

Ao ser selecionado na primeira turma do Mestrado Profissional em Educação da URCA, acabei me detendo a uma suposição dentro do projeto de mestrado ao hipotetizar que poderíamos construir uma memória histórica santanense a partir da atuação do Museu de Paleontologia na cidade e também encontrar diversos discursos que pavimentassem essa memória tanto na educação formal quanto informal. O anseio pessoal em trabalhar com diversos sujeitos que lançassem suas visões para o Museu e destacassem suas visões pessoais, a fim de se identificarem com esse patrimônio, dentre os quais envolveriam educadores, estudantes, moradores da cidade e ex-moradores. Esse foi o veículo que me motivou a dar prosseguimento a tal estudo e aprofundá-lo pensando na contribuição que deixaria para a produção do conhecimento local e implementação do estudo mais aprofundado sobre o patrimônio. A intenção é aproximar o campo de estudos presente nas escolas com a temática da educação patrimonial, buscando incorporar o tema no tratamento dentro do currículo educacional das escolas do município e formando um material que desse aos nossos professores uma maneira lúdica de abordar este tema dentro de suas aulas.

UM POUCO DE HISTÓRIA



A história do Museu de Paleontologia de Santana do Cariri teve início por volta de meados da década de 1950, cuja década em tela abrigava na cidade um estabelecimento comercial conhecido como Bar Cidade, de propriedade do Sr. Antônio Cidade.



Nesse particular, o estabelecimento foi reformado em 1980, passando a ser o Museu de Paleontologia da URCA, o qual foi criado formalmente em 1985, pelo projeto de Lei Nº 173/85, de 18 de Abril de 1985, do Sociólogo e prefeito do município na época, Dr. Plácido Cidade Nuvens. Logo abaixo vemos um documento que confirma o projeto de lei de criação do Museu.



Nessa linha, o Museu foi inaugurado em 26 de julho de 1988, quando ocorreu a doação efetiva à URCA (Universidade Regional do Cariri), no ano de 1991, passando a integrar a estrutura da Universidade como núcleo de pesquisa e extensão. Podemos notar as fachadas dos prédios que abrigaram o Museu em seu histórico, passando por reformas até a atual configuração em que se encontra.

PARA REFLETIR

A Educação Patrimonial vem com o intuito de desmistificar o senso comum, fazendo com que os estudantes, as comunidades em geral percebam a sua casa, sua escola, o seu bairro como patrimônios culturais pertencentes a sua história. É sempre mais fácil e cômodo dar valor e significado ao que está distante de nós, e muitas vezes o que está próximo torna-se invisível e não é digno de ser valorizado e preservado (TEIXEIRA, 2008, p. 206) (Grifos nossos).



1991



1997



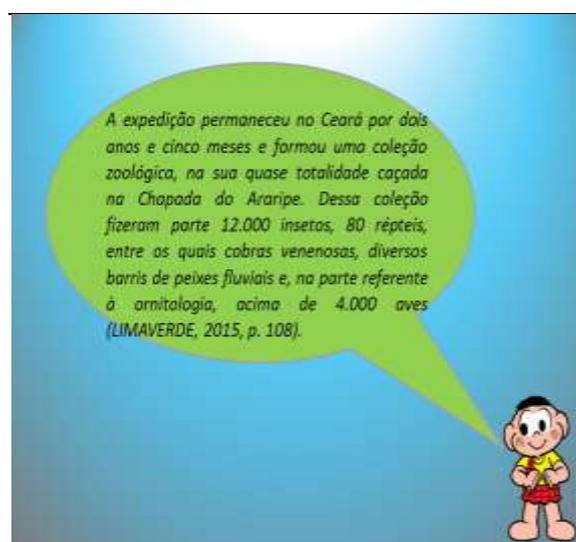
2008



2019

ALGUMAS CURIOSIDADES

Os fósseis resguardados pelo Museu de Paleontologia já eram vistos por viajantes que passavam por Santana no século XIX, a saber, o pesquisador George Gardner¹³³. Tal passagem pode ser autenticada na sua caminhada por Santana neste período, como vemos no relato: “Cerca de uma légua passamos por uma pequena povoação chamada Santana, com meia dúzia de casas e uma igrejinha” (GARDNER, 1975, p. 111). Leia o trecho abaixo:



CORDEL “OS FÓSSEIS DE SANTANA”

Quem no mundo se interesse
por paleontologia
se o Cariri não conhece
tá cometendo heresia
nossos fósseis são famosos
deles somos orgulhosos
pois eles podem provar
que as terras do meu sertão
ainda antes de Adão
tava no fundo do mar.
Nossos fósseis documentam
o cretáceo inferior,
flora, fauna representam
com absoluto primor.
Seja o mundo invertebrado,
seja o mundo dos cordados,
peixes temos de montão
junto com os pterossauros
outros tantos dinossauros
extintos na evolução.

Willian Brito cad. n° 01¹³⁴

¹³³ Foi Gardner (1840) o pioneiro desses estudos ao trazer para o mundo científico as primeiras comunicações relativas à fauna da Chapada do Araripe, divulgando os peixes fósseis (LIMAVERDE, 2015, p. 108).

¹³⁴ BRITO, Willian. *Os fósseis de Santana*. IN: A cultura popular no Cariri. Crato: Academia dos cordelistas do Crato, 1996. Disponível em:

VOCÊ SABIA?

Logo abaixo podemos ver uma importante simbologia do Museu, a libélula, que é um fóssil escolhido como representativo para o Museu. A escolha se deu, em princípio, pelo seu excelente estado de conservação da peça e também para diferenciá-lo do status de outros Museus de Paleontologia mundiais existentes, já que priorizam, em sua maioria, dinossauros ou peixes como seus símbolos.



Libélula *Chordulagomphus araripensis*¹³⁵

ENTREVISTA

Esta seção visa apresentar algumas entrevistas que foram feitas com diversos educadores, os quais demonstraram através de algumas questões, suas visões sobre o Museu de Paleontologia. Vamos ler?

QUAL A IMPORTÂNCIA DO MUSEU PARA SANTANA DO CARIRI?

(...) A importância do museu se dá, primeiro, para a Paleontologia. Há peças aqui que não há em nenhum lugar do mundo. (...) São os fósseis mais bem preservados do mundo, encontrados na Bacia Sedimentar do Araripe (...). Essa é a visão científica. (...) Se não existisse o Museu de Santana, haveria, segundo o professor Plácido, uma “sangria desatada”, que seria os fósseis saírem de Santana e jamais voltarem. (...) Tem um lugar pra expor esses fósseis, (...) traz pessoas de fora

<<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=63285>>. Visitado em 20 de dez. de 2018.

¹³⁵ Fonte: GEOPARK ARARIPE. Relatório de Gestão. Crato: Geopark Araripe/URCA, 2015 (Mimeo). Disponível em: <http://www.gr.unicamp.br/penses/wp-content/uploads/2016/04/GeoPark-Araripe.pdf>.

para cá, de vários lugares do mundo... e lugares “desenvolvidos” (...). O Museu é o centro.¹³⁶

(...) O museu tem como intuito (...) não só expor os fósseis que são encontrados na região, assim como também é fonte de pesquisas (...) muitas pessoas vêm de fora pra pesquisar, e como é de total relevância para se saber e conhecer o passado, nosso passado, da região, né? O nosso passado, que está contado nas rochas que são encontradas e nos fósseis da Bacia Sedimentar do Araripe.¹³⁷

(...) O museu abre um leque de oportunidades no campo de pesquisa para Santana. É importante porque é uma parte da Universidade Regional do Cariri- URCA, por conta que valoriza o turismo paleontológico e que traz, amplia a nossa economia.¹³⁸

QUE DESAFIOS PODEM SER APONTADOS NO TRABALHO COM O MUSEU?

(...) A gente sabe do contrabando. É uma coisa muito disfarçada, escondida, mas que a gente sabe que tem (...) Muitas pedras são desviadas. A gente tem uma lei municipal que proíbe o contrabando. E também uma federal. Eu acho errado, porque o município perde, nossos valores vão embora, Santana é conhecida mundialmente por conta dos fósseis, da história paleontológica.¹³⁹

(...) É uma atividade que põe em risco a questão conservação dessas espécies, pois muitas estão espalhadas pelo mundo por conta dessa atividade. Isso ameaça a consolidação desse patrimônio aqui. Conservação do patrimônio dos fósseis daqui. A minimização dessa prática faz com que os fósseis sejam preservados. (Grifos nossos).¹⁴⁰

(...) Desde quando eu trabalhava no museu, a gente sempre era orientada a quando chegasse algum visitante querendo comprar o fóssil, dizer que era contra a lei, no caso dos acervos geológicos que pertencem ao Brasil, e que não deve ter retirado do solo sem autorização prévia. Teria que dizer, que é um patrimônio. Resumindo em poucas palavras: a meu ver é um crime, tanto patrimonial, quanto ambiental.¹⁴¹

(...) As escolas, geralmente, têm essa mentalidade. O museu é aqui de Santana, o que vamos buscar no Museu? Pra maioria, o pessoal não sabe a importância. O ideal é que as escolas venham pra cá, que venham para ter essa companhia e essa ligação com o museu. E é isso que a gente quer tanto na semana dos museus como do aniversário.¹⁴²

¹³⁶ Entrevista realizada com a narradora PCN no dia 15 de janeiro de 2014.

¹³⁷ Entrevista realizada no dia 29 de março de 2015 com a estudante de Geografia da Universidade Regional do Cariri, ex-moradora da cidade, MALS.

¹³⁸ Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, no dia 15 de dezembro de 2018.

¹³⁹ Entrevista realizada com o professor da EMEIEF Generosa Amélia da Cruz, LPAB, no dia 15 de dezembro de 2018.

¹⁴⁰ Entrevista realizada com a professora MCGA no dia 02 de fevereiro de 2019.

¹⁴¹ Entrevista realizada com a professora CAPM no dia 02 de fevereiro de 2019.

¹⁴² Entrevista realizada com a Guia do Museu, MTFX, no dia 15 de dezembro de 2018.

MUSEU E DEFINIÇÃO DE PROFISSÕES

(...) Meu trabalho de guia iniciou em janeiro de 1994, quando em dezembro de 1993 eu passei no vestibular da URCA e fui convidada por Plácido Cidade Nuvens a trabalhar como guia; e trabalhei de 1994 até... (pausa para contar nos dedos o tempo trabalhado) 1999. Cinco anos. Lá eu tive a oportunidade de trabalhar e tive a ajuda de Plácido para estudar. Trabalhava, entrava oito horas da manhã até meio dia, de terça a domingo. Ele me dizia que eu tinha direito de trabalhar e estudar e não perder nenhuma disciplina no curso.¹⁴³

(...) Foi o pontapé inicial para o que eu sou hoje. Porque eu comecei aqui ainda era adolescente, na 8ª série, no ensino fundamental na época, e fiquei até o ensino médio e isso me motivou a fazer geografia. Tive esse desenvolvimento de treinar e falar com o público. A questão de conhecer novas pessoas, estimular e valorizar o guia. E o conhecimento em si que foi adquirido. E isso fez eu me interessar pela Paleontologia, tanto que minha pós é em Paleontologia.¹⁴⁴

Ora, é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história (OLIVEIRA, 2013, p. 42 *apud* ORÍA, 1998, p. 139).

¹⁴³ Entrevista realizada com a professora CAPM no dia 02 de fevereiro de 2019.

¹⁴⁴ Entrevista realizada com a professora MCGA no dia 02 de fevereiro de 2019.

TOADA

UM MUSEU NA MINHA TERRA¹⁴⁵

A vida no sertão é dura
terra de gente trabalhadora
a esperança no olhar
no semblante de alegria e amor
e no meio da chapada
um rico acervo cultural.

Quem podia imaginar
e quem diria hoje contar
que nessa terra existia dinos gigantes
o Museu vem resguardar
traz aqui pro meu lugar
gente de toda parte e distante.
mas quer saber de uma coisa?

Plácido e seu grande feito
hoje podemos reconhecer que foi perfeito

Deus o iluminou
uma parte de história
presente na nossa memória
Eita caba que se consagrou.

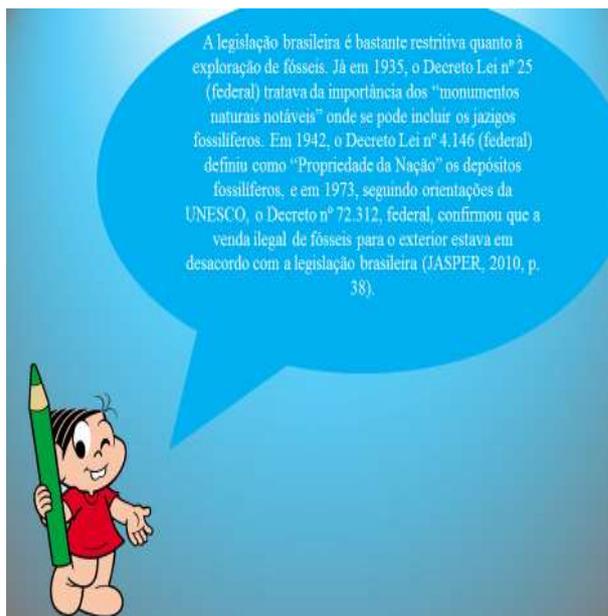
Lugar extraordinário
que podemos visitar
fósseis de todo tipo
para quem quiser estudar
vem gente de todo canto
para Santana prestigiar.

E com essa melodia
posso aqui me expressar
o quanto Santana guarda
um pouco do meu passado
reconheço e agradeço
por morar nesse lugar.¹⁴⁶

¹⁴⁵ Autor e compositor Cicero Lopes Neves, estudante e residente em Santana do Cariri.

¹⁴⁶ Chama-se de Toada um gênero cantado sem forma fixa, que se espalha por todo o Brasil, distinguindo-se pelo caráter melodioso e dolente. Seu texto, entoado de modo cadenciado e claro, é normalmente curto, narrativo e estruturado na forma de estrofe e refrão, podendo ser amoroso, lírico ou cômico. Embora suas características musicais variem bastante, a melodia costuma ser simples e plangente, conduzida por graus conjuntos e em andamento lento, podendo ser cantada em dueto de terças paralelas, sobretudo em áreas de cultura caipira (Regiões Sudeste e Centro-Oeste).

TOME NOTA!



INTERVENÇÕES NAS ESCOLAS

Os alunos demonstraram por imagens ou por meio de narrativas suas visões sobre o Museu, retratando por estes artifícios o modo como o enxergavam. A ideia era tentar fazer que os mesmos eles escolhessem nas suas memórias algo que lhes chamasse a atenção e materializassem em um papel. A declaração partiria da seguinte frase: “*Eu vejo o Museu assim...*”, e por meio de narrativas ou ilustrações os mesmos situariam a dimensão que o Museu abarcava em suas percepções.



Portanto, essa etapa da pesquisa foi extremamente rica, pois possibilitou uma reflexão sobre a importância de proteção ao patrimônio histórico que nossa região é detentora, bem como outros conceitos que foram importantes nessa abordagem, a saber: patrimônio material e imaterial; os tipos de patrimônio local e regional; e, sobretudo, a importância de se proteger nosso patrimônio para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

BRITO, Willian. **Os fósseis de Santana**. IN: A cultura popular no Cariri. Crato: Academia dos cordelistas do Crato, 1996. disponível em: <
http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=co_rdel&pagfis=63285>. Visitado em 20 de dez. de 2018.

GARDNER, George, 1812-1849. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos**

distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841; tradução de Milton Amado, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, ED. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 99-122.

GEOPARK ARARIPE. **Relatório de Gestão.** Crato: Geopark Araripe/URCA, 2015 (Mimeo). Disponível em: <http://www.gr.unicamp.br/penses/wp-content/uploads/2016/04/GeoPark-Araripe.pdf>.

LIMAVERDE, R. **Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe.** Tese de doutorado, Coimbra: 2015.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. **A educação patrimonial no ensino de história.** Rio Grande: Biblos, 2008. Disponível em: <[http://pakaacademicsearch.com/pdf-files/art/135/199-211%20v.%2022.%20n.%201%20\(2008\).pdf](http://pakaacademicsearch.com/pdf-files/art/135/199-211%20v.%2022.%20n.%201%20(2008).pdf)>. Acesso em: 10 de junho de 2018.